

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
Dissertação de Mestrado

Elisandra Barbosa Cabral

Psicanálise e Doutrina Espírita: o percurso de um
desencontro epistemológico e a audição de vozes

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Lingüística
Dissertação de Mestrado

Elisandra Barbosa Cabral

Psicanálise e Doutrina Espírita: o percurso de um desencontro epistemológico e a audição de vozes

Dissertação apresentada ao Curso de Pós -
Graduação em Lingüística da Universidade
Federal de Santa Catarina como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Lingüística

Orientador:
Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva (UFSC)

Florianópolis – Julho – 2008

Que a força do medo que tenho não me impeça
de ver o que anseio.
Que a morte de tudo que acredito não me tape
os ouvidos e a boca.
Porque metade de mim é o que grito, mas a
outra metade é silêncio.
Que a música que eu ouço ao longe seja linda,
ainda que triste.
Que o homem que eu amo seja pra sempre
amado, mesmo que distante.
Porque metade de mim é partida e a outra
metade é saudade.
Que as palavras que eu falo não sejam ouvidas
como prece nem repetidas com fervor, apenas
respeitadas como a única coisa que resta a um
homem inundado de sentimentos.
Porque metade de mim é o que eu ouço, mas a
outra metade é o que calo.
Que essa minha vontade de ir embora se
transforme na calma e na paz que eu mereço.
Que essa tensão que me coroe por dentro seja
um dia recompensada.
Porque metade de mim é o que eu penso e a
outra metade é um vulcão.
Que o medo da solidão se afaste, que o
convívio comigo mesmo se torne ao menos
suportável, que o espelho reflita em meu rosto
o doce sorriso que me lembro ter na infância.
Porque metade de mim é a lembrança do que
fui, a outra metade eu não sei...
Que não seja preciso mais do que uma simples
alegria para me fazer aquietar o espírito, e que
o teu silêncio me fale cada vez mais.
Porque metade de mim é abrigo, mas a outra
metade é cansaço.
Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo
que ela não saiba, e que ninguém a tente
complicar porque é preciso simplicidade para
fazê-la florescer.
Porque metade de mim é a platéia e a outra
metade, a canção.
E que minha loucura seja perdoada.
Porque metade de mim é amor e a outra
metade... também.¹

**Este trabalho é dedicado à Everli, minha mãe, por
ela ser a “tradução do que é o amor”.**

¹ Montenegro, 2004.

AGRADECIMENTOS

No momento em que me sento em frente a uma tela branca com o intuito de agradecer a todos os que me auxiliaram na escrita dessa dissertação ratifico que o conhecimento de muitas palavras e várias línguas sozinho não é suficiente para exprimir as emoções. Talvez por isso usamos tanto a voz e também talvez seja esse o motivo do engasgamento que sinto na ponta dos dedos, pois é *Sangrando*² que digito estas letrinhas.

Quando eu soltar a minha voz, por favor entenda

O meu sincero agradecimento à minha família, que entendeu a necessidade que eu tinha de mudar de domicílio em busca de conhecimentos que aliviassem um pouco minha angústia de não saber.

Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando

Meu muito obrigada a minha avó Teonília que arrumou as malas e prontificou-se a deixar uma vida para trás em Goiânia para me acompanhar em Florianópolis.

Coração na boca, peito aberto, vou sangrando

Agradeço a todos aqueles que me receberam na ilha, entre eles dona Olga, Lúcia, Rogers e Juliana (minha primeira visita).

São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando

Meus sinceros agradecimentos ao Maliska por me sugerir o orientador, a todos os professores que de alguma maneira contribuíram para que eu seguisse em frente e, em especial, ao Fábio, meu orientador, que me aceitou como orientanda e com isto o desafio de respeitar minha vontade, mesmo que não fosse exatamente a dele, ensinando-me que o respeito é a base de todas as relações.

Quando eu abrir minha garganta e essa força tanta

Obrigada a Maiêutica que me recebeu como aluna na formação em psicanálise, a todos os centros espíritas que me receberam de portas abertas e a todos aqueles que sendo vozes ouvidas e, às vezes vistas, adicionaram experiências e vivências acerca do tema, como o Cícero, o Ismael, o Paulo e o Márcio.

Tudo que você ouvir esteja certa, eu estarei vivendo

² Gonzaguinha, SD.

*Veja o brilho dos meus olhos e o tremor das minhas mãos
E o meu corpo tão suado, transbordando toda raça e emoção*

Alguns ainda que não opinassem quanto à temática, vendo a importância dela para mim, corrigiram meus escritos. Cassandra, Gustavo e Fábio Dias, meus sinceros agradecimentos, não só por isso, mas por isso também.

E se eu chorar e o sal molhar o meu sorriso

Obrigada vovó Arina, por seu apoio incondicional.

Não se espante, cante, que teu canto é minha força pra cantar

Obrigada a todos os que acreditam em mim e que torcem pela minha vitória, meus amigos, com mais expressividade Aniel, Eluza, Emanuelle, Maico, Maria Madalena, Mônica, Rafael e Ricardo lo Feudo. Vocês são um dos grandes motivos que me levam a seguir em frente.

Quando eu soltar a minha voz por favor entenda

Agradeço aos professores doutores Carlos Augusto Remor e Sandro Braga por aceitarem o convite para a participação na banca de qualificação e na de defesa final.

É apenas o meu jeito de viver o que é amar...

“Você pode me ouvir?”

	p.
RESUMO.....	01
ABSTRAT.....	02
NA LINHA DO TEMPO.....	03
1ª Parte	06
I) A LINGUISTICA.....	07
1.1)A lingüística e a psicanálise.....	07
1.2)A lingüística e a escuta de vozes.....	08
2) A PSICANÁLISE.....	11
2.1) Histórico.....	11
2.1.1) <i>Freud e sua relação com a psicanálise</i>	11
2.1.2) <i>Associação Livre, interpretação dos sonhos, estudos dos lapsos e atos casuais</i>	14
2.1.3) <i>A chegada da psicanálise no Brasil</i>	15
2.2) Psicanálise e positivismo.....	16
2.3) A psicanálise e a escuta de vozes.....	17
2.3.1) <i>A análise</i>	17
2.3.2) <i>O papel do analista</i>	23
3) A DOCTRINA ESPÍRITA.....	26
3.1) Histórico.....	26
3.1.1) <i>O tríplice aspecto</i>	27
3.2) Espiritismo e positivismo.....	30
3.2.1) <i>O professor Rivail e a codificação do espiritismo</i>	30
3.2.2) <i>O método de positivista de Kardec</i>	32
3.3) O programa científico de Lakatos.....	36
3.3.1) <i>O programa científico espírita</i>	37
3.4) A concepção de Thomas Kuhn.....	39
3.4.1) <i>O paradigma espírita</i>	41
3.5) Espiritismo e a escuta de vozes.....	43
3.5.1) <i>A obsessão</i>	45
3.5.2) <i>A mediunidade de audiência</i>	47
3.5.3) <i>O mecanismo físico da interferência das vozes</i>	47
3.5.4) <i>O tratamento</i>	51

3.5.4.1) <u>As sessões mediúnicas</u>	53
3.5.4.2) <u>O papel do doutrinador</u>	57
2ª Parte	58
4) NAS FRONTEIRAS DO IMPOSSÍVEL.....	59
5)A POSIÇÃO DA PSICANÁLISE E DO ESPIRITISMO ENTRE SI E DIANTE DAS CIÊNCIAS ORDINÁRIAS.....	63
5.1) Psicanálise e as ciências ordinárias.....	63
5.2) Espiritismo e ciências ordinárias.....	64
5.3) Psicanálise e espiritismo.....	66
5.3.1) <i>A relação de Freud e Kardec</i>	66
5.3.2) <i>A conceituação como ciência</i>	70
5.3.3) <i>A adoção do positivismo</i>	73
5.3.4) <i>A relação com os sonhos</i>	73
6) A ESCUTA DE VOZES: O ACOLHIMENTO DO SUJEITO QUE ESCUTA VOZES NA PSICANÁLISE E NO ESPIRITISMO COMO TEORIA E PRÁTICA.....	75
6.1) Predisposição à loucura.....	75
6.2) As artimanhas estruturais do inconsciente com a voz.....	78
6.3) A voz no R.S.I.....	80
6.4) Ser voz: A passagem do sujeito-objeto e suas relações dentro e fora.....	81
6.4.1) <i>A voz na histeria e na mediunidade</i>	81
6.4.2) <i>A relação sujeito-objeto</i>	82
6.4.3) <i>A relação do objeto com o espaço localizado</i>	84
6.4.4) <i>A relação do objeto com o tempo</i>	85
6.4.5) <i>A voz como médium</i>	86
6.5) Os efeitos da voz.....	87
6.5.1) <i>A voz como efeito de retorno</i>	87
6.5.2) <i>A voz como efeito do sintoma</i>	87
6.5.3) <i>A voz como efeito do significante e o corpo físico</i>	89
6.5.4) <i>O efeito da voz na identificação do eu</i>	89
6.6) O tratamento: sessões mediúnicas e análise.....	93
3ª PARTE	95
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	99

“Torna a olhar e examina o que naturalmente sucederia se os prisioneiros fossem libertados de suas cadeias e curados de sua ignorância. A princípio, quando se desate um deles e se obrigue a levantar-se de repente, a virar o pescoço e a caminhar em direção à luz, sentirá dores intensas e, com a vista ofuscada, não será capaz de perceber aqueles objetos cujas sombras via anteriormente; e se alguém lhe dissesse que antes não via mais do que sombras inanes e é agora que, achando-se mais próximo da realidade e com os olhos voltados para objetos mais reais, goza de uma visão mais verdadeira, que supõe que responderia? Imagina ainda que o seu instrumento lhe fosse mostrando os objetos à medida que passassem obrigando-o a nomeá-lo; não seria tomado de perplexidade, e as sombras que antes contemplava não lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que agora lhe mostram?”

(Platão, 1964, p.204).

1.1) A lingüística e a psicanálise

“Só há estrutura do inconsciente na medida em que o inconsciente fala e é linguagem. Só há estrutura dos corpos na medida em que se julga que os corpos falam com uma linguagem que é a dos sintomas.”

(Deleuze *apud* Borges Neto, 2004, p.96).

A ligação da psicanálise com a lingüística não é inovadora. Alguns psicanalistas compreendem e pesquisam o que é a lingüística e estudam diferenciados temas a respeito da ligação entre as duas frentes de conhecimentos. Maliska (2003), por exemplo, estuda a relação do real com a lingüística de Saussure. Muito antes, o próprio Lacan, exímio seguidor de Freud, inverte a ordem de significado e significante saussuriano, para formular sua teoria. Dessa maneira, pretende atingir o âmago do ser humano, e decifrar suas atitudes frente a diversas situações por meio do uso de sua fala. Há um trabalho imaginário de semântica e pragmática quando se ouve um enunciado, mas o sentido da macrolingüística é ultrapassado quando se analisa as atitudes que o falante apresenta diante de tais enunciados. A significação destes ocorre não por sua interpretação *ipsis literis*, mas sim, por um contexto de outras significações e da história de cada paciente. O estudo da lingüística possibilita a investigação da realização da ligação entre a psicanálise e a lingüística, trabalhando em um limiar propício tanto a estudiosos da psicanálise quanto a lingüistas.

A cura pela fala que pode ocorrer em um *setting* terapêutico depende da semântica e da pragmática³. Um silêncio, um suspiro, um olhar, um gesto: muitas vezes qualquer um desses atos é mais significativo do que a fala. Entretanto, sem a oralidade, ainda que seja possível, a comunicação entre analista e paciente é extremamente complicada. Quando começa a falar de si mesmo é que o paciente se propõe a cura (se é que a cura é possível). Não falamos de uma cura médica, nem definitiva, mas de uma progressão na reversão do sintoma do paciente, de suas atitudes, de sua fala, mas

³ Ou seja, do sentido e do uso do sentido no enunciado.

essencialmente do que diz sua voz. O ambiente da terapia propicia ao falante usar de um sistema lingüístico para falar de sua linguagem mental, para expor o que está em seu âmago, suas recordações, seus acontecimentos marcantes que estão todos guardados cuidadosamente em seu inconsciente sob a forma de linguagem. Essa relação com a psicanálise faz da lingüística uma porta para conversarmos a respeito do sujeito que fala e ouve, que se comunica por meio de um sistema lingüístico e produz enunciados eficazes.

1.2) A lingüística e a escuta de vozes

As vozes que se ouve e que são ouvidas. A forma da escrita e/ou da colocação verbal não importa, apesar de falarmos de lingüística, ou de uma quase lingüística.

Quase, talvez por nos referirmos a um aspecto que de alguma maneira falha e falta nessa ciência. Por falarmos das vozes que falam e de inferirmos divagações daquilo que Cláudia de Lemos (2006) chama de *Hesitações de Saussure*.

Dessa forma, é possível uma aproximação entre a lingüística e a psicanálise neste aspecto: a fala, os sons da fala humana, o falado, a voz.

Há inúmeras maneiras de se entender o falado, ou melhor, o dito, mas fatalmente ele é um falo! Na voz, na prosódia, no indivíduo, na lingüística e na psicanálise. Porque associando-se *a priori* o que sobra da alienação do sujeito pela língua embrionariamente observada por Saussure (1972) ao objeto a ser descrito e analisado por Lacan (a partir de 1953) a linguagem é concebida como estruturante do inconsciente do sujeito - um sujeito dividido por força da linguagem entre minimamente consciente e inconsciente -, e o indivíduo falante (ou audiente) é tido como objeto.

Falemos deste não-sujeito, o indivíduo, objeto de uma constelação, de um enxame de significações que permanece suspenso até o ápice final de sua audição; e que,

portanto, tem que ser analisado como objeto de um universo significativo, obscuro, misterioso e enigmático: o mundo da alucinação verbal.

O alucinado verbal, ao ser atravessado por essas significações sonoras (voz), adentra um “caminho irreversível”⁴. Ele não tem a opção de escutar não ouvindo. A linguagem o captura e ele torna-se objeto de uma alucinação auditiva que ele mesmo produziu.

Então o alucinado é linguagem! Uma linguagem por vezes truncada, extremamente obscura, possível de inúmeras interpretações. Entendimentos estes que são expostos por meio de outra voz que não a do falante, mas a do próprio inconsciente estruturado como linguagem.

A voz torna-se um instrumento do falo, uma incompletude dinâmica, em movimento. Os sons articulados pelos aparelhos fonoarticulatórios são apenas cadeias sonoras carregadas de significados outros que não os especificamente lingüísticos que transmitem as exaltações e as faltas registradas no inconsciente. Entramos no oásis psicanalítico!⁵

Ouvir vozes é um sintoma; está fora do real, do simbólico e do imaginário, apesar de permeado pelo R.S.I. No dizer de Maliska (2004, sp.):

A voz como esta marca infalível do universo simbólico, imaginário e real do sujeito. Simbólico, por estar nestas marcas do ato de fala a simbolização do seu lugar de origem, da maneira como esse sujeito se articula no corpo social. Imaginário por supor a história de vida do sujeito através de sua voz, dessa acentuação que diz imaginariamente quem é este sujeito. Real, pois nesses traços de voz há algo que esta sendo dito apesar do sujeito, aquele aspecto da comunicação que rompe com o querer dizer, sons que dizem por conta própria sem o consentimento do eu.

O ouvir vozes é um objeto do não saber (ou do saber que não se sabe). O analista não sabe o valor de verdade contido na voz que o analisando ouve porque apenas este ouve.

⁴ Irreversível está entre aspas porque se tomarmos que o ouvir vozes do alucinado é irreversível então não se justifica colocá-lo (o alucinado) em ambiente de análise. Utilizamos o termo apenas para demonstrar a não facilidade que se tem em deixar de ouvir vozes pelo sujeito audiente.

⁵ Instrumentos sim, haja vista que a voz produzida fisicamente pelo falante/alucinado compõe apenas um dos veículos de transmissão de uma outra voz “localizada” em uma psiquê e produzida também nela.

O alucinado é constituído pelo não saber do analista que o toma por objeto; é um agente constituinte de um analista permeado por um não-saber psicanalítico devido á sua incapacidade (para o analisando) ou a sua práxis (para o analista) denunciada por não ouvir as vozes inconscientes lotadas na psiquê do outro (analisando).

Há uma conjecturação, um concatenamento de várias vozes inconscientes em uma única voz mais inconsciente ainda: a voz do falante alucinado. Para entender como chegamos a esta conclusão, é necessário voltar no tempo e perpassar a psicanálise com os papéis do analista e do analisando.

2.1) Histórico

2.1.1 - Freud e sua relação com a Psicanálise

“Não pode mais haver dúvida de que ela continuará: comprovou sua capacidade de sobreviver e de desenvolver-se tanto como um ramo do conhecimento quanto como um método terapêutico”

(Freud, 1969, vol. XI).

A afirmação de Freud em relação à psicanálise é exata. A psicanálise, fundada pelo sábio médico, é cada dia mais divulgada e utilizada como forma de tratamento de histerias, neuroses, paranóias e até mesmo psicoses na América Latina. Por isso, vale a pena voltar no tempo e reconstruir a história da criação freudiana e de seu criador.

Sigismundo Scholmo Freud nasceu em 1856 em Příbor no que é hoje a República Checa (em 1877 abreviou seu nome para Sigmund) e foi filho do terceiro casamento de seu pai, Jacob Freud, com Amalie Nathanson. É o menino da casa, haja vista que os outros quatro rebentos são meninas.⁶ Freud era o único filho que tinha um quarto para estudar e tinha bastante incentivo dos familiares, embora não tenha recebido uma educação rígida no lar. Em 1878 conheceu o Dr. Joseph Breuer, de quem se tornou discípulo. Breuer era psiquiatra e tratava suas pacientes histéricas por meio da hipnose. A paciente do Dr. Breuer que chamou a atenção de Freud foi Bertha Pappenheim, conhecida na obra freudiana por Anna O., Histérica, ela tinha 21 anos quando o jovem médico a

⁶ Este fato é bastante especulado, pois alguns estudiosos relatam que ele tenha auxiliado muito as formulações freudianas a respeito da teoria da sedução; o convívio com as irmãs proporcionou ao menino o contato com as dificuldades morais à liberdade feminina da época, facilitando, mais tarde, seu trabalho com as histéricas.

conheceu. O tratamento com o Dr. Breuer durou cerca de dois anos (1880-1882), até que o médico abandonou a paciente desistindo do caso. Freud (1909, p.28) descreve a histeria de Anna O. da seguinte forma:

Tinha uma paralisia espástica de ambas as extremidades do lado direito, com anestesia, sintoma que se estendia por vezes aos membros do lado oposto; perturbações dos movimentos oculares e várias alterações da visão; dificuldade em manter a cabeça erguida; tosse nervosa intensa; repugnância pelos alimentos e incapacidade de beber durante várias semanas (...); redução da faculdade de expressão verbal (...) e, finalmente, estado de 'absence', de confusão, de delírio e de alteração total da personalidade.

A história prévia da psicanálise envolve assim um caso de amor, de desejo, de transferência. Freud envolve-se na teia de relacionamento de Anna O. movido pela inquietação do desejo. Do desejo de que o Dr. Breuer tivesse descoberto a transferência sexual no momento em que Anna O., a paciente que fascinava os médicos que a tratavam - relatou que estava dando à luz ao filho do "Dr. B.". O envolvimento de Freud com essa história foi tão profundo que ele transferiu a responsabilidade e os saberes de sua prática clínica para sua convivência familiar, relatando à sua noiva Martha todo o processo que visualizava e recebendo desta devolutivas. Em meio às correspondências, houve uma em que Martha colocou-se no lugar de Mathilde, a esposa do Dr. Breuer que reclamava a atenção do marido que praticamente dedicava-se em regime exclusivo ao caso de Anna O. O complexo caso de amor envolvendo Breuer, Freud e Anna O. resultou não somente na criação da psicanálise, mas no nome de sua primeira filha, Mathilde Freud, em homenagem à esposa do Dr. Breuer – e conseqüentemente no nascimento do filho do "Dr. Freud" e mais, tarde, no nome de suas última filha, Anna Freud, momento no qual o médico batizou sua criação de *psicanálise*.

De forma que simplificada podemos dizer que o envolvimento de Freud no tratamento hipnótico de Anna O., ele percebeu que havia algo além do que se relatava por meio da técnica, que haveria uma associação que levaria ao desvendamento do caso da paciente; que havia outras relações além das relatadas, que existia uma outra realidade, a realidade psíquica. Estava plantada a raiz da análise.

Em 1885, Freud muda-se para Paris a fim de trabalhar com o médico neurologista Jean-Martin Charcot, que teve relevante importância na elaboração do elemento sexual na teoria freudiana. No entanto, foi somente em 1886 em Viena, que

Sigmund começou a trocar correspondências com o Dr. Wilhelm Fliess, um otorrino alemão. Fundamentou nas cartas, os alicerces da teoria psicanalítica. Dessa maneira, em 1892, Freud abandona as técnicas da hipnose e formula a primeira técnica psicanalítica: a técnica da associação livre. Logo depois a análise de um sonho de Freud transforma-se em um dos métodos mais importantes e uma das fontes de elaboração da psicanálise, exposta na obra “Interpretação dos sonhos”, publicada em 1900. O sonho com Irma, paciente de forma, depois pôde ser comparado ao tratamento de Anna O. , personagem que norteou grande parte do processo de formulação freud-psicanalítico. O sonho passa a ser a via régia para a apreensão do inapreensível, o inconsciente. É a prova de que o homem não tem controle sobre si mesmo.

Freud assemelha-se neste momento a dois grandes pensadores: Nicolau Copérnico, que tirou o homem do centro do universo ao afirmar que é a Terra que gira em torno do sol, e Charles Darwin, que retirou o homem do centro da criação com sua teoria da evolução das espécies. Tirou-se o homem do centro do universo, depois da criação, e o que é talvez um dos mais doídos choques narcísicos, Freud tirou o homem do centro de seu próprio corpo, do controle de sua psiquê, denunciando que ele não é dono de si mesmo, ou, o que é pior, que ele tem que se responsabilizar por aquilo que não é responsável. Desta forma a obra freudiana ficou conhecida mundialmente sendo considerada o terceiro grande choque narcísico no homem por seu próprio criador.

Em 23 de setembro de 1939, aos 83 anos, o pai da psicanálise morreu, provavelmente por uma overdose de morfina que amenizava as dores de uma neoplasia mandibular. No entanto, sua teoria prossegue nas mãos de vários seguidores, inclusive de um dos exímios leitores freudianos, Jacques Lacan.

Nesta dissertação, no então, não explanaremos muito a respeito da obra de Lacan por optarmos pela utilização de conceitos freudiano clássicos usando as obras datadas do século XIX haja vista que também procuramos usar para efeito de comparação as obras espíritas de Kardec, datadas do mesmo século.

Entretanto, salientamos que o conceito lacaniano de inconsciente é crucial para que possamos ler Freud. No decorrer do presente estudo utilizamos algumas citações lacanianas relacionadas à linguagem que estrutura o inconsciente, atitude esta que inclui os conceitos de real, simbólico e imaginário (doravante R.S.I).

2.1.2) Associação Livre, interpretação dos sonhos, estudos dos lapsos e atos casuais

"Se comunicarmos a um paciente uma idéia reprimida por ele em certa ocasião, mas que conseguimos descobrir, o fato de lhe dissermos isso não provoca de início qualquer mudança em sua condição mental. Acima de tudo, não remove a repressão nem anula seus efeitos, como talvez se pudesse esperar do fato de a idéia previamente inconsciente ter-se tornado agora consciente".

(Freud, 1976, p.202).

Por isso os métodos utilizados pela psicanálise levam o próprio paciente à descoberta de seus problemas: enquanto o analisando fala, ele se escuta. A associação livre foi o primeiro método utilizado em uma sessão de análise, o termo livre é quase um chiste de Freud, haja vista que a associação é completamente determinada pelo inconsciente; é livre apenas na medida em que está liberta da consciência. Nesse método o analista solicita ao paciente que relate todo e qualquer pensamento que vier à sua mente, independentemente do relator encontrar neles alguma coerência. Ao fazer essa solicitação o terapeuta acredita que tudo aquilo que se passar pelo pensamento do sujeito estará direta ou indiretamente relacionado ao complexo procurado. As palavras ditas descrevem fatos mais ou menos distorcidos do acontecimento real. "Podemos admitir que seja maior a deformação do elemento procurado quanto mais forte a resistência que o detiver". (Freud, 1909, p. 43).

De forma análoga os sonhos também sofrem modificações inconscientes, tornando-se um misto de fantasia e realidade. Freud (1909, p.46) nos assegura que "a interpretação dos sonhos é na realidade a estrada real para o conhecimento do consciente, a base mais segura da psicanálise" porque quem sonha nem sempre acha confuso ou incompreensível tudo aquilo que sonhou, apesar de não saber a exata significação do sonhado, assim como a histérica não reconhece o significado de seus sintomas, para citar apenas um exemplo.

O estudo dos lapsos de memória e dos atos casuais segue esse processo de deturpações e sintomas. De maneira que independentemente do material analisado - o dito da associação livre, o relato do sonho, ou a visualização do ato falho ou ato casual – o analisando é interpretado por aquilo que diz, por aquilo que escapa de sua palavra, de sua linguagem, ele é interpretado por meio do significante de sua voz. E o psicanalista baseia-se

nos significantes do paciente para realizar sua análise. Mas, para tanto, é necessário compreender bem as palavras de Freud e de seus seguidores e não foi exatamente assim que aconteceu no Brasil.

2.1.3) A chegada da psicanálise no Brasil

No Brasil o precursor da psicanálise foi o professor da faculdade de medicina de Salvador, Juliano Moreira, que em 1899, já apresentava artigos de Freud em suas aulas. No entanto, foi Genserico de Souza Pinto, médico cearense, quem defendeu a primeira tese psicanalítica no Brasil, sob o título “Psicanálise – a sexualidade nas neuroses”, em 26 de dezembro de 1904.

Já em 1920, Francisco Franco da Rocha, principal autoridade científica e didática da psiquiatria em São Paulo, publicou “A doutrina pansexualista de Freud”, que é o modelo do mais comum engano da interpretação brasileira de psicanálise: o tratamento da sexualidade como a via do inconsciente. Para Freud, esta via é acessada eminentemente pelos sonhos, mas também o pode pelos mitos, atos falhos, pela amnésia, entre outros. E o “engano” de Franco da Rocha é tão grande que “... a atribuição de pansexualismo sempre foi criticada e nunca foi aceita pelo próprio Freud. No entanto, Franco da Rocha a adotou como sendo uma leitura verdadeira da psicanálise” (Sagawa, 2007, sp).

O pioneiro brasileiro da psicanálise, Durval Marcondes não cometeu o mesmo equívoco dos precursores. Voltou seus estudos da doutrina de Freud para seus pacientes em consultório, montado logo após sua formatura em medicina, no ano de 1924, data em que também ajudou a formar a Sociedade Brasileira de Psicanálise da qual foi eleito secretário, mas exerceu na realidade o cargo de presidente. Esta sociedade tinha por objetivo a divulgação da psicanálise e era a sede de debates científicos de seus adeptos. Em 1928, Marcondes participou de dois eventos importantíssimos: da fundação da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - local onde o número de adeptos freudianos era significativamente maior do que em São Paulo -, e da Revista Brasileira de Psychanalyse, na qual começou a publicar desde o primeiro número.

No entanto, nos moldes científicos da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), o reconhecimento da primeira filial brasileira só ocorreu em 1951, no

Congresso Internacional de Amsterdam. A fundação foi atribuída a Dra. Adelheid Koch, psicanalista emigrada da Europa no Brasil, que montou um *Study Group* em 1943 em São Paulo. O nome da filial brasileira ficou oficializado como Sociedade Brasileira da Psicanálise de São Paulo.

Desde então a psicanálise está em crescimento no território brasileiro. Tendo a frente de trabalho freudiana, a frente composta pelos adeptos da IPA e a frente constituída pelos membros das sociedades lacanianas e Freud-lacanianas.

2.2) Psicanálise e positivismo

A ciência do século XIX era o positivismo. A psicanálise vem das ciências ordinárias com o objetivo de entender aquilo com que estas não conseguem lidar: a psiquê humana. A teoria psicanalítica é, pois, uma continuação da atividade médica freudiana⁷, que se interessa em pesquisar algo que a medicina ainda não conseguira explicar. “Freud partiu da clínica; das relações que se estabeleciam entre ele e os pacientes, para elaborar modelos interpretativos; teorizar” (Di Santo, 2007, sp).

Para ele, o sintoma do paciente é causado por um trauma psíquico, que, por sua vez é determinado por cenas pregressas da própria vida do analisando⁸. Assim, Freud localizou o tempo do trauma num misto de presente – por meio do sintoma – e passado – pelos acontecimentos marcantes de forma que um trauma gera um sintoma. As reflexões de Chnaiderman (1989) nos mostram que Skinner em sua obra “*Psicanalíticos critic of the concepts and theories*” (Crítica dos conceitos e teorias psicanalíticas) insere a psicanálise nos moldes científicos positivistas diante desta consideração. Ele interpreta a teoria freudiana como baseada em uma lei de causa e efeito determinista dos problemas da psiquê humana. Podemos traçar algumas considerações a esse respeito.

⁷ O que não implica que a psicanálise seja uma continuação da medicina.

⁸ No início da teoria psicanalítica, na obra Estudos da histeria de 1893.

A primeira delas refere-se ao fato de que a partir do momento em que não é o acontecimento traumático que gera um sintoma, mas sim, vários deles coligados, o que derruba o determinismo da lei causística. Não há mais, necessariamente apenas uma causa para o sintoma, mas várias delas podem convergir para um mesmo sintoma. A variedade das causas propostas por Freud é muito grande porque ele as coloca como podendo ser análogas e repetidas, o que significa que também podem não o ser. Diversas cenas a princípio aleatórias e muito diferentes do passado podem gerar um único trauma. Freud explica esse caminho de formação do trauma por meio de deslocamentos e condensações, o que possibilita o agregamento de várias cenas em uma única exacerbação exterior.

Outra observação que se faz é a respeito do tempo. Skinner se esquece de que para Freud o tempo não é cronológico, mas sim, lógico; o acontecimento só tem um real e importante significado para o analista e para o sujeito depois de interpretado, ou seja, um fato só tem valor depois de ocorrido e interpretado e não precisa ter, necessariamente, uma causa antes de ocorrer que seja importante. Essa é a noção a que Freud atribuiu o nome de *Nachtraglich* que nada mais é do que “um depois sobredeterminando um antes” (Chnaiderman, 1989, p.14). Assim, não é um trauma que leva a um sintoma, mas o sintoma, quando interpretado, é que pode levar ao trauma. Com a ordem de significação invertida, o fator tempo, tira a psicanálise do enquadramento da Lei de causa e efeito de Comte.

Tem-se ainda a noção de que cada entrada na análise é um novo caminho; uma nova trilha a ser percorrida pelo analista e pelo analisando, direcionada pelo inconsciente, traduzida pela transferência, e sem localização exata de tempo e espaço. Onde se encontra o único determinismo na sessão de análise? Na associação livre, totalmente determinada pelo inconsciente. No entanto, esse é um determinismo diferente do defendido pelo positivismo. Não há um padrão de associação livre, os pacientes não seguem uma ordem pré-determinada conscientemente de associações de fatos para chegar sempre a um mesmo lugar. Cada paciente relata fatos próprios na ordem lógica de seu inconsciente.

Freud, no entanto, tem um dizer que segundo Belchior (2007, sp) nos leva a entender a psicanálise como positivista, quando relata que “... posso começar dizendo que a psicanálise não é fruto da especulação, mas sim o resultado da experiência; e, por essa razão, como todo novo produto da ciência acha-se incompleta...” (Freud, 1910, p. 36). Pelos ditos de Freud a autora interpreta que a psicanálise é uma ciência positivista, pois a entende como um campo de uma práxis, com um objeto definido, uma formulação e um estatuto conceitual que não partiu de uma teoria; foi montada a partir de relatos de sujeitos

analisados pelo médico. “Se impôs nestes cem anos devido ao fato de apresentar resultados obtidos por uma cadeia viciosa: a escuta flutuante do analista, que presta atenção ao dizer do analisando; o processo de transferência, os objetos, a transição do sujeito; a interpretação do trauma e o resultado da análise.” (Belchior, 2007, sp).

Entretanto, em uma análise mais profunda da teoria psicanalítica, podemos afirmar que a psicanálise não é positivista. Recontamos a mesma história, com os mesmos argumentos e uma diferente interpretação.

Freud constrói sua teoria pautada em casos clínicos de consultório. De um fenômeno específico ele constrói leis gerais. Parte da prática sem ter uma teoria como pano de fundo. Desta maneira, ele aproxima o seu método de construir “postulados” ao método comtiano.

No entanto, se entendermos o método de Freud como positivo, teríamos um grande paradoxo na construção de sua personalidade, pois se o médico frisou tanto que sua descoberta não era ciência, por qual razão utilizaria um método essencialmente científico para descrevê-la? Freud não tinha, pois a intenção de utilizar tal método e se o fez - se assim podemos classificar o método pelo qual foi construída a psicanálise -, seu ato foi inconsciente. O médico, que teve a sensibilidade de perceber em Anna O. que havia um caso de amor que (des)norteava o diagnóstico médico e o médico, além do que a hipnose poderia condicionar, não construiria uma obra tão contraditória.

Para Skinner a psicanálise freudiana é positivista, por ter uma explicação de causa e efeito; no entanto, ao estudar um pouco mais a teoria freudiana, contrastante se torna afirmar determinismos positivistas nela. Não se faz necessário, inclusive, estudar muito para chegar a tal conclusão. Se o processo foi construído com base nos tratamentos de pacientes com sintomas idiossincráticos, como ela pode gerar determinismos comtianos?

A afirmação de cunho positivista na obra de Freud, para nós, representa a noção da amplitude de Comte na descrição de seu método. A generalização das leis, a facilidade em gerar pseudo-determinismos e até mesmo a inteligência de Comte em sistematizar a forma de fazer descobertas variadas da maneira como geralmente ocorrem – da prática para a teoria - como sendo o único método de se fazer ciência. Talvez essa seja a razão de sua teoria ter sido tão aceita no meio acadêmico do século XIX: ou tudo é ciência positivista ou trata de se adaptar para vir a ser! Ou seguia-se o método comtiano ou o pesquisador era “excomungado” da esfera dos conhecimentos ordinários.

O grande mérito de Freud como jovem médico foi esse: construir uma teoria que – mesmo diante de sua resistência em admitir como sua - não utiliza como meio de elaboração as determinações científicas da época. Se, por um lado, as inovações propostas por Freud estavam fadadas a serem desconsideradas pela sociedade científica da época, por outro elas ofereciam suporte para adentrar no mecanismo de funcionamento psíquico humano.

Sigmund abandona a sua muito provavelmente promissora carreira de médico psiquiatra para dedicar-se a um sonho: o sonho de construir as estruturas do invisível, de romper as fronteiras do impossível para a medicina, de comandar o tempo e o espaço, de encontrar o pai de Nietzsche (ou de sê-lo); enfim, o sonho de realizar a psicanálise.

Assim, Sigmund Freud pode ser lido como um menino sonhador, um exímio pesquisador e o pai da magnífica e instigante psicanálise. Ele soube criar aquilo a que se propôs: um processo semiológico e terapêutico diferente, com práticas e teorias não inovadoras, mas flexíveis para serem adaptadas e complementadas a cada paciente, a cada sintoma.

A teoria anti-positivista em uma sociedade materialista foi aceita à moda dos maiores constructos da humanidade, postumamente. E continua em expansão até a atualidade, apesar de ter mudado de lugar já que a psicanálise está em ascensão na América Latina. Portanto, não se pode falar de psicanálise e de Freud sem falar em ousadia e falando-se de positivismo; se há algo que não lhes falta é idiosincrasia.

2.3) A psicanálise e a escuta de vozes

2.3.1) A análise

"O trabalho de análise necessário para o esclarecimento completo e cura definitiva de um caso mórbido não se detém nos episódios contemporâneos da doença; retrocede sempre, em qualquer hipótese à puberdade e a mais remota infância do doente, para só aí topar as impressões e acontecimentos determinantes da doença ulterior".

(Freud, 1909, p. 53).

A análise envolve o tempo e o espaço físico determinado pelo psicanalista para tratar do paciente. Nela é que os atos falhos, os sonhos e as associações livres são interpretados pelo terapeuta à luz de seus conhecimentos. Se o inconsciente é o lugar do outro, a análise é o lugar do inconsciente.

Durante as sessões o paciente normalmente deita-se em um divã e sem ter a visualização física do terapeuta relata livremente o que lhe vem à mente relacionando fatos pretéritos e outros quase presentes, contando sonhos e esquecimentos cotidianos. Por meio da voz é que o inconsciente ultrapassa a barreira da resistência para chegar à consciência. No entanto, o processo não é tão simples como parece.

Os complexos quando sofridos são interpretados sob forma de linguagem no inconsciente. Neste são reformulados, aglutinam-se com outras informações não conscientes, deslocam-se de foco, condensam-se em algum outro lugar dentro do mesmo inconsciente que cria uma barreira para proteger o paciente do desprazer impedindo que ele se recorde plena e conscientemente dos fatos ocorridos. A psicanálise denomina esses complexos de "reprimido" e essa barreira de "resistência".

Esta é controlada pela repressão. A repressão é uma força que faz com que o paciente armazene no inconsciente os fatos marcantes de sua história e que depois dificulta que eles retornem para a consciência por meio do comando a barreira da resistência; sua causa é a "incompatibilidade entre a idéia e o ego do doente". (Freud, 1909, p. 39). E o ego é justamente o desejo do indivíduo delimitado por sua formação ético-moral e religiosa.

Quando fala sob a técnica da associação livre o paciente sem saber relaxa a barreira da resistência; vai deslocando informações conscientes, misturando fatos ocorridos no tempo quase presente e, aos poucos realiza o mesmo processo do inconsciente de forma inversa: os fatos "presentes" vão movimentando-se em busca de outros não tão presentes, aglutinando-se, procurando "aleatoriamente" complementos, condensam-se e, quando, teoricamente seriam estocados no inconsciente, terminam por já terem retirado de lá algumas informações. Uma parte do reprimido transpassou a barreira da resistência e condensou-se com os fatos presentes, e antes que a repressão recupere essas informações algo já traiu o sujeito: sua voz, determinada pelo inconsciente.

A voz do analisando já relatou esse processo haja vista que foi realizado em voz alta, como se o paciente estivesse falando sozinho. Ele sabe que está em uma sessão de análise, que há um terapeuta ali, mas ele não o vê, está deitado, relaxado e pode

esquecer-se dele por alguns instantes e é nesse entretempo em que conjectura com seu inconsciente que sua voz lhe denuncia.

Com esse material do dito é que o analista trabalha. Quando o paciente se vê traído já realizou sem saber a transferência de seu inconsciente para a figura do analista; sentimentos bons e ruins para o paciente, sensações de felicidade e angústia, nostalgia e presença são personificados e personalizados na representação da pessoa do analista, que passa a ser a explicitação do ódio ou do amor. A imparcialidade e a rigidez do terapeuta nesses momentos é o que permite a ele permanecer no mesmo espaço físico do falante e intervir nesse processo. Sua devolutiva nesse instante é extremamente perigosa porque muito provavelmente sua palavra terá muito mais significado do que significado assim como as do paciente quando as pronunciou.

Dessa maneira está invertido o traço de Saussure. O significante toma a cena e relega ao significado um papel inócuo. Essa inversão só é possível porque o complexo inconsciente está nesse momento na esfera do real, e o psicanalista só sabe identificar essa localização devido ao fato de o principal veículo de explicitação do inconsciente ter exercido o papel de sintoma, em outras palavras, o analista sabe porque a voz lhe disse.

Algumas fronteiras são rompidas nesse instante: a interna é a do inconsciente com o consciente no limiar da resistência; as externas são muitas, mas aqui citamos três: (i) a da fonoaudiologia que propõe a cura da fala ao tentar torná-la inteligível com a psicanálise que "cura" pela fala por utilizá-la como meio de comunicação entre consciente e inconsciente; (ii) a da lingüística que valoriza demasiadamente o significado com a psicanálise que dedica mais valor ao significante; (iii) e a da História que tem o tempo cronológico enquanto a psicanálise trabalha com o tempo lógico do paciente que retorna ao passado andando em sua própria história no tempo e espaço que seu inconsciente determina.

Apesar de tantos rompimentos científicos, temporais e espaciais, tem-se uma personalização da análise. No *setting* terapêutico existem apenas duas pessoas físicas: o analista e o analisando. Cada sessão diferencia-se da outra por meio das traduções do inconsciente do paciente. Um inconsciente personificado, que parece inclusive ter vida própria e comandar-se por si mesmo como se fosse outro indivíduo, mas que não existe sozinho, que é fruto de uma história singular, de um sujeito único e suas impressões significadas como prazer e desprazer ao longo de sua vida, e que ainda assim esse sujeito

não controla. O inconsciente analogamente ao analisando não é independente, não comanda totalmente a si mesmo (se o fizesse não seria possível a análise) e nem tem o controle total sobre o sujeito a não ser no momento da associação livre assim como o sujeito não é dono completamente nem de si e menos ainda de seu inconsciente.

Com muitos ouvidos e escutas as sessões de análise prosseguem com apenas um analista e um paciente em uma relação idiossincrática. Para organizar esse montante de informação existe apenas um indivíduo, o analista; para tanto discorreremos um pouco a respeito de seu papel e de sua formação.

2.3.2) O papel do analista

"O psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental. Para ele não existe insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas. Antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisso; está até disposto a aceitar causas *múltiplas* para o mesmo efeito, enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com uma única causa psíquica".

(Freud, 1909, p. 50).

Por esses e outros motivos, o analista não é um simples sofredor comum. Tenta sê-lo, mas para tanto é necessária um frieza quase sobre humana. A tentativa que se faz ao tornar-se analista é a de que esse sofrimento seja pessoal e intransferível à pessoa do analisando.

O terapeuta não deve sofrer pelo paciente ou com o paciente, mas sim por si mesmo. Seu mal estar é advindo do saber que ele não sabe, da incerteza do melhor desenrolar da sessão e seu ponto de partida e de chegada, da angústia de não poder de logo voltar no tempo junto com o paciente não para impedir o elemento de desprazer, mas para buscar a visualização do fato real e a exata significação que o inconsciente do analisando realizou para a formação do complexo procurado. Enfim, o analista é movido por algo que lhe angustia: o desejo. O desejo de saber e o de não saber, um desejo paradoxal, complexo, incompleto e que jamais se finaliza. Um desejo que sofre ao determinar a alta das sessões e que frustra-se ao simples término de cada uma delas.

O desejo que move o analista é o mesmo que o impede de prosseguir. O desejo de descobrir a mente do outro demonstra o quão doloroso pode ser a curiosidade de descobrir-se e ter que reinventar-se para poder conviver consigo mesmo. Portanto, não é fácil tornar-se analista e nem tão simples também. Não é analista quem quer, mas quem pode.

A começar por Freud (1909) que no início da psicanálise chegou a dizer que para tornar-se analista é necessário analisar seus próprios sonhos, essa não é uma tarefa fácil. O nível intelectual exigido é grande porque a profissão mexe com material humano e acima disso, com a mente, com o invisível, com o inconsciente.

Com a criação da IPA, em 1910, Freud tenta sistematizar a formação do analista. No entanto, mal interpretado por seus seguidores termina por abandonar a instituição que criou e conclui não ser tão fácil ser psicanalista.

Lacan, nesse sentido, afirmava que o psicanalista se autoriza por si mesmo e posteriormente completou o pensamento dizendo que por si mesmo e por alguns outros. Embora este seja um tema polêmico, a formação do analista pode ou não passar pelas Instituições Psicanalíticas. Sem delongas, neste estudo defendemos que é importante o pretense terapeuta realizar um curso de formação institucional para que possa preparar-se teoricamente para se deparar com o seu inconsciente e com o inconsciente do analisando.

Para abordar a formação do analista, tomaremos, como por exemplo, a Instituição que se chama Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica. Na Maiêutica o curso de formação tem a duração de três anos com diversas disciplinas em aulas semanais ministradas por psicanalistas da própria instituição. A matéria ministrada, em sua maior parte, consiste nas obras de Freud, Lacan e estudos de Caso. Em complemento à formação, a instituição oferece algumas atividades que acontecem periodicamente como a Série Debates (que visa discutir e teorizar a respeito da clínica psicanalítica), a Fábrica de Casos (espaço para discutir casos clínicos), os Cartéis (grupos de estudo propostos por Lacan para investigar temas pré-determinados), Escutando imagens: Psicanálise e cinema (uma interlocução da psicanálise com alguns filmes), o Seminário anual com o psicanalista argentino Roberto Harari que estuda um tema por ano, a Atividade clínica com o psicanalista Harari, Espaço de interlocução com outras áreas de conhecimento (realizados em forma de exposições e debates) e Seminários sobre temas afins. Não existem avaliações escritas ou orais na Maiêutica, pois os possíveis futuros psicanalistas são movidos pelo desejo. Pede-se apenas para que a cada final de semestre cada um apresente um trabalho sobre o tema que

escolher para os demais psicanalistas da instituição. Os alunos são fortemente incentivados a fazerem análise (aliás, pressupõe-se isso na formação de qualquer analista) para que entendam melhor o que estudam na teoria. Não é necessário que o analista seja da instituição, o aluno tem liberdade para escolher.

O pré-requisito para entrar no curso é ter interesse pela psicanálise, estar cursando ou ter concluído um curso superior e passar pela entrevista inicial, fazer a matrícula e pagar as mensalidades. Pode parecer fácil, mas não o é. Estudar psicanálise não é algo simples, nem tranquilo e muito polêmico. E essa é mais uma razão para que no término do curso o aluno faça a escolha de filiar-se ou não à instituição a fim de tê-la como o ponto de apoio de sua prática, de suas dúvidas, e também de suas pesquisas.

Após todo esse processo o aluno pode autorizar-se a ser psicanalista e espera-se que possa suportar o peso de analisar alguém ou de pelo menos alimentar o desejo de continuar a estudar a psicanálise.

3.1) Histórico

“Há espíritos?”

(Kardec, 1861, p.19)

A indagação de Kardec reforça a idéia bíblica dos tempos de Moisés⁹, na qual existe a possibilidade de comunicação entre espíritos e pessoas encarnadas¹⁰. E o que são espíritos?

Os vários conceitos que existem, permitem afirmar que “os espíritos são os seres inteligentes da criação” (Kardec, 1857, p. 99) ou “os espíritos são uma das potências da natureza” (idem, p. 102). No entanto, “seja qual for a idéia dos espíritos que se faça, a crença neles se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta desse princípio” (Kardec, 1861, p.19).

Com o intuito de facilitar a compreensão, adotaremos uma simples conceituação explicitada por Kardec (1961, p.17): “Os espíritos são a alma do homem sem o seu corpo físico”. Eles são formados por uma matéria quintessenciada e etérea. Por esse motivo, chamados incorpóreos. A matéria que os constitui é diferente de tudo aquilo que possamos denominar como matéria e por isso é comum chamá-los de imateriais. O espírito “é um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato.” (Kardec, 1857, p.24). Sendo assim, podem eles comunicar-se conosco.

E a comunicação dos espíritos com os encarnados remonta a tempos muito mais remotos do que o início da era cristã. Muitos anos antes de Cristo é possível encontrar, por exemplo, no Vedas¹¹, as palavras do legislador Manou: “Os Espíritos dos

⁹ No caso específico de Moisés, ele se comunicava, certamente, com um espírito superior a quem denominava de Deus. Espírito este que lhe ditou os dez mandamentos como pode ser lido no livro de Êxodo, capítulo 34 versículos de 10 a 27.

¹⁰ Pessoas que ainda estão na carne, ditas humanas e “vivas”.

¹¹ Vedas é o nome atribuído aos quatro livros Sânskritos escritos na Índia (*Rig Veda, Sama Veda, Yajur Veda, and Atharva Veda*), que datam de aproximadamente 1500 A.C, são os primeiro livros religiosos do hinduísmo.

ancestrais, no estado invisível, acompanham certos Brahmas¹² ; sob uma forma aérea, eles os seguem e tomam lugar ao seu lado quando se sentam”. (Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec, 1998,sp). Manou não se referia ao espiritismo que não existia na época, e se proferisse essas mesmas palavras hoje não poderíamos atribuí-la á crença nas obras de Kardec. A história dos Vedas é singular e apenas ilustra a antiga crença em algo além da matéria que se comunica com o homem encarnado. E a sistematização dessas comunicações são o diferencial da doutrina espírita, ou espiritismo, uma ciência, uma filosofia e uma religião.

3.1.1) O *tríplice aspecto*

“O espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia ele compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações”.

(Kardec, 1859, p.50)

Esta doutrina foi codificada por Hyppolyte Leon Denizard Rivail (1804-1869), um notável professor Francês do início do século XIX, que usou o pseudônimo de Allan Kardec.

Embora Kardec não tenha utilizado essa divisão explicitamente, os espíritas atribuem ao espiritismo um tríplice aspecto: Filosófico, científico e religioso.

O cunho filosófico é o mais evidente, pois logo na 2ª edição de “O livro dos espíritos” Kardec acrescentou o subtítulo “filosofia espiritualista”. O termo *filosofia* foi usado pela primeira vez por Pitágoras por volta do século VI a.C. Advindo do grego, *philos* deriva de *philia* que significa amizade e *Sophia* vem de *shopos* que quer dizer sábio. Em sua episteme, filosofia simboliza “amigo da sabedoria” e esse conhecimento era exatamente a “busca da verdade” e, portanto, abrangia a ciência como um todo. Sabemos como nos explicitou Platão, que a filosofia era a fonte de sabedoria e que era entendida e estudada por poucos. Era a única disciplina até o século XV, quando a ansiedade de explicações acerca dos mistérios do universo (céu) levaram ao surgimento da astronomia no século XVI;

¹² Médiuns da época.

no século XVII, a procura pela justificativa da existência pelos números (escola pitagórica) levou ao estabelecimento da matemática; já a química foi oficializada no século XVII pela precisão de corantes; os mistérios da vida humana e de sua evolução, relações e funcionamentos foram os responsáveis pela sociologia, a psicologia, a biologia e a antropologia no século XIX. O elemento em comum nessas consagrações científicas é a necessidade de saber o que se observa, ou seja, as ciências existem por razões concretas. Hoje a química, a física e a biologia são conhecidas em certos círculos como ciências maduras, mas todas derivam da filosofia. O espiritismo tenta mostrar um caminho para que o homem chegue à felicidade. E esse triero é o da “busca da verdade”, o conceito original de filosofia. Dessa maneira, é possível encontrar argumentos filosóficos em todas as obras de Kardec, sobre duas acepções principais:

- a) A acepção ampla, na qual o codificador entende por filosofia “alguma teoria, conjunto de teses ou atividade intelectual que se caracteriza pela racionalidade, e se insere, portanto na tradição da filosofia acadêmica de cultivo do saber pelo saber” (Chibeni, 2003, SP).
- b) A acepção restrita, nas qual “Kardec refere-se a tópicos clássicos tratados pelos filósofos, como a existência e atributos de Deus, a distinção alma-corpo, as idéias inatas, o livre-arbítrio, a objetividade dos critérios morais, etc.” (idem, sp).

Já a religiosidade do espiritismo não deve ser comparada às religiões clássicas. Segundo os espíritas, a doutrina kardequiana é isenta de ritos, cerimônias, gestos, imagens (etc.) tão presentes nessas; prega que o homem deve transformar-se intimamente a fim de seguir preceitos morais e dessa forma atingir a felicidade. Seu cunho religioso justifica-se também pela etimologia da palavra “religião”, que tem sua primeira utilização ainda discutida. Neste estudo consideraremos a conceituação atribuída a Lactâncio em 330 d.C, na qual o termo vem do latim *religare* e significa ligar, prender. Religião é a re-ligação com Deus; em outras palavras, religião é o “conjunto de práticas e princípios que regem as relações entre o homem e a divindade” (Silveira Bueno, 2000, p.667). E os preceitos morais explicitados por Allan Kardec demonstram uma maneira do ser humano se religar com Deus. Portanto, afirmar o aspecto religioso do espiritismo é irrefutável (Chibeni, 2003).

Paradoxal nos aparenta afirmar o cunho científico do espiritismo, diante da afirmação kardequiana de que “o espiritismo não é da alçada da ciência” (Kardec, 1857, p. 36). Kardec certamente não se enganou. Ciência tem epistemologia latina *Scientia* e

significa conhecimento. Kardec utilizou o termo referindo-se ao conhecimento das escolas, às ciências acadêmicas que têm como objeto de estudo elementos mais concretos. Neste sentido o espiritismo não pode ser considerado ciência por seu objeto de pesquisa, pois estuda o elemento espiritual. Quando os espíritas atribuem o cunho científico à doutrina referem-se à ciência do mundo espiritual e por isso o espiritismo não se confunde e nunca se confundiu com as teorias científicas maduras como a química ou a biologia, pois, como relatou Cordeiro (2007, sp): “não temos para apresentar ao mundo o peso de um espírito, ou sua composição química, ou um molde de seus órgãos internos.” De maneira que, “os domínios de fenômenos por elas (doutrina espírita e ciências ordinárias) tratados não coincidem, sendo antes complementares” (Chibeni, 2003, sp) e “A rigor, um espiritismo sem ciência, seria um espiritismo sem mediunidade. “ (Giumbelli, *apud*, Kanashiro, 2007, SP). O espiritismo tem um cunho científico por embutir um programa científico, utilizando um método específico para tal, nas palavras de Chibeni (1999, sp):

Segundo a concepção contemporânea de ciência, o espiritismo é científico devido às características estruturais de sua teoria e o modo pelo qual se relaciona com os fenômenos: malha teórica hierarquizada, coerente e simples, em simbiose com a totalidade dos fenômenos, acopladas regras metodológicas de preservação das leis básicas e de desenvolvimento da teoria.

Portanto, não é lícito dizer que o espiritismo procurou caução na ciência material. Ele não pertence ao domínio desta ciência, apesar de tê-la como exemplo; é, pois, uma ciência espiritual.

Na ciência, e portanto no Espiritismo, a regra do jogo é o livre-exame, o intercâmbio de idéias, a sujeição de todas as propostas à mais vigorosa crítica. Que cada um, pois, investigue o que achar melhor, já que todo fato tem uma certa importância para o nosso conhecimento do mundo. Previne-se, no entanto, de assumir certas teses filosóficas sobre a cientificidade desse ou daquele método, dessa ou daquela disciplina, sem o necessário respaldo em estudos profissionais. (Chibeni, 1999, sp).

Com isso o espiritismo, desde sua criação procura legitimar-se seguindo o modelo das ciências. Sua busca para considerar-se ciência é presente até a atualidade por meio de estudos espíritas.

Essa ânsia de cientificar-se é a razão de todo o percurso que tenta explicitar como correu e ainda ocorreu a tentativa da doutrina espírita de inserir-se no campo científico, realizada neste estudo.

3.2 – Espiritismo e Positivismo

“Duas coisas podem ter uma mesma origem e não se assemelharem de nenhum modo mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe informe contido na semente de onde ela saiu?”

(Kardec, 1857, p. 339).

O espiritismo surgiu no século XIX quando o positivismo de Comte estava em alta. No entanto, antes de falarmos das afirmações kardequianas a este respeito, temos que ter em vista o histórico de seu codificador e sua intenção.

3.2.1 – O professor Rivail e a codificação do espiritismo

A intenção de Kardec não era criar a doutrina espírita, mas, sim, combater os fenômenos tidos como sobrenaturais que ocorriam no mundo do século XIX. Explicamos:

O fenômeno das mesas girantes ocorreu a primeira vez nos Estados Unidos, no dia 28 de março de 1848 na residência da família Fox na cidade de Hydesville e por isto ficou conhecido como *Os fenômenos de Hydesville*. No entanto, apenas em 1854 por meio do Dr. Fortier (um magnetizador amigo de Rivail), é que o professor tomou conhecimento desses fenômenos correntes já na Europa, aceitando a existência deles, haja vista que poderiam ocorrer por algum feito físico. Quando, no mesmo ano, o amigo informou-lhe que as mesas “falavam”, não acreditou, proferindo que “só aceitarei quando o

vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula” (Kardec, *apud*, Chibeni, 1998). Em 5 de maio de 1885, na França, o professor Rivail, como cético curioso, foi até uma sessão das mesas girantes para, de certa maneira, desmascarar o fenômeno, encontrando uma explicação lógica e material para tal. É atribuída a ele a frase: “o sobrenatural não existe”. Surpreendido pelos acontecimentos, não encontrou tal explicação e iniciou uma pesquisa em busca da compreensão deles. Foram os fatos mediúnicos destas mesas que despertaram em Rivail o intuito da pesquisa e o levaram a procurar novas respostas para as inquietações geradas pelo invisível. O professor enviou as mesmas questões para diversos médiuns, com variadas escolaridades, classes sociais, idades, e nacionalidades e sistematizou a Doutrina Espírita, atribuindo à escrita de suas teorias aos próprios espíritos. Em 18 de abril de 1857 Rivail assumiu o codinome de Allan Kardec e publicou o chamado “*Le Livre des Esprits*”, com 501 questões a respeito do espiritismo e contendo um epílogo que anunciava a publicação de um suplemento. Este livro teve sua primeira tradução para o português em 1957 sob o título “O primeiro Livro dos espíritos”.

Em 1860, porém, Kardec abre mão de lançar o suplemento e publica a segunda edição de “*Le Livre des Esprits*”, agora com 1019 questões, forma pela qual é até hoje. Sua primeira tradução para o português foi feita em 1875 como “O Livro dos Espíritos”.

A fim de continuar seus estudos, em 1 de abril de 1858 fundou a “*Société Parisienne des Études Spiritiques*”, comumente chamada por Kardec de “*Société de Paris*”. Com reuniões semanais (às sextas-feiras), a sociedade estudava os fenômenos espíritas e só permitia a presença de sócios nestas sessões, ou seja, não era aberta ao público. A sociedade é considerada hoje o primeiro centro espírita do mundo.

Um dia antes de ocupar o seu quarto endereço - prevista a mudança para 1 de abril de 1869 -, Kardec faleceu de morte súbita. As reuniões na sociedade continuaram sob o comando de Amélie Gabrielle Boudet, a esposa de Allan Kardec.

Kardec, além de vários artigos na “*La Revue Spirite*”, revista criada por ele junto com a fundação da Sociedade de Paris, publicou as obras: *Qu'est-ce que Le Spiritisme* (O que é o Espiritismo) (1859), “*Le Livre des Médiuns*” (O Livro dos Médiuns) (1861), “*L'Évangile Selon Le Spiritisme*” (O Evangelho segundo o Espiritismo) (1864), “*Le Ciel et L'Enfer, ou, La Justice Divine selon Le Spiritisme*” (O Céu e o Inferno, ou, A Justiça Divina segundo o espiritismo: exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual) (1865) e *La gênese, les miracles et les prédictions selon Le Spiritisme* (A

Gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo) (1868). Após sua morte, foi publicado o livro com anotações achadas no escritório de Allan Kardec, sob o nome “*Les Oeuvres Posthumes*” (Obras Póstumas) (1890).

3.2.2- O método positivista de Kardec

“A visão clássica da ciência assume que uma disciplina é uma ciência quando adota um método específico chamado de método científico”
(Cordeiro, 2007, sp).

Kardec utilizou o método positivista experimental para organizar o espiritismo para que este não fosse tido como exclusivamente místico. Os esforços do renomado professor giraram em torno da prerrogativa de que se fazia necessário um método científico para legitimar a doutrina no campo científico.

Por partir do empirismo para chegar à teoria, Kardec afirmou utilizar o método positivista, e, por sua teoria resultar desses fatos, relatou que o espiritismo mesmo dando amplo valor à metafísica, era, como meio de elaboração, uma ciência positiva.

No entanto, depois de elaborado o espiritismo não pode ser considerado positivista porque os fatos mediúnicos analisados isoladamente não são ciência. Outras diferenciações também podem ser traçadas:

O positivismo despreza a metafísica enquanto o espiritismo precisa muito dela. Kardec usou um método material (positivo) para explicar uma ciência espiritual. As ciências materiais não oferecem modelo de comparação com o objeto de estudo do espiritismo. O único determinismo do Espiritismo é a Lei do Progresso, que prega que o homem sempre evolui e nunca regride espiritualmente. Todo o restante de seus ensinamentos depende de fatores variados como, por exemplo, a sintonia, a intenção, a sabedoria, o grau de espiritualidade, entre outros. A intenção compreensiva de Kardec foi que produziu a ciência espírita. Todas essas diferenças conceituais colocam o espiritismo fora do positivismo. Aproveitamos para inseri-lo nos princípios da filosofia fenomenológica e reavaliar a interpretação do método experimental de Kardec.

O espiritismo inclui-se na fenomenologia haja vista que “o estabelecimento dos princípios básicos do espiritismo prescinde completamente do uso de qualquer aparelho e do recurso a qualquer teoria física. O mais fundamental de tais princípios é o da existência do espírito “(Chibeni, 1991, sp), que, além de advir do axioma de que “todo efeito inteligente precisa ter, necessariamente, uma causa inteligente”, tem sua principal comprovação nos chamados efeitos intelectuais, a saber: a tiptologia¹³, a psicofonia¹⁴ e a psicografia¹⁵.

Os filósofos denominam fenomenológicos os efeitos ordinários, o fato de que a Terra existe, a água molha, a chuva cai. Desta forma percebemos que “a inferência espírita diante de um fenômeno de efeitos intelectuais não difere em nada das inferências que fazemos a partir dos fenômenos ordinários” (Chibeni, 1991,sp). Por isso, nomeiam-se estes como princípios fenomenológicos da Doutrina espírita.

Quanto ao método usado, podemos dizer que “não existe um, mas diversos métodos fenomenológicos” (Paviani, 1990, p.41). Em síntese, para Husserl e sua noção de verdade, a atividade descritiva nada mais é do que uma possibilidade de enxergar o descrito do local em que se fala. A tentativa de Kardec de interpretar as mesas girantes foi nesse sentido. Logo, ao se descrever uma atividade fenomenológica, explicita-se uma posição face ao descrito em negação a outro ponto de vista, o das ciências materiais. Dentro na fenomenologia de Husserl, havia a não distinção entre sujeito e objeto, à diferença das ciências materiais. Deste princípio desencadeia-se uma compreensão diferente do que até então estávamos acostumados a tomar como realidade. A não distinção entre sujeito e objeto nos permite uma compreensão mais direta e, portanto, desprovida de interferência de mecanismos interpretativos que possam deturpar o sentido real dos fenômenos, o que realmente ocorreu. A compreensão intuitiva, por exemplo, é uma compreensão direta, desprovida de interpretações da mente. Esta, a mente, é o fenômeno responsável pela dualidade, fragmentação do Real e, portanto criadora de equívocos de compreensão das coisas em si. A compreensão intuitiva se dá em blocos, tudo de uma vez, e não de uma coisa de cada vez, como a compreensão por meio da mente acontece. A fenomenologia entende que a não separação entre sujeito e objeto nos permite uma apreensão mais próxima do sentido correto do Real, ou seja, não dual. O espírito não está separado da matéria; o frio não é distinto do quente; o dentro não existe sem o fora; o negativo não o é sem o positivo; estes são fenômenos cuja separação é aparente. Se

¹³ Tiptologia: comunicação entre espíritos por meio de pancadas.

¹⁴ Psicofonia: comunicação entre espíritos por meio da voz.

¹⁵ Psicografia: comunicação entre espíritos por meio da escrita.

existissem em separado realmente, poderíamos eliminar uma das partes enquanto a outra sobreviveria naturalmente. Um corpo desprovido de alma não passa de uma carcaça inerte, fétida, morta. A luz somente se faz com a existência dos pólos positivo e negativo. A dualidade é aparente. Então como separar sujeito de objeto? As convenções as quais criamos são estreitamentos da realidade, para facilidade da convivência social; são efeitos de um pragmatismo social, são utilitárias. A vida é cíclica: vida e morte; dia e noite; as estações do ano; as chuvas, etc. Se assim é necessariamente, e aqui estamos a tratar de “fenômenos ordinários”, é certo que o espírito em conjunto com a matéria, ou mesmo com o intelecto que nada mais é que a manifestação material de fenômenos além desta, demonstram essa característica ordinária, cíclica, própria da vida. A morte é parte da vida. Nascermos e já começamos a morrer. Vivemos uma média de 70 anos e estes são sob risco de morte. Poderíamos dizer que morreremos 70 anos sob risco de vida. Isto torna ordinária a constatação espírita, incluindo-a, portanto, na fenomenologia.

Para Sartre, quando se nega algum fato, se restringe o descrito a duas categorias: ao ser e ao nada; transpondo para o espiritismo, teríamos as categorias: ao homem e ao mundo espiritual. Mundo este que o homem (des)conhece como sendo tão maior que ele, mas que ao mesmo tempo engloba-o e o submete a seus mistérios. Assim, ao se construir como ser ou como nada, cria-se um ideal (ou não-ideal) que é o descrito *per se*, o ser em si sendo apenas matéria e o ser para si, dotado de um espírito.

Esse ideal restringe o transcendental de Husserl porque reduz o ser a matéria e espírito individual. E a redução “é o retorno da consciência ao mundo” espiritual (Paviani, 1990, p. 34). No entanto, para que esse retorno seja aproveitável é necessária uma reflexão a respeito do descrito. Sendo assim: descrição implica redução (compreensão) que prescreve reflexão (interpretação) e, juntas, descrição-redução-interpretação, formam os pilares básicos do que Merleau-Ponty denominou método fenomenológico, no qual, encaixa-se o espiritismo de Kardec. Afinal o método fenomenológico espírita consiste na:

- i) escolha de colaboradores mediúnicos insuspeitos, tanto do ponto de vista moral quanto da pureza das faculdades e da assistência espiritual;
- ii) análise rigorosa das comunicações, do ponto de vista lógico, bem como o do seu confronto com as verdades científicas demonstradas. Pondo-se de lado tudo aquilo que não possa ser justificado;
- iii) controle dos espíritos comunicantes, através da coerência de suas comunicações e do teor de sua linguagem;

iv) consenso universal, ou seja, concordância de várias comunicações, dadas por médiuns diferentes, ao mesmo tempo e em vários lugares, sobre o mesmo assunto.

(Pires *apud* Mascarenhas, 2007, sp)

Registra-se também que grande número de adeptos da Doutrina passou a crer nela pela simples leitura de “O livro dos espíritos”, não presenciando fenômenos mediúnicos *in loco*, o que ratifica o aspecto fenomenológico da doutrina, nas palavras de Santos (1998, sp): “...a metodologia positivista usada por Kardec foi um meio, e não uma camisa de força que condicionasse a doutrina que nascia.” Apesar da contemporaneidade com o positivismo, o espiritismo nunca trabalhou neste sentido; ele é de filosofia fenomenológica e aproxima-se muito mais de um “programa científico de pesquisa” de Lakatos do que da ciência de Comte (Chibeni, 1988).

3.3 - Programa científico de Lakatos.

Imre Lakatos (1922-1974), o filósofo da ciência contemporânea, construiu um programa científico de pesquisa com o intuito de distinguir o uso do termo teoria de ciência. A partir desses estudos, para ser considerada ciência, a teoria tem que possuir um programa científico composto pelos seguintes tópicos:

- a) Objeto Fundamental (OF): é o objeto principal de pesquisa, em razão do qual todo o estudo daquela teoria existe.
- b) Núcleo Rígido (NR): é composto pelo objeto fundamental acrescido da síntese de idéias que formam a teoria, sem as quais ela não existiria. É imprescindível o consenso universal com as outras ciências nestas idéias. Os conceitos que não compõem o NR devem estar em concordância com as consideradas “verdades” das ciências maduras.
- c) Cinturão Protetor (CP): são os conceitos do consenso universal das ciências ordinárias, devidamente deslocados para a teoria

em questão, sua nomologia própria (quando possuir) e a forma de controle de verdade dentro dela.

d) Heurísticas (H):

d.1) Negativa: são os conceitos da teoria que não podem ser modificados.

d.2) Positiva: são os conceitos e idéias que podem ser alterados de acordo com a necessidade.

e) Fenômenos (F): são os fatos científicos da teoria.

f) Corpo Teórico Fundamental (CTF): é o conjunto de todos os tópicos, ou seja, são os fatos científicos interpretados pelo NR.

3.3.1 – o programa científico espírita

O programa científico espírita, montado de acordo com Lakatos, ficaria da seguinte maneira (vide esquema nº 1):

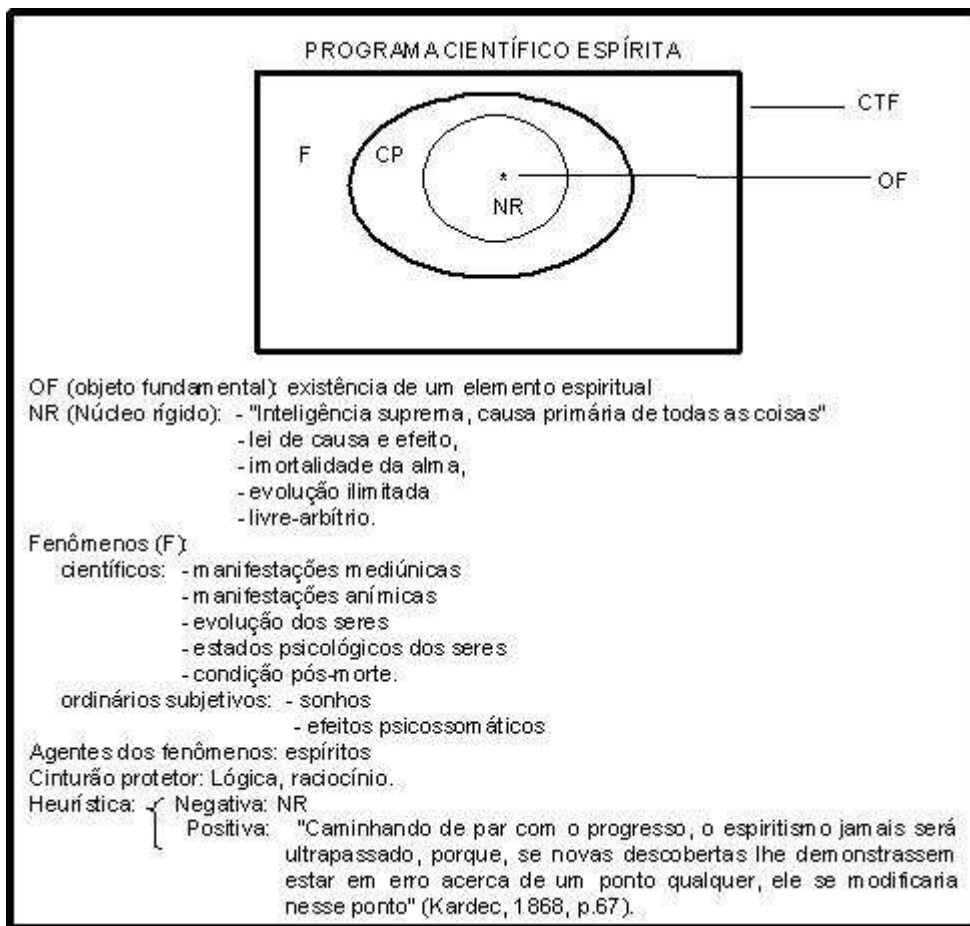
O Objeto fundamental é a existência de um elemento espiritual.

O Núcleo rígido é composto pela “Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (Kardec, 1857, p.66), lei de causa e efeito, imortalidade da alma, evolução ilimitada e livre-arbítrio.

Os Fenômenos científicos são as manifestações mediúnicas e anímicas, a evolução dos seres, seus estados psicológicos, a condição pós-morte, etc. e os agentes deles são os espíritos. Além desses fenômenos, o espiritismo também se apóia em fenômenos ordinários subjetivos como, por elucidação, os sonhos e os efeitos psicossomáticos. É importante dizer que Kardec “acreditava na manifestação dos espíritos pela profundidade e pela lógica do que se discutia e se apresentava, não pela manifestação em si, ou pelas mudanças apresentadas pelos médiuns, seja na voz, ou na postura ou por algum efeito físico concomitante como materializações ou levitação de objetos (Cordeiro, 2007,sp).

O Cinturão protetor é composto pela racionalidade.

A Heurística negativa é o núcleo rígido e a positiva é constituída pelo acompanhamento e pelas assimilações que o espiritismo faz das ciências materiais. Ressalta-se que Kardec não interpretou “O livro dos espíritos” de acordo com as descobertas científicas da época, atribuindo, dessa maneira, a a-temporalidade à doutrina espírita.



Esquema nº 02: Programa científico espírita.

Diante deste quadro, os estudiosos do espiritismo definem quatro grandes áreas de estudo:

- a) Evolução do espírito
- b) O mundo espiritual
- c) Interação espírito-corpo
- d) Implicações morais.

Além de preencher todos esses requisitos para ser considerada ciência, a filosofia da ciência prega que é necessário que a teoria possua as seguintes características:

abrangência, consistência, unidade, e simplicidade, e estas, segundo os espíritas, a doutrina possui, sendo, portanto, considerada ciência.

Nesse contexto ainda, muitos pensadores criticam a colocação do espiritismo como uma ciência por outro aspecto: a reprodução dos fenômenos. Estes não ocorrem aleatoriamente. A esse respeito Barbosa (1977) nos esclarece de que são necessárias condições especiais para a repetição dos fenômenos espíritas porque “eis que decorrem de três vontades independentes: a do médium ou intermediário, a do pesquisador e, sobretudo, a do Espírito, nem sempre à nossa disposição” (idem, sp), de forma que a improvisação de uma experimentação espírita não é possível. O aspecto científico no espiritismo é sustentado por tais observações.

3.4 - A concepção de Thomas Kuhn

“Assim é o caminhar de todas as coisas: ordem-desordem-interação-nova ordem. O caos nunca é absoluto e a ordem, jamais estável.”

(Boff, 1997, p.77).

Na visão de Thomas Samuel Kuhn (1922-1996), em 1962, em sua obra “*The Structure of Scientific Revolutions*” (A estrutura da revolução científica), o critério de demarcação entre ciência e não-ciência atende a uma perspectiva historiográfica, digo, a compreensão de uma teoria deve ser feita partindo-se do contexto histórico-temporal em que ela foi criada. O filósofo americano defende que o desenvolvimento de uma ciência segue uma seqüência aberta que pode ser esquematizada da seguinte forma: 1) Fase pré-paradigmática; 2) Ciência normal; 3) Crise; 4) Revolução científica; 5) Nova ciência normal; 6) Nova crise; 7) Nova revolução científica; 8) Nova ciência normal.

A Fase pré-paradigmática é a fase de definição do objeto de estudo daquela disciplina. São delimitados os princípios, o objeto de pesquisa (problema), o método de trabalho. Em relação à Lakatos seria a elaboração do objeto fundamental e do núcleo

rígido. Nesta fase a disciplina ainda é considerada teoria, não se tendo ainda a ciência genuína.

A teoria recebe um paradigma, entendido por Kuhn como um conhecimento tácito que por meio do exemplo forneça aos pesquisadores um caminho (mapa) para a compreensão do funcionamento (teoria, método, resultados e conclusões) da disciplina teórica e passa a ser considerada ciência

Dessa maneira Chibeni (1994) entende como partes estruturais do todo paradigmático Kuhniano a presença de:

- a) Uma ontologia
- b) Princípios teóricos fundamentais;
- c) Princípios teóricos auxiliares;
- d) Exemplos concretos da aplicação da teoria.

A próxima fase, denominada ciência normal é compreendida por Kuhn como “as pesquisas firmemente assentadas nas teorias, métodos e exemplos de um paradigma” Chibeni (1994, sp). Enquanto não forem encontradas contradições e a abrangência da ciência normal for suficiente para explicar os fenômenos estudados, mantém-se o paradigma sem alterações.

As observações dos fenômenos vão sendo realizadas e “interpretadas” à luz do paradigma em voga. Não é necessário, e seria mesmo um retrocesso, o fato de que um cientista formule uma teoria para cada fenômeno observado, para depois formular leis gerais e seguir todo o método científico da ciência clássica.

Reconhece-se que fatos e teorias estão em constante relação de interdependência, como que em ‘simbiose’, os primeiros sustentando as últimas e estas contribuindo para a sua seleção, classificação, concatenação, predição e explicação. (Chibeni, 1994,sp).

Nota-se que neste instante a perspectiva de Kuhn se distancia mais ainda da concepção de ciência dos séculos XVI a XIX, ao considerar que as observações não podem ser neutras, mas pautadas em algum conhecimento de quem as observa. Quando os fatos observados não conseguem mais ser explicados pelo paradigma vigente, eles passam a ser denominados de *anomalias*, e a disseminação delas coloca a ciência normal em

estado de crise. Sem abandonar o paradigma vigente, os pesquisadores devem adaptá-lo, a fim de explicá-las.

Essas novas explicações promovem o que Kuhn chamou de Revolução científica e voltam a estabilizar o paradigma em uma Nova ciência normal. A essa suceder-se-á um novo momento de crise (Nova crise) que vai gerar uma Nova revolução científica e posteriormente uma Nova ciência normal e assim sucessivamente o paradigma daquela ciência vai se transformando à medida do progresso.

3.4.1 - O paradigma espírita

É possível enquadrar a doutrina espírita nesta concepção kuhniana (Chibeni, 1994). Neste caso, a fase pré-paradigmática tende a ser a mais consensual na ciência espírita. Como já explicitado neste estudo, desde o tempo do hinduísmo se têm notícias de comunicações com espíritos. Entretanto, antes da codificação não havia um caminho científico preciso a ser seguido pelos interessados no tema, que tinham a seu favor apenas fatos subjetivos como a intuição, os sonhos e a própria mediunidade, ou seja: a fé! Ou acontecimentos histórico-místicos como, por ilustração, as histórias ágrafas e os desenhos rupestres. Os escritos mais relevantes eram os de Platão e os ensinamentos de Sócrates, que transmitiam aos discípulos a respeito de variados temas, não se prendendo apenas aos acontecimentos místicos e espirituais. Os politeístas não preocupavam-se com a origem dos deuses, temendo-os antes de estudá-los. Os monoteístas seguiam os dizeres dos profetas sem empenhar-se na investigação de como estes se comunicavam com Deus. Ao tempo de Jesus, tido como o Filho de Deus, nada mais natural do que sua fácil comunicação com o Pai, para os que nele acreditavam; ou uma loucura, uma vontade inevitável de ser rei, para os que não lhe davam crédito ou o temiam. A mediunidade de Jesus não era estudada sistematicamente, mas tem-se que ele foi o maior médium do qual se tem notícia na Terra.

Estes cenários não estudados foram sendo mantidos até que os acontecimentos das mesas girantes chamaram a atenção de Kardec. Foi por meio do trabalho de codificação da doutrina espírita realizado por ele que a comunicação com os espíritos recebeu um paradigma científico.

Kardec formulou as teorias e as leis que regiam suas descobertas, seguindo o passo a passo do método científico regido pelo Positivismo Lógico.

Em *A Gênese* (1868), inclusive, o Codificador faz um ensaio inserindo a doutrina nos moldes positivistas ainda que ela abrace a metafísica. São suas palavras: “As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que também o é às coisas metafísicas...” (idem, p. 29)

O espiritismo foi elaborado com o embasamento científico da filosofia de Comte, sob a ótica de Kardec. No entanto, o pensamento kardequiano historicamente situa-se no século XIX, no qual ainda não existia a nomenclatura e conceitos suficientes para atribuir ao espiritismo o *status* científico além do método comtiano; em outras palavras, a filosofia da ciência não existia.

O progresso da ciência e da história dela, propostos por Kuhn, permitem esta análise, realizada por Chibeni (1994) que ousa um tanto mais ao dizer que o espiritismo hoje, apesar de não ter passado por revoluções científicas, não é positivista.

De acordo com Chibeni (1994), diante de seu tempo, classificar a doutrina como positivista foi a solução encontrada por Kardec para dar-lhe um cunho científico. Atualmente podemos, à luz da ciência contemporânea, reler a codificação espírita como filosofia fenomenológica e interpretá-la como ciência na concepção kuhniana.

Com a explicação a respeito da fenomenologia espírita já realizada anteriormente, explanaremos sobre a concepção do paradigma espírita nos moldes das idéias de Kuhn.

Já foi relatado neste estudo que a fase pré-paradigmática recebeu seu paradigma a partir da codificação. Seguindo as idéias de Chibeni (1994) temos:

- a) Uma ontologia: O Livro dos Espíritos;
- b) Princípios teóricos fundamentais: o Livro dos Espíritos;
- c) Princípios teóricos auxiliares: A Gênese, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O céu e o inferno (2ª parte);
- d) Exemplos concretos da aplicação da teoria: O livro dos Médiuns, O céu e o inferno (1ª parte).

E essas peças associadas formam o *puzzles* da ciência normal espírita. O espiritismo é, nessa concepção, uma ciência normal. No entanto, a sua espiral de progresso

científico nunca foi posta em movimento. Chibeni (1994) justifica isto de duas formas: a primeira é que a doutrina de Kardec jamais acumulou anomalias que gerassem crises, culminando em revoluções científicas que obrigariam os estudiosos a modificar o paradigma original. A malha teórica desta ciência dá conta de todas as questões e evoluções que as ciências ordinárias passaram e lhe exigiram até o presente momento. A segunda justificativa concerne no aspecto fenomenológico do espiritismo, o que lhe concede a alta estabilidade em relação às teorias construtivas, pois seu “grau de teoridade” é bastante pequeno e os ensinamentos giram em torno dos fenômenos.

Com a concepção do espiritismo como ciência, avançaremos para o delimitado fenômeno que escolhemos neste estudo: a escuta de vozes.

3.5– O espiritismo e a escuta de vozes

“Se não fôsseis cegos, veríeis; se não fôsseis surdos, ouviríeis, pois que muito amiúde uma voz vos fala, reveladora de um ser que está fora de vós.”

(Kardec, 1857, p.134).

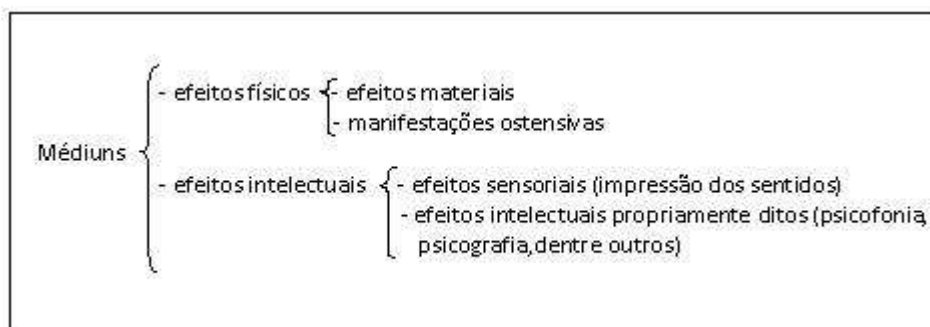
As pessoas que se comunicavam com os seres incorpóreos desde a época dos Vedas, passando pela codificação do espiritismo realizada por Kardec até a atualidade são os intitulados médiuns pela doutrina espírita. Médiun “é toda pessoa que sente, em um grau qualquer, a influência dos espíritos”. (Kardec, 1861, p. 181). Segundo essa conceituação, em uma acepção ampla, a mediunidade está presente em praticamente todos os habitantes encarnados na Terra. Parafraseando um dito popular¹⁶, dizemos que de médium todo mundo tem um pouco.

¹⁶ “De médico e de louco todo mundo tem um pouco.” (autor desconhecido)

No entanto, neste estudo, consideramos médium na acepção restrita, como apenas aqueles que sentem influência do mundo incorpóreo de forma ostensiva nas quais a descoberta da mediunidade ocorre espontaneamente e é inevitável ignorá-la.

Por isso mesmo é importante dizer que, para os espíritas, a mediunidade não é responsável por desequilíbrios orgânicos e psicológicos no médium. O que geralmente ocorre com os médiuns que, por vezes passam por loucos pode ter causas variadas, localizadas no surgimento ou não da faculdade medianímica, porque a mediunidade independe da crença do médium. Não são apenas os espíritas que são médiuns e, quando a mediunidade surge em pessoas que não a compreendem, essas mesmas pessoas podem achar-se loucas. A doutrina espírita defende que muitos dos loucos são, na realidade, médiuns. A posição e a interpretação das pessoas que não acreditam na comunicação entre espíritos (e talvez da família de cada um e mesmo da comunidade médica) em relação aos acontecimentos é um fator importante que pode colocá-las em desequilíbrio psicológico e não a mediunidade em si; pois se assim fosse, analogicamente, podemos dizer que o dom da pintura desequilibraria psicologicamente todo aquele que não soubesse o que é pintar. Para o espiritismo o desequilíbrio orgânico muitas vezes é provocado por remédios e drogas pesadas ministradas nesses médiuns (tidos como loucos) por seus médicos, em especial, os psiquiatras (Luiz, 2004).

. Existem diferentes tipos de médiuns, como explicitados sinteticamente no esquema abaixo:



Esquema 2: Tipos de médiuns.

O tipo de mediunidade que a pessoa exerce, é determinada por fatores orgânicos. Dependendo da localização corporal do sinal mediúnico é que se sabe o tipo de mediunidade. E dentre estes tipos de médiuns e de faculdades mediúnicas, abordaremos neste estudo apenas os médiuns de efeitos intelectuais audientes ou auditivos, ou seja, os

que ouvem vozes de seres incorpóreos. Vozes estas que às vezes e assemelham a uma voz íntima, advinda da consciência e vezes outras são tão claras, ostensivas, definidas e audíveis ao médium que parecem advindas de outra pessoa encarnada. (SIC)

3.5.1 - A obsessão

No entanto, ouvir vozes, para os espíritas, nem sempre é uma tarefa agradável! Muitas vezes os comunicantes incorpóreos são imperfeitos, inferiores, maus, levianos, ou vulgarmente chamados de zombeteiros¹⁷. São vozes que gritam, berram, escandalizam; falas que remetem a fofocas e maus entendidos; mensagens audíveis narcíseas que muitas vezes transtornam quem as ouve e que colocam o médium na posição de louco. Esses processos comunicativos negativos são chamados por Kardec de obsessão.

A obsessão se caracteriza pela comunicação de espíritos inferiores (obsessores) com pessoas encarnadas (obsediadas) e pelo domínio que essas mensagens têm em relação a seus receptores. Elas atingem a todos os tipos de pessoas encarnadas, sejam elas médiuns ostensivas ou não. As principais variantes da obsessão são (Kardec 1861):

- a) A obsessão simples: quando um espírito inferior se apresenta ao médium como sendo o espírito evocado e lhe responde as perguntas, impedindo-o de se comunicar com os espíritos superiores. No entanto, o médium atento logo percebe que se trata de um espírito malfazejo e resolve o problema, cessando a conversação;
- b) A fascinação: o espírito inferior, nesse caso, interfere diretamente nos pensamentos do médium, obstruindo seu senso crítico e dificultando que ele reconheça a natureza das comunicações. O médium sob efeito da fascinação não percebe que está assim. Pessoas que tem idéias (muitas vezes

¹⁷ Classificação kardequiana.

absurdas) fixas na cabeça, que são constantemente ludibriadas por outras, também podem estar sob fascinação.

c) A subjugação: a ação do espírito inferior que subjuga o médium é muito mais ativa do que na obsessão simples e na fascinação. O médium pode ter comportamentos amorais e imorais que sem a obsessão provavelmente não teria e o espírito também pode agir sob o invólucro físico, fazendo com que o médium escreva incessantemente a qualquer momento, saia gritando a qualquer hora e em qualquer local. Atos inusitados socialmente são comuns quando a pessoa está sob este tipo de obsessão. O agravamento deste tipo de obsessão dá-se quando o médium age sob fascinação e perde totalmente o controle de si mesmo. Os laços mentais que unem obsessor e obsediado são tão grandes que se torna difícil desfazê-los. Em pessoas que não têm a mediunidade ostensiva, a subjugação ocorre de forma muito semelhante a do médium.

Nos três casos a doutrina nos apresenta um elo forte de ligação entre o médium¹⁸ e o obsessor. Esse elo é mantido por meio da sintonia existente entre o espírito encarnado e o espírito desencarnado. A comunhão de pensamentos e idéias dos dois é alimentada pelo egoísmo (que em exagero, é conhecido como narcisismo) e pelo orgulho. É uma relação extremamente subjetiva. Diante deste cenário, os estudiosos da doutrina afirmam que a causa dessa loucura é em grande parte devida a falta de esclarecimento do próprio médium.

3.5.2-A mediunidade de audiência

O espiritismo apresenta-nos outro tipo de comunicação mediúnica que é realizada por espíritos chamados superiores, que repassam aos médiuns mensagens de amor e caridade. Independentemente da crença religiosa, a essência dessas mensagens são ensinamentos morais. Elas tocam o íntimo de quem as recebe e é possível, inclusive,

¹⁸ Restringiremos a explanação a respeito da obsessão aos médiuns.

que possam trazer mensagens de entes queridos que já não estejam entre nós fisicamente¹⁹.

Nesse sentido tem-se o famoso médium Francisco Cândido Xavier - conhecido como Chico Xavier (1910- 2002) - que relatava ouvir vozes incorpóreas e com a ajuda delas tornou-se o principal difusor da doutrina espírita no Brasil, elevando este ao status de maior país espírita do mundo. Suas obras também foram traduzidas para diversos idiomas e a demanda é crescente. Talvez por esse motivo, no ano de 2006, ele tenha sido eleito *O Maior Brasileiro da História*²⁰, com 36% dos votos totais²¹.

Dessa maneira, para Chico Xavier, ouvir vozes não era uma doença, mas um presente Divino. Essas vozes ele podia ouvir a qualquer instante, e o espiritismo, desde Kardec, organizou cuidados específicos para elas.

3.5.3- O mecanismo físico da interferência das vozes

E qual a procedência das vozes que o médium audiente ouve obsediado ou não? Di Bernadi (2006) traz um modelo da estrutura mental humana que utilizaremos para responder a essa indagação. Por meio desse arquétipo temos, de dentro para fora:

- a) O espírito puro que é a essência do ser humano. É considerado o Deus em nós, é a luz. Parte do pressuposto de que somos formados pela luz advinda de Deus, e que somos energia vital, criadora. Por esse motivo também temos elementos divinos e um dia chegaremos à perfeição. “Vós sois deuses”, já dizia Jesus (Salmo 82:6).

¹⁹ Desencarnados.

²⁰ Revista Época, 2006.

²¹ Chico Xavier apesar de não ter concluído nem o ensino médio publicou 409 obras psicografadas, sobre diversos assuntos, excetuando-se nessa conta as comunicações de espíritos familiares com seus entes queridos. Suas obras foram parcialmente psicografadas e parcialmente ditadas por espíritos desencarnados como o do cavaleiro romano Emmanuel e do médico carioca de codinome André Luiz.

- b) As lembranças do passado que são constituídas pelo armazenamento de todas as recordações de vidas passadas e de momentos passados da vida atual.
- c) A vida presente que é o saber desta encarnação atual, nossas lembranças desde o útero materno até os dias de hoje.
- d) O espírito que neste estudo adotamos a definição de Kardec (1861, p.17) como sendo: “a alma do homem sem seu corpo físico”
- e) O perispírito: “do grego *péri*, ao redor. Envoltório semimaterial do espírito. Nos encarnados serve de laço ou intermediário entre o espírito e a matéria; nos Espíritos errantes²², constitui seu corpo fluídico”. (Kardec, 1861, p. 17).

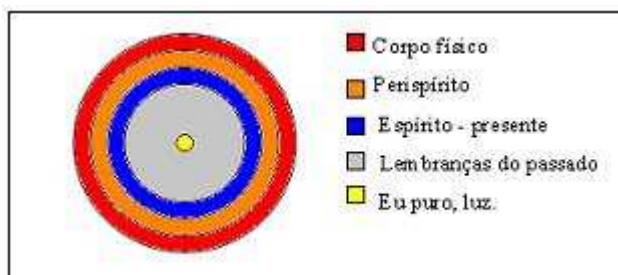


Ilustração 1: modelo de estrutura humana (baseado em Di Bernardi, 2006)

- f) O corpo físico que é o corpo material *per se*. O invólucro que vemos, a carne.

O que ocorre no momento em que é possível ouvir espíritos, segundo Di Bernardi (2006), é a Expansão de Consciência (doravante EC), ou seja, um mecanismo material desencadeado no médium a fim de que ele possa sintonizar-se perispiriticamente com o espírito comunicante. Essa ligação é essencial para que haja a comunicação mediúnica e é denominada sintonia.

O que ocorre na EC é que o médium afrouxa os pontos de conexão de seu perispírito com seu corpo físico ligando-os ao perispírito do espírito desencarnado.

²² Desencarnados

É fundamental deixar claro que o que acabamos de expor não corrobora de modo algum com a idéia popular de que no processo mediúnico o espírito do médium 'sai' e 'dá lugar' ao Espírito comunicante, que passaria então a servir-se diretamente do corpo do médium. (Kardec *apud* Chibeni, 1987, sp).

A mensagem passa sempre, necessariamente pelo espírito do médium, embora este possa não se recordar dele após o transe, o que é bastante raro. Fica a ressalva de que mesmo que não se recorde conscientemente das informações repassadas pelo espírito comunicante, estas permanecem gravadas em seu inconsciente, haja vista que o médium jamais é tratado pelos espíritos (nem mesmo pelos inferiores) como uma máquina, mas sim, como um instrumento pensante. Lembremos de que, para os espíritos, para que ocorra a manifestação mediúnica é necessária a sintonia entre os dois espíritos: o encarnado (médium) e o desencarnado (comunicante) (Ferreira, 2002).

A EC pode acontecer em dois momentos distintos: a) quando o corpo físico ou mental está fragilizado; b) quando a pessoa possui mediunidade ostensiva. Quando, por algum motivo, o corpo físico está fragilizado, esta fragilidade pode estar ligada tanto a uma patologia quanto a um desequilíbrio mental²³. Quando a EC ocorre o espírito obsessor consegue se comunicar com o espírito encarnado acordado. Os espíritos defendem que para resolver o problema da obsessão no médium é necessário que se tenha o controle da EC mentalmente por meio da educação mediúnica e geralmente pressupõem a reforma íntima que consiste na modificação das atitudes morais da pessoa. Dessa forma, por meio da mudança dos padrões mentais do obsediado a EC começa e ser controlada e limitada (Di Bernardi, 2006).

Com os padrões de EC controlados, mesmo que o obsessor tente, ele dificilmente conseguirá comunicar-se e fazer-se ouvido e obedecido pelo espírito encarnado, pois não haverão canais de comunicação abertos de forma suficiente para isto. Tem-se em conjunto ao tratamento do médium as sessões mediúnicas de desobsessão que ocorrem no intercâmbio dos planos materiais e espirituais. A partir disso é necessário que o ex-obsediado ore e vigie. Ore a Deus e vigie suas ações e pensamentos para que a EC não volte a acontecer de forma descontrolada em momento em que sua sintonia não é positiva. Em outras palavras, a EC é controlada pela vontade do médium e da crença de sua fé. (Di Bernardi, 2006).

²³ O LSD, o chá de cogumelos, os tóxicos em geral também podem provocar a EC e abrir as portas para grandes obsessões.

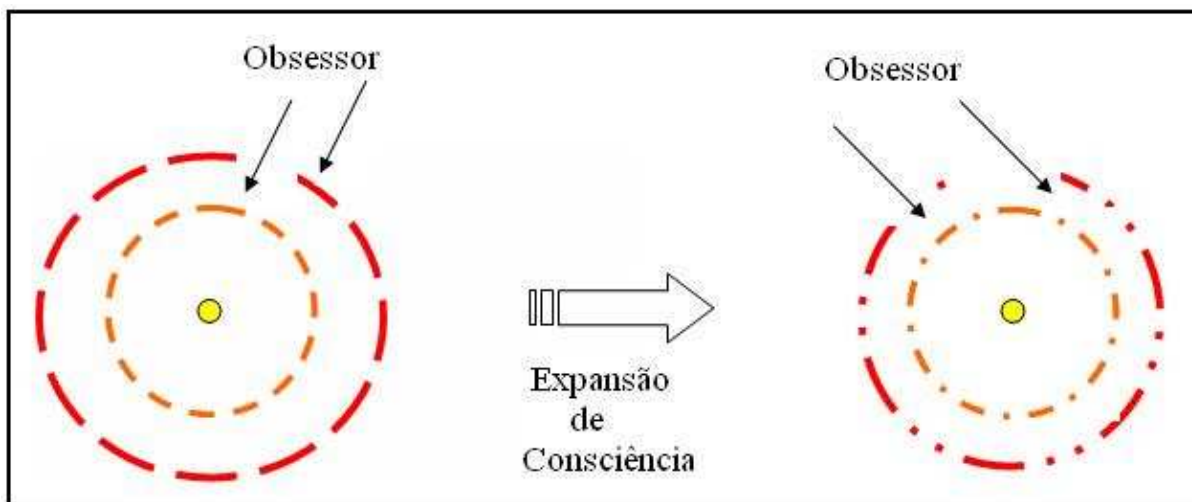


Ilustração 2: ação dos obsessores no corpo mental do médium (baseado em Di Bernardi, 2006)

Outra forma de acontecer a EC, segundo os seguidores de Kardec é a vivência mediúnica. As pessoas que possuem a mediunidade ostensiva realizam a EC quando sãs e não se ligam exclusivamente a espíritos obsessores. A doutrina espírita educa esse médium, para que ele aprenda, paulatinamente, a controlar a abertura e o fechamento da EC, que nele advém naturalmente. O médium tem que aprender os momentos em que deve deixar que a EC ocorra. O não controle da EC faz com que os médiuns ouçam vozes, gritos e ordens invisíveis a qualquer momento. Com isso muitos são taxados de loucos ou alucinados (Di Bernardi, 2006).

Kardec (1861) explica que existem médiuns que tem maior tendência a obsessões e isso não é devido, necessariamente, à sintonia e/ou a falta de oração. São médiuns que possuem a mediunidade de provas²⁴ e estão sujeitos a grandes obsessões em virtude de auxiliarem outras pessoas. Os obsessores geralmente andam em bando. Se um médium trabalha muito na caridade, nas comunicações sérias e instrutivas, seja por psicofonia, seja por audiência, ou por psicografia, ou por qualquer outro mecanismo mediúnico, esse médium possibilita as pessoas obsediadas o acesso a informações de seu problema (obsessão) e isso acaba por impossibilitar ou dificultar muito a execução e a continuação dos processos obsessivos. Chico Xavier relata que temos obsessões em massa na Terra. Se um médium consegue ir, gradualmente, munindo os obsediados de instrumentos e saídas para que eles deixem de ser obsediados, os obsessores não agradar-se-ão dele. Esse médium, mesmo tendo o controle da EC deve orar e vigiar

²⁴ É uma mediunidade muito ostensiva, como as de Chico Xavier, Dilvado Pereira Franco, Yvonne Pereira, entre outros.

incessantemente para que os obsessores não consigam sintonizarem com ele (Di Bernardi, 2006).

3.5.4- O tratamento

Nos casos de obsessão a doutrina espírita trabalha para que essa comunicação entre obsessor e obsediado seja interrompida. Tem-se a obsessão como doença, uma doença da alma. O tratamento ocorre no que se denomina sessões de desobsessão nas quais se reúnem médiuns que evocam o espírito obsessor para que este se manifeste por meio da incorporação e um doutrinador converse com esse espírito tentando chamá-lo á consciência de seus atos (e de si mesmo) e dissuadi-lo de permanecer influenciando pessoas encarnadas.

Os médiuns incorporam os obsessores ou repassam suas mensagens ouvidas e o doutrinador tentar conversar com o obsessor. Esse mecanismo é utilizado para que (Neves *et al*, 1997):

- a) Se tenha a certeza de que a espiritualidade está auxiliando o obsessor.
- b) Por meio do choque que o obsessor leva quando se percebe ouvido por pessoas encarnadas, despertar-se-lhe-á a consciência de seus atos e ainda se lhe propicia que ele ouça palavras doces e amigas de encarnados²⁵.

É importante frisar que os espíritas realizam a desobsessão somente em voz alta. A voz é a vibração. Ela vibra na corrente energética do obsessor. É a voz do doutrinador em voz alta, a leitura dos Salmos, e mesmo as orações feitas em voz alta, que propiciam que as mensagens cheguem á faixa vibratória do obsessor. É a voz o instrumento que atravessa o tempo e o espaço, passando para a dimensão espiritual a mensagem por meio da sintonia da faixa vibratória.

A doutrina acredita que após essas sessões, espiritualmente, espíritos superiores tentam doutrinar o obsessor. A espiritualidade amiga²⁶, por meio de sua equipe

²⁵ No entanto, ele não tem raiva de todos os encarnados.

²⁶ Os Espíritos superiores.

médico-doutrinária vai até o espírito inferior e conversa com ele a respeito de suas atitudes. Não raro, rememoram para o obsessor seus erros como também o motivo de tanto desafeto para com a pessoa encarnada obsediada. Pregam o perdão e o arrependimento assim como a justiça divina; aos poucos esses espíritos superiores vão dissuadindo-o da idéia de obsediar e convencendo-o a acompanhar-lhes para outros lugares como escolas, hospitais ou pronto-socorros espirituais, a fim de que ele possa aprender mais, curar suas mazelas e, por vezes, empreender uma nova chance de corrigir seus erros passados em uma nova vida (palingenesia).

Uma única sessão não é suficiente para que o espírito obsessor finde suas comunicações. Entretanto toda vez que o médium (ou que alguém pede pelo obsediado) faz o pedido de retirada do obsessor, a espiritualidade amiga doutrina o espírito na sessão de desobsessão e depois dela. Para os adeptos da doutrina de Kardec, essa doutrinação é uma espécie de curso que o obsessor recebe; um curso que fala de Deus, da caridade e do amor ao próximo e de uma nova chance para a reparação de seus erros. Mas o curso é interminável, porque sempre tem novas informações complementares até que o espírito deixe de obsediar (Kardec, 1861).

Por outro lado a pessoa obsediada exerce um papel imprescindível. É necessário que ela rompa o elo que a liga ao obsessor, pois essa ligação é mantida por laços mentais e alimentada pela sintonia de pensamentos. Faz-se necessária a mudança dessa sintonia. O obsediado tem que realizar a reforma íntima. Isto compreende modificar seus hábitos e seus pensamentos procurando por em prática os ensinamentos de Jesus Cristo. O obsediado deve deixar de lado o orgulho e o egoísmo, e trabalhar a humildade e a caridade. Com pensamentos positivos, de amor e de perdão, o médium impossibilita, paulatinamente, a influência do espírito obsessor e essas comunicações cessam (Kardec, 1861).

3.5.4.1- As sessões mediúnicas

De acordo com a Doutrina Espírita o médium que não passa por um processo obsessivo deve educar a sua mediunidade de forma a restringir esse ouvir vozes a locais e horários apropriados. A educação mediúnica abrange a compreensão teórica dos livros de Kardec para que seja possível a pessoa diferenciar as comunicações que recebe e

filtrá-las; e aprenda a lidar com o dom que possui, colocando-o à serviço da caridade, ou seja, realizando o atendimento aos necessitados, sendo um instrumento de mediação entre espíritos desencarnados e seus entes queridos e propiciando as condições adequadas para que os espíritos superiores repassem suas mensagens.

As partes práticas dos ensinamentos são as sessões mediúnicas. Para participar delas é necessário ter um prévio conhecimento da mediunidade. As sessões mediúnicas são consideradas as escolas dos médiuns; suas mediunidades necessitam ser educadas para que os médiuns possam integrar suas vidas materiais com a prática mediúnica. Segundo Kardec (1861) as reuniões mediúnicas podem ser frívolas, experimentais ou instrutivas.

As frívolas são aquelas nas quais as pessoas presentes buscam descontração. Geralmente atraem espíritos levianos que gostam de brincar com as pessoas; são como os palhaços encarnados que conhecemos no circo, eles divertem. Entretanto, é importante que não sejam elas o único parâmetro que a pessoa conheça sobre o espiritismo, pois esta doutrina tem uma abrangência muito maior do que estas reuniões (Kardec, 1861).

Já as experimentais foram utilizadas no início da sistematização do espiritismo. São reuniões que normalmente apresentam manifestações físicas, como batidas nas portas, mesas que giram, cestos que se movem. São muito importantes porque foi por meio delas que o mundo invisível tornou-se popular na doutrina. Foram as mesas girantes que despertaram a atenção de diversos letrados do início do século XIX, entre eles, a do professor Rivail. Na atualidade, raramente se tem a necessidade de utilizá-las para repassar mensagens sérias haja vista que a comunicação com os espíritos não é algo tão misterioso como outrora.

As reuniões instrutivas objetivam instruir e moralizar as pessoas para a vida espiritual maior; convencer os incrédulos e promover a “ação benfazeja e a oportunidade de sermos úteis aos nossos semelhantes enquanto nos instruimos” (Neves *et al*, 1998, p. 20). Essas reuniões ocorrem dentro dos centros espíritas e apenas os médiuns de cada grupo podem participar.

Para integrar um grupo mediúnico o médium necessita estar em pleno gozo de sua saúde física e mental, não sendo permitida, inclusive, a presença de médiuns obsediados. O grupo mediúnico seleciona seus médiuns de acordo com suas necessidades,

afinidades e tendências²⁷. Para a formação do grupo entende-se que se tenha pelo menos sete pessoas, sendo: um dirigente responsável por promover a integração do grupo e auxiliá-lo na escolha das leituras que serão realizadas assim como organizar os comentários, corrigir os inconseqüentes e diminuir a prolixidade dos médiuns; um doutrinador que é responsável pela conversação com os espíritos que se manifestarem, sejam eles superiores ou inferiores; um médium psicofônico principal que tem a função específica de receber o mentor do trabalho, apesar de poder receber também outros espíritos no decorrer da reunião; um médium vidente que orienta os outros médiuns quanto às ocorrências do mundo incorpóreo; um médium psicofônico que incorpora os espíritos comunicantes; um médium de apoio ou assistente participante que colabora com o andamento da reunião doando sua energia vital para a realização dos trabalhos; e um médium passista ministrante do passe às outras seis pessoas após a reunião (Neves; Azevedo; Calazans & Ferraz, 1997).

Kardec (1861) nos orienta que esses grupos devem ter no máximo 20 pessoas a fim de garantir maior homogeneidade, ou seja, intimidade, interação, integridade de propósitos e participação dentro do centro espírita em outras atividades. É necessário que o médium tenha um conhecimento básico²⁸ da doutrina espírita para que possa entender o que está ocorrendo com ele.

O estudo da mediunidade em si é realizado na própria reunião mediúnica, que normalmente é composta por quatro partes sendo três teóricas e uma prática (na qual o médium auditivo relata as vozes que ouve). Essas sessões ocorrem geralmente uma vez por semana e têm a duração média de duas horas, divididas da seguinte forma (Kardec 1961):

a) leitura do evangelho; b) prece inicial; c) estudo teórico; d) manifestações mediúnicas; e) avaliação.

A leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo inicia a sessão mediúnica. Um dos participantes abre o livro e aleatoriamente lê a mensagem e em seguida faz-se a oração de abertura dos estudos.

²⁷ Neves *et al*, 1998.

²⁸ Caso ele não possua, os centros espíritas oferecem gratuitamente um curso básico, conhecido como Programa Básico da Doutrina Espírita (PBDE) ou Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), que tem a duração média de um a dois anos.

A seguir tem-se o estudo planejado da mediunidade. Este pode ocorrer por meio de um livro ou de um tema específico á mediunidade como a obsessão, o animismo²⁹, a natureza das comunicações, entre outros. Ao término de uma hora, são guardados esses materiais e inicia-se a parte prática da sessão.

Em volta de uma mesa, todos ficam em oração. O método usado pelo dirigente para comandar pode ser de duas formas (Neves *et al*, 1997):

- a) Fixa-se em um médium de cada vez para que ocorra a manifestação. Enquanto a pessoa promove a EC, o restante do grupo ora por ela mandando energias para que haja a facilitação da comunicação. Ou,
- b) O grupo concentra-se em Deus e cada um promove a sua EC concomitantemente. Dessa maneira, enquanto um dos médiuns manifesta-se, os outros devem controlar-se até o término da manifestação para depois permitir outra manifestação.

Independentemente do método, as manifestações só ocorrem uma de cada vez. Quanto à quantidade, geralmente cada médium recebe no máximo três comunicações por sessão a fim de evitar um avançado desgaste de energia (Neves *et al*, 1997).

O primeiro espírito a manifestar-se normalmente é o mentor espiritual do grupo, ou seja, o espírito superior responsável pelos trabalhos mediúnicos daquele grupo. É ele quem define quais espíritos inferiores poderão se comunicar naquela sessão, em quais médiuns, a natureza das comunicações e os tempos das mesmas. No entanto, essas decisões são espirituais e normalmente não são repassadas aos médiuns no ato da manifestação do mentor³⁰ que vem trazer uma mensagem instrutiva para o grupo com o tema que ele achar necessário naquele dia. Após sua manifestação é que iniciam-se as manifestações dos irmãos desencarnados que precisam de ajuda (Neves *et al*, 1997).

Lembrando que o presente estudo foca-se nas manifestações mediúnicas dos médiuns audientes; estes, na crença espírita, ouvem as vozes dos espíritos desencarnados; conversam mentalmente com esses espíritos a fim de que um fale de cada vez; ouvem as mensagens e vão repassando-as ao doutrinador da sessão. O doutrinador

²⁹ Interferência do médium nas comunicações mediúnicas.

³⁰ Entretanto, essas informações podem ser repassadas ao médium audiente, ao médium psicográfico ou mesmo diretamente ao doutrinador (por meio de uma "inspiração") no decorrer da sessão.

apenas as ouve e hora ou outra faz alguma intervenção para orientar melhor a fala e organizar a mensagem. Ele pode, por exemplo, indagar um “queres?” para um espírito que diz querer matar alguém; ou um “é?!” para um irmão que se diz muito bonito.

Na avaliação subsequente a sessão, o grupo, juntamente com o médium, avalia e discute as comunicações que ocorreram naquele dia, preocupados com as informações e mensagens que trouxeram, com os complementos trazidos pelo médium vidente e com a autenticidade dos acontecimentos. Dessa forma o médium audiente vai aprendendo a distinguir a natureza das comunicações e seus propósitos. Nessas sessões ele aprende a diferenciar os tons de voz, o tipo de mensagens repassadas e a lidar com as impressões que ficou de todo o acontecido. (Neves *et al* 1997).

3.5.4.2) O papel do doutrinador

O papel do doutrinador está intrinsecamente relacionado à noção de vida e morte dos espíritos, pois a maioria dos desencarnados comunicantes nas sessões mediúnicas ainda não compreenderam o seu real estado ou a sua nova situação pós-morte. Com isso os sons que o médium ouve constantemente relacionam-se com as últimas lembranças da vida terrena do espírito como doenças, desavenças, entre outros. A busca pela verdade da morte-vida constitui o objetivo básico de muitas comunicações e a reação à realidade espiritual é diversa: nervosismo, calma, choro, agressão. Portanto o doutrinador deve apenas conversar com essa voz sem tocar fisicamente no médium. A abordagem deve ser psíquica, nunca física (Kardec, 1859).

Para tanto, Neves *et al* (1997, p.81) admitem como doutrinador um “dirigente com experiência na doutrinação, conhecimento e liderança natural capaz de exercer afeição sem privilégios e de orientar com bondade e firmeza”. Sua formação exige convivência dentro do centro espírita e participação em suas atividades; frequência nas reuniões mediúnicas como observador por períodos normalmente longos; atualização com o espiritismo por meio de livros, cursos e palestras e principalmente, integridade moral aos moldes do espiritismo.

Depois da formação quando surgir à oportunidade o pretense doutrinador pode começar a exercer sua função: conversar com o invisível. A vibração de sua voz amável, mas energética ultrapassa a barreira dimensional e alcança a dimensão espiritual. O

turno conversacional é traçado entre o visível e o invisível, dentro da crença de possibilidade desse acontecimento de cada um.

“E se tivesse que competir denovo com os que ali permaneceram encadeados, sentenciando a respeito das tais sombras, que, por não se lhe ter ainda acomodado a vista, enxergaria com dificuldade (e não seria curto o tempo necessário para acostumar-se), não te parece que esse homem faria um papel ridículo? Diriam os outros que ele volta lá de cima sem olhos e que não valia a pena pensar sequer em semelhante escalada. E não matariam, se pudessem deitar-lhe a mão, a quem tentasse desatá-los e conduzi-los para a luz?”

(Platão, 1964, p.205).

4) NAS FRONTEIRAS DO IMPOSSÍVEL

“O impossível só existe para aqueles que têm medo de tentar.”

Ditado popular

Relacionar duas frentes de pensamento, a princípio, absolutamente contrárias, pode, para muitos, parecer um paradoxo ou uma alucinação pelo impossível.

E o que é o impossível? Poeticamente encontramos várias definições para essa palavra, como, por exemplo, “o impossível é aquilo que ainda não se tentou”. Para um ramo da lingüística (morfologia), grosso modo, impossível é a junção do prefixo de negação in com o substantivo possível, que resulta em uma palavra que significa não-possível. Para a psicanálise impossível é o que foge á compreensão, algo sobre o qual não se tem o controle, o conhecimento e o poder de discernimento entre o elemento procurado, o sonho e a alucinação. Na abordagem lacaniana o impossível é, por exemplo, o impossível de não ser assim; é ainda aquilo que não cessa de não se escrever, é da esfera do real. Parafraseando Lacan dissemos que a alucinação verbal é impossível. E é neste ponto limite da (im)possibilidade psicanalítica que foca-se nosso objeto de trabalho.

Embora Lacan nos fale da misticidade deste tipo de crença, insistimos que ouvir vozes é uma alucinação verbal quando o analisando é o único a ouvi-las. Essas vozes que apenas ele ouve, mas que não pode provar. Vozes estas que não estão materialmente³¹ relacionadas a um aparelho fonoarticulatório e que, portanto, não podem ser consideradas procedentes de seres imateriais e “invisíveis” para alguns olhos. Invisibilidade essa que é questionável, pois a voz, ainda que advinda de um aparelho material, é intocável; não se pode pegá-la ou visualizá-la.

Desde 1861 quando Wernicke descobriu a área cerebral responsável pela produção da imagem acústica, a voz passou a ser comprovadamente não-visual, abstrata, imaterial³². As imagens do dito são formadas na mente de quem ouve por meio das ondas sonoras que a boca permite passar de um meio interno (interior do corpo) para um meio

³¹ Todas as vezes que nos referimos à materialidade estamos falando de visibilidade à maioria das pessoas, ou seja, nos referimos às possibilidade de visão do olho físico humano.

³² Springer e Deutsch, 1998.

externo (o ar) com destino a outro meio interno (o corpo daquele que escuta). Talvez por isso Schreber (1903) relatava que as vozes invadiam seu corpo e o tomavam; de repente ele não estava totalmente errado.

Lacan³³ já afirmava que “o ouvido é o único buraco que não se pode fechar”. Com isso pode-se dizer que as ondas sonoras invadem o corpo do outro e “materializam-se” em forma de imagens mentais.

Talvez essa seja a razão de a ciência (neste caso a lingüística) e a psicanálise (que não é ciência) tentarem, de alguma forma, localizar a materialidade da onda sonora. A lingüística analisa os padrões físicos que constituem os elementos supra-segmentais dessa voz, como ocorre nos estudos de acústica, por exemplo; os sons podem ter suas freqüências, amplitudes, e intensidades (entre outros) medidas letra por letra, palavra por palavra, frases incompletas ou completas, trechos; o ruído também pode ser localizado; os sons têm um valor numérico, em escalas, em decibéis e Hertz. Já para a psicanálise o som tem entrada na mente por meio do inconsciente e percorre um pequeno-grande caminho de deslocamentos e condensações para explicitar-se no consciente por vários meios, e, entre eles, está a voz no processo do falar. Presos a essa materialidade, foquemos o sujeito audiente, ou seja, aquele que ouve essa voz de um outro abstrato.³⁴

Se concordarmos com essa passagem de materialização de energia poderemos afirmar a existência da necessidade da presença de um interlocutor. E porque esse interlocutor tem que ser visível? Eis uma indagação que parece ilógica e que não tem razão de existir. Reservemos essa idéia.

Pensemos agora na produção dessa voz. A voz - até onde nossos conhecimentos científicos atuais nos permitem dizer - precisa necessariamente de um meio delimitador de espaço para ser produzida, de forma que a máxima “o som precisa de um meio para se propagar” é uma definição física que será retificada nesse estudo. A voz é análoga a essa questão. É um som que utiliza-se do ar para se propagar; às vezes a escutamos, outras apenas a ouvimos, e outras ainda, não nos é possível ouvir nem o som; às vezes conhecemos seu interlocutor, o seu produtor; outras, não acontece exatamente dessa maneira. Mas por quê?

³³ Lacan 1964, p.121.

³⁴ Aqui usamos a expressão “outro abstrato” com o intuito de nos referirmos ao sujeito que produz a voz ouvida na alucinação verbal ou na mediunidade de audiência, cuja caracterização encontra-se nos capítulos 2 e 3.

Porque um grande conluio de consciente e inconsciente se mistura na esfera do Real-Simbólico-Imaginário (doravante R.S.I.) em virtude da voz. É preciso mais do que ouvi-la, é necessário vê-la, torná-la digna de toque e ter conhecimento de seu interlocutor. No entanto, não basta que um visualize a boca de quem fala, é necessário que o outro também a veja. Quando apenas um dos interlocutores a vê, há algo que foge do que denomina-se, ligeiramente, “normalidade”³⁵. Essa voz passa a caracterizar um devaneio e passa de voz para alucinação verbal que, em outras palavras, é o ouvir a voz de um interlocutor que não se vê, ou melhor, que apenas o analisando vê e/ou ouve, ou mesmo ouve tão claramente que parece que vê!

Voz essa que é proferida por um eu que não tem consciência de si, que reproduz acusticamente sons em diversas frequências e intensidades. Sons que comandam, que angustiam, que aconselham, que acalmam. Sons que tomam o sujeito de sua própria casa. Sons divinos, que transformam o sujeito em Deus³⁶. A voz dessignificou-se, significando agora uma carreira de sons impessoais, mas não impessoais.

Nesse momento retoma-se a idéia de materialidade e o (im)possível ocorre: a voz desmaterializou-se; abre-se espaço para a suposição da existência de algo que vai além de nossos olhos, mas não tão longe de nossos ouvidos; a existência de um outro ser inteligente, aparentemente humano, portador de um aparelho fonoarticulatório, passível de produção acústica e com personalidade própria, ou seja, um outro interlocutor, com um diferencial: invisível³⁷. Esse interlocutor é um dos vértices do triângulo analista-paciente, que irrompe nessa relação como uma segunda forma de significar a voz que não se vê: a voz produzida por um espírito.

Entretanto, este é o limite da verdade psicanalítica. A existência de um ser imaterial é literalmente impossível de acreditar para um ser humano “normal” na visão da psicanálise.

O que era considerado um paradoxo passa a ser um *continuum*, uma complementaridade, um outro olhar. A existência de espíritos e a certeza de sua comunicação com os seres materiais³⁸ é o princípio de verdade da doutrina espírita e o

³⁵ Ligeiramente normalidade haja vista que para a psicanálise não existe o normal.

³⁶ Schreber, 1903.

³⁷ Para a definição de ser invisível, ver a definição de espíritos no capítulo 3.

³⁸ Seres materiais: aqui são entendidos como seres encarnados, “pessoas”.

ponto de partida para analisar a alucinação verbal que passa a chamar-se mediunidade de audiência. É a localização a-espacial, a-temporal e imaterial da voz que se ouve, mas que nem todos ouvem, e, no entanto, advinda de um interlocutor que não se vê ou que nem todos vêem.

É a partir dessa delimitação não sincrônica que se propõe este estudo. Sem questionar as verdades de cada uma das frentes (psicanálise e doutrina espírita) intenta-se, nessa segunda parte do trabalho analisar o tratamento que é ministrado e as definições que são atribuídas ao sujeito que ouve vozes de interlocutores não-visíveis; em outras palavras, pretende-se traçar a diferença de se fazer sujeito pela linguagem por meio da escuta de vozes na psicanálise e no espiritismo. Dessa maneira percorre-se um pequeno compêndio de verdades e questiona-se a respeito da existência ou não de semelhanças nos tratamentos dos alucinados verbais e dos médiuns de audiência.

Por fim e por princípio, temos a ambição de delimitar o alcance deste estudo e refletir a respeito da construção de conhecimentos e de verdades rompendo limites e barreiras pertencentes à noção que cada um que lê tem em relação as vozes que se ouve. E, diante de todo o percurso, quem sabe, se possa (res)significar as fronteiras do impossível.

5) A POSIÇÃO DA PSICANÁLISE E DO ESPIRITISMO ENTRE SI E DIANTE DAS CIÊNCIAS ORDINÁRIAS

“A ciência, mesmo se a sua linguagem em nada se assemelha à do mundo cotidiano, não fala de um outro invisível e mais real; se ela quer dizer alguma coisa, ela fala deste mundo aqui, do mundo de nossa experiência viva na qual nasceu.”
(Dartiques, 1992, p. 79).

A investigação da mente humana e da relação entre os espíritos não pertence ao mundo material, portanto, as ciências ordinárias estão longe de serem as hospedeiras da psicanálise e do espiritismo. Traçamos algumas considerações a este respeito...

5.1– Psicanálise e as ciências ordinárias

“A psicanálise questiona a ciência com sua descoberta do inconsciente, propõe uma outra noção de tempo, trabalha com o singular.”
(Chnaiderman, 1989, p.13).

A psicanálise não se configura como ciência, apesar dos esforços de Freud, no início da fundação de sua teoria realizar a tentativa de inseri-la no campo científico. Em 1909 ele usou os conceitos das ciências para explicar a psicanálise, quando, por exemplo, esclarece a respeito da transferência. São suas palavras³⁹ “os sintomas, para usar uma comparação química, são os precipitados de anteriores eventos amorosos (no mais amplo sentido) que só na elevada temperatura da transferência podem dissolver-se em outros produtos químicos.” Já em 1910 quando fundou a IPA, declarou que o objetivo da associação era “promover e apoiar a ciência da psicanálise”⁴⁰. No mesmo ano, fundou a *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse* (Revista Internacional de Psicanálise Médica). Após esses

³⁹ Freud 1909, p.61.

⁴⁰ Freud, 1914, p.57 (grifo nosso).

momentos, o médico abandonou a idéia da inserção da psicanálise no campo científico, assim como afastou-se de um possível projeto da ciência da psicanálise; o termo *ärztliche* (médica) foi retirado da revista quando da publicação de seu sexto volume, inclusive.

A psicanálise foi ratificada como teoria desde essa época, embora seja possível encontrar estudiosos que insistam em defender a cientificidade da criação freudiana.

Como a teoria psicanalítica trabalha com a relação mental do paciente consigo e com os sintomas apresentados por seu corpo pode-se afirmar que Freud criou uma teoria que apresenta características físicas (o corpo físico) e psíquicas (da mente humana – não palpável). Por tratar de um objeto fundamental idiossincrático – a psiquê humana – Freud criou conceitos e vocábulos para se fazer entendido; uma nomologia própria, defendida pelo médico e ampliada por Lacan. De maneira que a relação da psicanálise com a ciência não se cruza, como diria Lacan “não há relação sexual”.

Contudo a aceitação da teoria psicanalítica não é algo simples, pois nem todos se dispõem a ir a uma sessão de análise e mexer em seus mitos e medos e não são todos que conseguem suportar as mudanças psíquicas que as sessões suscitam e/ou relembram ao sujeito que torna-se um sofredor comum.

Por intentarmos restringir o foco de nosso trabalho não aprofundaremos nessas dificuldades que o pretense analisando percorre. Neste tópico, apenas temos o interesse em ressaltar que:

- a) a psicanálise não é uma ciência;
- b) a psicanálise é uma teoria que trata da psiquê humana, e por e para isso;
- c) a psicanálise possui nomologia própria.

5.2 - Espiritismo e ciências ordinárias

“O espiritismo e a ciência complementam-se reciprocamente”
(Kardec, 1868, p.15).

Para Kardec estabelecer a Doutrina espírita como ciência ordinária é inconcebível sob todos os aspectos. O primeiro deles concerne ao fato de conceber-se a ciência de forma física e de o espiritismo não ser uma ciência que siga estes moldes. O segundo, refere-se à consciência de que os deslocamentos de conhecimentos no âmbito das ciências entre si é algo extremamente complicado (e diríamos até mesmo desastroso), haja vista que quando eles possuem bases comparativas são muito facilmente combatidos no *locus* científico.

A fonoaudiologia pode ser usada para exemplificar tal questão. Os deslocamentos realizados da medicina, da psicologia e da lingüística contribuíram significativamente para tornar a ciência da comunicação um campo permanente de conflitos, de maneira que as disputas científicas há muito, tornaram-se judiciais. Não raro vemos fonoaudiólogos e otorrinolaringologistas discutindo na justiça a autorização para a realização de exames como a videolaringoscopia e, por vezes, até mesmo a audiometria, que é um exame clássico da fonoaudiologia. A fronteira do território em relação à terapia da palavra é um conflito constante com a psicanálise. A confusão entre língua e linguagem como campo de saber é limitador dos estudos dos quase médicos quando confrontados com os lingüistas. Cada ciência deve ter a sua estrutura teórica própria de modo que não entre em conflito com áreas tidas como certas, básicas e indiscutíveis (heurísticas negativas) das outras ciências. Em teoria, isto deve acontecer exatamente assim: uma paz forçada, que na prática sabemos, raramente existe.

Entretanto, se é difícil deslocar conceitos de uma ciência para outra, o mesmo não ocorre com a relação ciência ordinária x ciência espiritual porque quando comparam-se ciências que tem o objeto fundamental completamente diferente não há tanto choque, e os espíritas acreditam que exista inclusive, complementação. As maiores barreiras para essa complementaridade são humanas e ideológicas. Se acreditar em algo que não vemos, para muitos, é um artigo de fé, estudar esses fenômenos invisíveis é, no mínimo, um devaneio. Contudo o fato é, que quando se vence o preconceito e procura-se conhecer as teorias postuladas pelo espiritismo, torna-se claro que ele tem fundamentos coerentes dentro da lógica a que se propõe e ainda que não se concorde com suas crenças,

visualiza-se que estes não se contrapõem aos das ciências ordinárias. “É certo que espiritismo guarda uma relação com as outras ciências, mas os fatos espíritas, por si sós, já asseguram uma especial independência de seu objeto de estudo com o das demais ciências materiais.⁴¹” O espiritismo não possui problemas com deslocamentos das ciências ordinárias, pois possui nomenclologia própria e Kardec esclarece bastante em suas obras, pois, antes de explanar a respeito da doutrina em si, no início de “O livro dos espíritos” já indica a separação entre os termos espiritualismo e espiritismo. Outras obras também discorrem a respeito do vocabulário espírita como o último capítulo de “O livro dos médiuns” (1861) de Kardec e a íntegra dos livros “Evolução em dois mundos” (2004) e “Mecanismos da mediunidade” (2004) de André Luiz.

Não é nossa pretensão neste estudo traçar uma longa discussão a esse respeito; apenas salientamos que, para os espíritas:

- a) o espiritismo é uma ciência;
- b) o espiritismo é uma ciência espiritual;
- c) ciências ordinárias e ciências espirituais são complementares;
- d) o espiritismo tem uma nomenclologia própria.

5.3 - Psicanálise e espiritismo

“As teorias não caem do céu e com toda a razão desconfiarão se alguém lhes apresentar, logo no início de suas observações, uma teoria sem falhas, otimamente rematada. Tal teoria certamente só pode ser filha de sua especulação e nunca o fruto da pesquisa imparcial e desprevenida da realidade.”
(Freud, 1909, p.36).

⁴¹ Xavier, 1995, sp.

5.3.1-A relação de Freud e Kardec

“A psicanálise é criação minha.” A afirmação de Freud⁴² pode ser o ponto de partida para analisarmos comparativamente a personalidade dos dois grandes responsáveis pela disseminação da psicanálise (Freud) e da doutrina espírita (Kardec).

O fato de Freud atribuir a si mesmo a criação da psicanálise pode demonstrar sua responsabilidade naquilo que estava fazendo; já o dizer de Kardec de que a doutrina é dos espíritos pode indicar que ele esquivava-se dos efeitos de sua obra. No entanto, a interpretação dessas duas frases não é tão simples, até porque os dois personagens eram bastante complexos.

A polêmica da criação da psicanálise começou com seu fundador em seu próprio discurso. A teoria psicanalítica aproxima-se da neurose por tratá-la como fruto, por exemplo, de uma etiologia sexual; ela entende o sexo associado não aos órgãos genitais, mas à sensação de prazer e desprazer corrente na psiquê humana; propõe a “busca da felicidade” do conceito filosófico com o enfoque associativo da mente com o corpo físico; o que nos faz crer que talvez o uso da palavra sexual tenha causado mais frenesi do que o seu real conceito para Freud. O tratamento da neurose, tendo origem sexual, pode ser realizado em consultório pelo analista, por meio do processo de transferência.

O surgimento da transferência sob forma francamente sexual - seja de afeição ou de hostilidade -, no tratamento das neuroses, apesar de não ser desejado ou induzido pelo médico nem pelo paciente, sempre me pareceu a prova mais irrefutável de que a origem das forças impulsionadoras da neurose está na vida sexual⁴³.

No entanto, Freud atribui a originalidade da etiologia sexual das neuroses aos ensinamentos de Breuer - com seu “*secrets d’alcôve!*” (segredos do leito conjugal); Charcot - com seu dizer “*mais, dans des caspareils, c’est toujours la chose génitale, toujours... toujours... toujours*” (Mas nesses casos a coisa é sempre genital, sempre...sempre...sempre) , e Chrobak – com sua receita “*R.Penis normalis dosim*

⁴² Freud, 1909, p.16.

⁴³ Freud, 1914, p. 22.

repetatur”; apesar de os dois primeiros negarem o fato e de o terceiro não ter tido a oportunidade de negá-lo, sendo que se tivesse, muito provavelmente, segundo próprio Freud, o faria.

Outro fator quanto à atribuição da criação da psicanálise é de que Freud relatou não ter o prazer da leitura e considerou este um elemento a seu favor na construção da teoria psicanalítica. No caso da repressão, a esse respeito afirmou: “Devo a chance de fazer uma descoberta ao fato de não ser uma pessoa muito lida⁴⁴”.

Dito isto, lembramos que, foi somente em 1909 que Freud falou a primeira vez em público a respeito de sua teoria. Nesta ocasião negou ser o criador da psicanálise atribuindo-a ao Dr. Breuer. Em 1914 mudou de opinião: “como há muito reconheci que provocar oposição e despertar rancor é o destino inevitável da psicanálise, cheguei à conclusão de que pelo devo ser eu o verdadeiro criador do que lhe é mais característico⁴⁵”.

A criação da psicanálise, no entanto, foi movida pelo processo de transferência e de castração ocorrido com Freud. Algo quase irresistível para o médico, que responsabilizou-se afinal por sua obra, assumindo as conseqüências dela, não só por ela tratar da psiquê humana, mas por afastar-se do positivismo que legitimava as ciências assumindo a teoria psicanalítica como uma teoria afastada de um projeto científico. Freud era um revolucionário que não aceitava os ditames da modernidade. Rebelou-se contra o ostracismo e as explicações superficiais e tratou de resolver suas inquietações internas e externas, como o complexo caso de amor de Anna O. com seus médicos.

Já Kardec seguiu outro caminho. Tendo convicção de que suas perguntas foram respondidas mediunicamente por diversos espíritos atribuiu a eles a doutrina, pois concluiu que ele mesmo as responderia de um modo diferente; inclusive havia tentado, mas não conseguira organizar uma maneira de justificar os fenômenos das mesas girantes⁴⁶.

Por ser um professor conceituado, trocou seu nome para que o sucesso da codificação não fosse simplesmente por seu codificador, mas por seu conteúdo. Em contrapartida, não enfrentou oposição da comunidade científica, não responsabilizou-se por sua obra e não assumiu as conseqüências advindas dela. Tratava de um assunto que

⁴⁴ Freud, 1914, p. 25.

⁴⁵ Freud, 1914, p.17.

⁴⁶ Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec, 2006.

estava em voga na época, atribuindo a ele uma interpretação lógica; não inseriu sua doutrina como ciência ordinária, mas como ciência espiritual.

Tal como Freud, Kardec tirou o homem de sua comodidade, mas de maneira eufêmica. Sua doutrina afirma que vivemos rodeados de outros seres inteligentes que influenciam diretamente em nossa vida e em nosso pensamento, e como a ligação com eles ocorre, na maioria das vezes, pela via do inconsciente o homem não tem controle sobre sua própria mente, mas deve se responsabilizar por ela. No entanto, Kardec adere à resignação em grande parte de sua obra. Ele prega a conformação da pessoa para com os processos que vive, alegando que a toda causa se tem um efeito, e que há um Deus que tudo sabe e que portanto, todo castigo é merecido ou se não o é, será recompensado. Por isso o espiritismo é também conhecido como *O Consolador*.

Freud enfrentou a oposição da comunidade científica ao tratar assuntos tidos como tabus para a sociedade ocidental (ou européia) do século XIX como a sexualidade, e afirmou claramente que o homem não era dono de si mesmo e sim atravessado pelo inconsciente e que ainda assim deveria tomar para si a responsabilidade de seus atos e de seus pensamentos. Em alguns momentos tentou inserir a psicanálise no âmbito das ciências, mas depois abandonou a idéia, tratando-a como um processo semiológico e terapêutico.

Existem, portanto, salientes distinções entre os produtores Allan Kardec e Sigmund Freud.

Ao contrário do que acontece à psicanálise não se faz imprescindível descrever detalhadamente a vida de Kardec para expor a história do espiritismo. Kardec, segundo ele mesmo, foi apenas um instrumento dos espíritos e não o fundador da doutrina, aliás, ao contrário da indefinição de Freud em alguns momentos, o professor francês nunca atribuiu ao espiritismo o pronome possessivo. Jamais quis que a codificação fosse tida como obra sua e nem lastimou sua aceitação na sociedade como um todo, apesar de não assumir a responsabilidade por ela. Neste sentido, Freud foi muito mais coerente e corajoso.

Assim como Freud largou a medicina, Kardec deixou parcialmente a academia. Ambos o fizeram para dedicar-se ao que acreditam ser inovador: a psicanálise e a doutrina espírita.

Freud fundou a Sociedade das quartas-feiras e posteriormente a IPA. Kardec fundou a Sociedade Espírita de Paris.

Ambos casaram-se. Freud aos 30 anos com Martha Bernays. Kardec, aos 28 anos, com Amélie Gabrielle Boudet. O médico teve seis filhos, Mathilde (1887); Jean-Martin (1889); Olivier (1891); Ernst (1892); Sophie (1893); Anna (1895). Já o professor não teve filhos.

A vida de Kardec, quando comparada à de Freud não se mistura com os princípios e descobertas espíritas, ainda que alguns historiadores a entendam como um produto sócio-histórico da época. A crítica pauta-se no fato de que o evolucionismo estava em alta, à comunicação com os espíritos é muito antiga e os fenômenos das mesas girantes eram o assunto da moda. Mas Kardec, que já era conceituadíssimo, não necessitava de uma ousadia tão grande como a sistematização desse “produto sócio-histórico” para ter seu nome reconhecido; muito pelo contrário, sua dedicação à doutrina, sob o âmbito material, lhe ocasionou prejuízo, pois teve que abdicar de uma próspera carreira acadêmica ao dedicar-se à construção da doutrina espírita. Contudo, utilizou como meio de elaboração o método positivo a fim de legitimar a doutrina no campo científico e com isso, até a atualidade, seus adeptos não conseguem posicionar-se claramente a respeito do assunto, aceitando sua cientificidade, mas discordando da positividade do espiritismo.

Por outro lado Freud, e sua não-sua psicanálise seguiram um caminho bastante diferente. Para muitos psicanalistas a ligação da criatura com o criador é indissolúvel. A vida do médico tomou rumos inusuais, suas descobertas resumem seus acontecimentos progressos, sua carreira profissional estava apenas começando, sua relação com a mulher era problemática, a morte do pai lhe causou traumas e o convívio com as irmãs despertou-lhe a visão para a tradicionalíssima e conservadoríssima relação entre homens e mulheres na Áustria do século XIX, o que, segundo muitos austríacos, não mudou muito até os dias atuais. O médico fundou algo inclassificável para ele mesmo que para confusão geral de seus adeptos, chamou de processo semiológico e terapêutico e denominou de psicanálise, de modo que até os dias atuais não existe um consenso entre os estudiosos a respeito da classificação da teoria freudiana e que neste estudo acreditamos tratar de uma teoria que estuda a respeito da relação mente-corpo por meio da relação consciente-insconsciente. A acusação ainda que não feita, de a psicanálise tratar de um produto sócio-histórico também é válida, haja vista que Leibniz usou o conceito de inconsciente 200 anos antes do jovem médico.

O último aspecto que destacamos é o fato de que Freud morreu devido há um câncer mandibular que tratou durante anos e Kardec possivelmente por um aneurisma cerebral repentino.

Depois de analisarmos os dois personagens, encontramos algumas similitudes na história de seus “produtos”.

5.3.2 – A conceituação como ciência

O espiritismo e a psicanálise não são exatamente complementares. De saída, lembremos que a psicanálise é uma teoria e não uma ciência. Dito isso, forçosamente podemos dizer que a psicanálise e o espiritismo dialogam em alguns aspectos nos quais determinam prioridades diferentes de estudos.

Fazemos a ressalva de que existe uma situação em que o inconsciente tem a mesma conceituação de perispírito ou de espírito. Quando um sujeito relata ouvir vozes, a psicanálise as atribui ao inconsciente estruturado como linguagem e, muitas vezes, as mesmas vozes são entendidas pelos espíritas como advindas de seres incorpóreos. As ocasiões mais corriqueiras dessa prerrogativa são quando nos referimos a fatos que não podemos explicar com nossas teorias. “Nossa experiência diária mais pessoal nos tem familiarizado com idéias que assomam à nossa mente vindas não sabemos de onde, e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como⁴⁷”. Ao não se conseguir um responsável para o problema, têm-se normalmente dois caminhos: i) é de Deus; ii) é do inconsciente. O sujeito, de acordo com suas crenças e concepções, culpabiliza um Outro por seus atos e idéias. A inferência a nós mesmos nos levaria a dizer que “todos os atos e manifestações que noto em mim mesmo e que não sei como ligar ao resto de minha vida mental, devem ser julgados como se pertencessem a outrem; devem ser explicados por uma vida mental atribuída a essa outra pessoa⁴⁸”.

Para o espiritismo as experiências de todas as existências do espírito estão gravadas em seu perispírito, em diferentes graus de acessibilidade ao consciente. Esse perispírito/ inconsciente guarda as recordações de acordo com a importância que o

⁴⁷ Freud, 1976, p. 192.

⁴⁸ Freud, 1976, p.195.

espírito atribuiu a elas quando de suas vivências reais. O espírito pode conversar consigo mesmo em outras existências, porque o tempo, nesses casos, é psíquico. De acordo com a necessidade, por exemplo, o espírito, que esquece muito do que foi quando reencarna - processo chamado “véu do esquecimento” - pode conversar consigo mesmo no passado (o eu de outras encarnações) a respeito de informações e construções que precise. É uma forma inconsciente de auto-controle. Um outro eu que me comanda e/ou me aconselha.

Já a psicanálise trata de todo esse processo de audição de vozes como inconsciente, atribuindo a este um estatuto mais amplo ao entender sua estruturação como linguagem. É uma outra nomenclatura,mas que em algum ponto se encontra , pois, nas palavras de Freud⁴⁹:

O conteúdo do ICS pode ser comparado à presença de uma população aborígine na mente. Se existem no ser humano formações mentais herdadas (...) elas constituem o núcleo do ICS. Depois, junta-se a elas o que foi descartado durante o desenvolvimento da infância como sendo inútil; e isso não precisa diferir, em sua natureza, daquilo que é herdado. Em geral, uma divisão acentuada e final entre o conteúdo dos dois sistemas não ocorre até a puberdade.

Portanto, tanto para os psicanalistas como para os espíritas o sujeito é responsável por grande parte daquilo que lhe acontece. Entretanto,quando esse sujeito realiza atos ou explana fatos e opiniões à primeira vista inconcebíveis, necessita responsabilizar alguém ou alguma coisa. Muitos (principalmente os mais religiosos) culpam o demônio ou os espíritos, enquanto os psicanalistas outorgam ao inconsciente (ou a um saber que não se sabe). Nestas situações, os conceitos de espírito e inconsciente têm estatuto similar, o que, na realidade, constitui uma exceção,pois, via de regra,não há relação sexual entre a psicanálise e a doutrina espírita.

Há de se convir que é por meio do inconsciente que o espírito encarnado recebe as informações, e sintoniza-se com os espíritos desencarnados. No entanto, o inconsciente não é um espírito porque ele NÃO possui as características etimológicas do termo, não é independente do homem e não existe sem ele. A relação dos espíritos é um não-problema no inconsciente, e uma possível solução de sintonia para os espíritas. No momento em que a voz diz algo a esse médium ela pode advir de um espírito que sintonizou-se com ele e que, por meio do inconsciente, consegue se comunicar. Desta

⁴⁹ Freud,1976, p.223.

maneira, o inconsciente também participa do processo sendo parte importante deste, mas não possui a mesma conceituação de espírito; classificá-lo assim seria um despropósito. O espiritismo usa o termo inconsciente de forma completamente diferente de Freud e Lacan, não entendendo-o como linguagem, mas como lugar de passagem, como uma porta de comunicação com o exterior. A confusão de colocar o termo inconsciente como similar nas duas frentes é aceitável por tratar-se da mesma palavra, mas inconcebível a partir do momento em que se estuda um pouco mais e se compreende que a conceituação deles é completamente diferente; mais uma vez, “não há relação sexual”.

5.3.3 – A adoção do positivismo

Freud com o tempo abandonou o interesse, ainda que totalmente não declarado, de tornar a psicanálise uma ciência como a psiquiatria. Este é o primeiro ponto radicalíssimo que afasta a psicanálise do positivismo: a não busca persistente pela legitimação como ciência. O jovem médico jamais afirmou que utilizara o método positivista na construção da psicanálise, diferentemente de Kardec, que possuía declarado interesse em inserir a doutrina espírita no campo científico no *status* de ciência espiritual, e para tanto, fez uso do método de Comte.

Ainda assim, as duas frentes, nascidas no período de alta do positivismo afastam-se dele. Como já foi relatado, afirmar que a psicanálise ou a doutrina espírita são positivistas é um despautério.

5.3.4 – A relação com os sonhos

A interpretação dos sonhos é algo vigente na sociedade desde a antiguidade clássica. Interpretar sonhos é um elemento que há muito incomoda e interessa à humanidade. O sonho da cruz no sol é historicamente conhecido, pois foi por meio dele que Constantino I ganhou a guerra e fundou o cristianismo; já José do Egito ascendeu de prisioneiro a governador por interpretar o sonho do faraó de sete vacas magras e sete vacas gordas.

No entanto, muitas vezes o sonho vem distorcido. Para Freud⁵⁰ “a distorção dos sonhos é consequência de um conflito interno, uma espécie de desonestidade interna”. Por isso, para interpretá-los é importante que o paciente relate o sonho e o psicanalista, por meio de uma simbologia específica definida por Freud, o interprete, ajudando na manutenção temporária dele no consciente, para que ele possa ser significado, mas esta simbologia não é inflexível e menos ainda padronizada, depende da ocasião, do paciente e “as vezes um charuto pode ser apenas um charuto” e nada mais. Os sonhos adquirem significado na clave do *Nachtraglich*, depois de sonhados.

Para a doutrina espírita, existem dois tipos de sonhos: os primeiros, os oníricos, são as informações contidas no subconsciente com o objetivo de que retornem para o inconsciente durante o sono⁵¹. Com isso, o sonhador relata uma mistura fantasiosa de presente e passado em uma só cena. As portas do inconsciente estão abertas sem repressão durante sonho. Algumas reminiscências podem atravessar a barreira, enquanto o presente é armazenado. Os segundos, recordativos, nada mais são do que recordações dos lugares bons e/ou ruins nos quais o espírito em desdobramento, digo, liberto temporariamente do corpo físico, esteve durante o sono. Quando o espírito retorna ao corpo físico, pode ou não misturar a lembrança de sua saída com as reminiscências oníricas e distorcer em intensidades variadas suas lembranças, na medida em que elas conseguem, de alguma forma, “escapar” do inconsciente⁵². Essa distorção, que ocorre com a volta do espírito ao corpo e que modifica a realidade da recordação, pode ser comparada levemente ao que Freud chama de desonestidade interna.

Interpretar os sonhos é imprescindível, assim como classificá-los primeiramente como oníricos ou recordativos é uma tarefa complicada. O espiritismo não analisa a simbologia dos sonhos seguindo a teoria de Freud. No entanto, também enxerga a importância que deve ser atribuída a eles. Em muitos casos, para a doutrina espírita, o início do desenvolvimento da mediunidade ocorre por meio da recordação dos sonhos. É comum o espírito deslocar-se para o passado, no entanto, quando ele desloca-se em diferentes planos ou vai ao futuro (o que é raro), pode ser indicativo do início de um desenvolvimento

⁵⁰ Freud, 1914, p. 30.

⁵¹ Lembrando que subconsciente não é uma categoria psicanalítica e que o conceito de inconsciente para a doutrina espírita é completamente diferente do conceito de inconsciente psicanalítico, como já foi explicitado neste estudo.

⁵² Luiz, 2004.

mediúnico. Assim ocorrem as premonições, os avisos da espiritualidade ou mesmo se chama a atenção do médium para que ele perceba que ele o é⁵³.

Para Freud, os sonhos são a via régia do inconsciente, ou seja, a principal forma de acessar o inacessável. Nesse sentido, Freud e Kardec assemelham-se ao atribuir grande importância aos sonhos, mas afastam-se ao significá-lo de forma completamente diferente.

⁵³ Luiz, 2004.

6) A ESCUTA DE VOZES: O ACOLHIMENTO DO SUJEITO QUE ESCUTA VOZES NA PSICANÁLISE E NO ESPIRITISMO COMO “TEORIAS” E PRÁTICAS

6.1 – A predisposição à loucura

“Para ser louco é necessário alguma predisposição,
se não alguma condição.”

(Lacan, 1955-1956, p. 23).

“Não se torna louco quem quer⁵⁴”, e nem médium. A diferença principal entre o alucinado verbal e o médium ostensivo que ouve vozes começa no ponto de aceitação da situação de objeto. O médium quer ser um objeto e está predisposto a isso em instantes pré-determinados por ele⁵⁵, mesmo que não ocorra exatamente na hora em que ele quer; enquanto o alucinado nega o quanto pode sua posição momentânea de objeto e, com essa negação, passa as informações que seriam repassadas conscientemente por meio do Registro do simbólico para a outra pessoa ou para si mesmo pelo burilamento de sua vontade. Essa voz passa a existir apesar da vontade do alucinado (sujeito⁵⁶), que se torna não-sujeito porque a voz, para ser explicitada, rompe avassaladoramente a barreira do recalque por meio da esfera do real. E a voz fala, apesar do sujeito e faz dele um objeto, que não é mais dono de sua morada, e, portanto, não-sujeito.

Por meio de um processo denominado animismo, que consiste na dose de influência do médium na comunicação mediúnica, o médium vai paulatinamente interferindo nessa voz. Ele passa a ser um objeto que filtra as informações/palavras, trazidas por ela e passa de simples comunicador a tradutor. Praticamente não existe comunicação mediúnica sem animismo, nem mesmo depois de a mediunidade ser controlada, a não ser que o médium seja inconsciente, que ele se torne um objeto tão amplo que seja possível a retirada

⁵⁴ Lacan, 1955-1956, p. 24.

⁵⁵ Nas sessões mediúnicas.

⁵⁶ Sujeito do desejo. Sujeito na conceituação psicanalítica.

de todo o seu arquivo mental consciente. São raros esses casos, não chegam a 1% das comunicações mediúnicas. No dizer de Ferreira⁵⁷: “Esta história de médium absolutamente inconsciente carece ser revista. (...) no meu cérebro ficava tudo gravado; o que o espírito dizia, o que você [doutrinador] falava e o que eu pensava”⁵⁸.

Apesar de não explanarmos a respeito de Lacan neste estudo, faremos um parêntese que nos pareceu muito interessante. Usando os conceitos lacanianos de rela, simbólico e imaginário, observamos que segundo os espíritas, o grande problema do alucinado verbal é que ele nega para si as vozes que ouve atribuindo ao imaginário as vozes que aparecem no simbólico e, ao fazer a negação do simbólico, ele faz a não aceitação do imaginário (que julga ser fantasia) e a voz aparece no registro do real; a voz fala e o sujeito fica “sem chão”. Saindo dessa cadeia, a voz aparece como um sintoma; para o espiritismo esta voz é o aviso de que algo não está como deveria está, de que há alguém fora do sujeito, é o sintoma de um tipo de mediunidade, da mediunidade de audiência. Já para a psicanálise “a voz que me fala” é um sujeito falando de si mesmo em terceira pessoa. Quando o alucinado verbal relata ouvir vozes, ele passa a aceitar as informações que surgem no Registro do Simbólico. Não há mais a necessidade de elas aparecerem no real. Ele precisa aprender a lidar com essas vozes que ele ouve, ele já está aprendendo. É por isso que Lacan⁵⁹ defende que, quando o psicótico relata ouvir vozes, já é sinal de seu processo de cura.

Por que o alucinado verbal nega o simbólico? Porque se ele não o negasse, a sociedade em que ele vive negaria a ele o papel de sujeito. É o que ocorre com a maioria dos chamados loucos. Quando quem ouve vozes consegue dizê-las ao analista, inicia-se o processo de cura.

E se o psicótico não temesse a reação do analista e nem da sociedade? Se de entrada lhe falasse que ouve vozes? Não romperia de pronto a forclusão real? Não se resolveria mais facilmente a repressão que ocorre no Registro do Simbólico? Sua cura não teria outra direção?

⁵⁷ Ferreira, 2001, p. 132.

⁵⁸ Quando as comunicações não passam uma mensagem a outras pessoas, nem mesmo ao médium, essas comunicações são conhecidas como possessão. No processo possessivo, o espírito inferior apodera-se do corpo físico da pessoa encarnada e “vive” (subjuga) no lugar dela. Para que uma possessão possa ser efetuada é necessário que a pessoa encarnada apresente graves desvios morais. O animismo é justamente o resultado da explicitação, o sinal da luta pessoal do objeto para retornar a sua posição inicial de sujeito. “O médium me acolhe, me agasalha, abre a boca e só deixa passar o que não conflita com os seus pensamentos”. (Ferreira 2001, p.159).

⁵⁹ Lacan, 1955-1956.

Provavelmente não porque a grande luta do alucinado é exatamente a de entender-se como um sofredor comum, e de cessar de atribuir a um outro a autoria dessa voz, assumindo-a como sua, e responsabilizando-se pelas conseqüências provenientes dela.

Quem ouve vozes, no momento em que as escuta é um não-sujeito, torna-se objeto daquela voz que lhe diz, independentemente da procedência dela. Não importa, neste instante, se a voz é uma produção do próprio audiente ou se ela advém de um ser incorpóreo. O mais relevante nessas situações é que o sujeito⁶⁰ que ouve torna-se objeto e age como objeto, em uma luta incessante para entender o que a voz diz, livrar-se ou não dela, segurando-a ou não por mais tempo, de forma que o resultado da luta interna ou externa seja a retomada do sujeito, que deixa de ser objeto.

Entretanto, apesar da aproximação das lutas entre sujeito e objeto, o espiritismo entende o processo de audição de vozes e conceitua aquele que as ouve de maneira diferente da psicanálise. Para Kardec, o médium está na condição de objeto para ser usado por um sujeito espírito da espiritualidade. O médium é uma condição, a condição na qual a pessoa se encontra para cumprir sua missão. Portanto no momento do fenômeno mediúnico o médium deixa de ser sujeito e passa a ser objeto. Neste instante ele é um não-sujeito. Em outras palavras, é o fechamento da memória extra-cerebral (ou da expansão de consciência) por mecanismo de controle do médium (interno- por ele mesmo ou externo – por meio da sessão mediúnica ou do reconhecimento da situação de objeto) que faz com que o sujeito volte a ser o sujeito e tenha a sensação de ser o dono de sua própria casa, para que faça a tentativa de, de alguma maneira, responsabilizar-se pelo dito.

Na DE o sujeito se constitui, como tal, capacitado a ouvir e interpretar vozes, que somente ele ouve, para outras pessoas. O sujeito se põe como objeto para o outro- tanto o outro espírito como o outro para quem o espírito dirige sua mensagem através do médium. Na Psicanálise o sujeito está objetificado por essas vozes e para tornar-se sujeito o primeiro passo é descobrir que essas vozes não partem de um outro⁶¹.

⁶⁰ Sujeito psicanalítico.

⁶¹ Braga, 2007, sp.

Essas diferenciações conceituais, mais uma vez neste estudo, ratificam precariedade (ou quase ausência) de encontros entre a psicanálise e a doutrina espírita.

6.2 – As artimanhas estruturais do inconsciente com a voz

“A linguagem funciona inteiramente na ambigüidade, e a maior parte do tempo vocês não sabem absolutamente nada do que estão dizendo”.

(Lacan, 1955-1956, p.135).

A linguagem aliena quem fala e a sua expressão mais explícita é a voz; mas antes, a linguagem também estrutura o pensamento, pois pensamos com palavras, e quando não o fazemos, arquivamos nossas vivências no inconsciente. O inconsciente é estruturado como linguagem simbólica e guarda o significante das palavras, das ações, da história do indivíduo⁶². Para sair do inconsciente, precisa-se de um elemento externo, um ato do sujeito - ainda que esse ato seja imaginário - para reativar a informação que está no inconsciente. Entretanto, “uma psicose não é simplesmente isso, não é o desenvolvimento de uma relação imaginária, fantasmática, com o mundo exterior”⁶³.

Outra hipótese que formulamos neste texto, é que o simbólico do trauma⁶⁴ é tão forte que assume uma identidade imaginária para ser novamente simbolizada no *feedback auditivo*. Explicamo-nos: como pode ser visualizado na Ilustração 3, primeiramente ocorre a comunicação mediúnica ou o acontecimento traumático, no caso, a audição de vozes. O inconsciente recebe esta informação e a codifica como linguagem simbólica. O trauma passa a ser uma linguagem inconsciente. Para romper a barreira da resistência essa linguagem recebe elementos imaginários, que chamamos arbitrariamente de *plus*. Rompendo essa barreira, o trauma que agora é o resultado de uma linguagem simbólica somado a uma linguagem imaginária chega ao pré-consciente e depois ao consciente. Esse

⁶² Lacan, 1964.

⁶³ Lacan, 1955-1956, p.126.

⁶⁴ Trauma neste caso é o mesmo que elemento procurado.

trauma imaginário é expelido pelo analisando/médium para o analista/doutrinador, que simboliza o material acústico que lhe chega, trazendo para a realidade do fato, tentando revelar o enigma da linguagem. Quando o sujeito em atendimento analítico percebe que o analista assim o fez, ele sente-se traído pela sua voz que o delatou, e cai na esfera do real.

O analista, não desvendando tudo, mas parte do que recebeu, devolve para o analisando uma linguagem que traduz um trauma com elementos da realidade do fato e do imaginário. O sujeito, por meio do *feedback auditivo* recebe aquela nova linguagem que entra por seu inconsciente. Inicia-se uma nova roda do espiral finito que vai sendo diminuída à medida que o elemento imaginário vai cedendo seu espaço para o elemento da realidade da linguagem. Quando o analista devolver apenas o real simbolizado, chegar-se-á ao cerne da questão, encontrar-se-á a mensagem do espírito ou o fato do acontecimento traumático, simbolizar-se-lhe-á de outra maneira, devolvendo-lhe a linguagem simbólica primeira, que foi codificada. O trauma, neste instante, é colocado pelo analista para o analisando como um acontecimento comum. Sabendo que “para que haja sintoma é necessário que haja ao menos duplicidade, ao menos dois conflitos em causa, um atual e um antigo⁶⁵”, a duplicidade do sintoma é descodificada após todo esse ciclo.

⁶⁵ Lacan, 1955-1956, p.140.

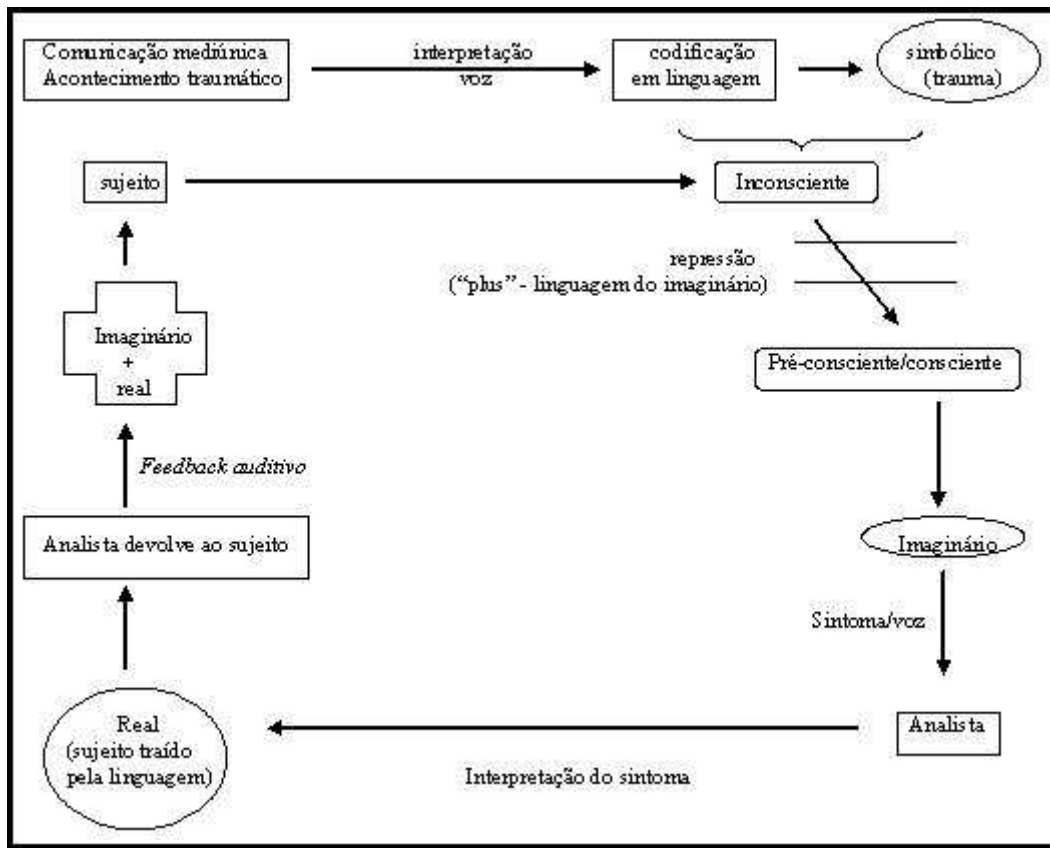


Ilustração 3 – A transformação do trauma em acontecimento comum.

No entanto, o problema da alucinação verbal começa bem antes deste ciclo. Talvez a maior dificuldade do analista seja ouvir do paciente o relato de que ele ouve vozes, impossíveis de se ver.

6.3 - A voz no R.S.I.

“Coisa curiosa, nas condições em que lhes dizem ‘a liberdade ou a morte’, a única prova de liberdade que vocês podem fazer nas condições que lhes indicam, é justamente a de escolher a morte, pois aí, vocês demonstram que têm a liberdade de escolha.”
(Lacan, 1964, p. 202).

Quem tem alucinações verbais muitas vezes não as relata, pois a voz que ouve é impossível de dizer. Quem ouve usa de sua voz ou de sua não voz para não dizer o impossível até que atinge o ápice em que é flagrado, por si ou pelo outro, conversando com essa voz; ou quando chega ao ponto de “intimidade” com a análise que confie em revelar ao analista a existência dessa voz. No momento em que a voz passa a adquirir uma significação dada por um outro, deixa de ser um sintoma para circular apenas na cadeia borroméia. Desta maneira, ela é imaginária quando fala de algo que o analisando e/ou o médium desconhecem; simbólica porque fala por meio de uma cadeia de significantes os quais o audiente conhece; e real, porque a voz fala mesmo que o falante não queira e ela pode dizer “coisas” das quais quem repassa a mensagem não possa se apoderar semanticamente no momento imediato e, que, apesar disto, não serão motivo suficiente para que ele cesse de repassar totalmente suas mensagens. A voz alucina, aliena o sujeito com sua linguagem e o captura para dentro de si de forma que ele não consiga parar de ouvi-la ou dizê-la. E o sujeito se acostuma com o vai-e-vem, com a mudança significativa e subjetiva da posição de sujeito para objeto e de objeto para sujeito a ponto dela não incomodá-lo mais pela sua simples presença, e passar a ser algo corriqueiro em sua vida, apesar de nunca ser considerada, pelo falante, algo natural.

Lacan⁶⁶ observa que, quando o alucinado relata ouvir vozes, está iniciando sua cura; a alta do paciente se aproxima, mas este em verdade, continuará muito provavelmente a ouvir vozes com o diferencial de que descobrirá que a escolha de escutá-las, no sentido de submeter-se, desde o início da audição, era sua. O fato do analisando ouvir vozes deixa de ser um problema, neste sentido, para o analista. Afinal, “já que ele compreende o seu processo, dá testemunho de uma maneira muito mais segura, muito mais firme, do estado terminal da doença⁶⁷”. Ele passa a reconhecer que essa voz objetificada não vem de um outro que não ele mesmo e, com isso, passa a ter ciência de que deve se responsabilizar por ela.

No entanto, para a doutrina espírita, neste momento em que se começa a relatar a escuta é que se inicia o tratamento, ou melhor, a educação da mediunidade. O espiritismo, defendendo que há um espírito desencarnado que fala, procura analisar as mensagens dessas vozes e, de alguma forma, organizar os momentos em que ocorrem estas comunicações, localizando-as dentro das sessões mediúnicas.

⁶⁶ Lacan, 1955-1956.

⁶⁷ Lacan, 1955-1956, p. 125.

Essa é a diferença crucial entre as duas teorias. Contudo, existem outras relações, no tocante à escuta de vozes que são dignas de observação. E “ser voz” é uma delas.

6.4 – Ser voz: A passagem do sujeito-objeto e suas relações dentro e fora

“Inda então era corpo, e, não, como hoje,
Simples, aérea voz; (...)
Todo o corpóreo humor lhe evapora;
Restam-lhe ossos, e voz; a voz, conserva-a;
Os ossos, diz-se, em pedras se mudaram; (...)
Em nenhum monte a vêem, ouvem-na em todos;
De viva, afora o som, não tem mais nada.
(Ovídio, 1959. p. 86-87)

6.4.1 - A voz na histeria e na mediunidade.

A voz pode ser considerada a forma de utilização do instrumento do ser. É o físico, é no que o sintoma naquela hora se transforma para fazer-se ouvir, fazer sua mensagem ser repassada e, principalmente, fazer-se existir para o outro (o próprio analisando ou o analista). O sintoma de uma insatisfação inconsciente ou um espírito outro como sintoma, pois se ele é voz naquele momento, ele é sintoma.

É como voz que o espírito pode ser representado para o doutrinador e para o médium da mesma forma que no caso da histérica Rosalie, paciente de Freud, que não conseguia cantar quando em presença de sua tia, a senhora K. se fazia ser voz. Nas palavras de Assoun⁶⁸ “é como voz que ela faz empalidecer de ciúmes a outra mulher, que ocupa o lugar de sua hospedeira”; a voz que a tia não tinha e que Rosalie usava para aproximar-se - mesmo que negativamente - e ao mesmo tempo afastar-se dela e de seu tio.

E o analisando /médium usa de sua voz para relatar ao analista/doutrinador a existência de um outro ser que é voz! Assim como Rosalie faz de sua voz a forma de fazer-se ver a si mesma e ao outro (seu tio). É o ouvir a voz que já pronunciei, *Nachtraglich*.

⁶⁸ Assoun, 1999, p. 30.

A voz aparece tanto no caso da mediunidade como no caso da histeria como um sintoma. O sintoma de que algo está diferente do que deveria estar. O sintoma que faz o sujeito ver-se ou esconder-se de si mesmo e de outros, que coloca o sujeito como objeto de um acontecimento marcante.

6.4.2 - A relação sujeito-objeto.

A passagem sujeito-objeto ocorre pelo lado do avesso: o espírito é o sujeito. É o sujeito que toma o médium como objeto. Em contrapartida é também o objeto que “facilita”, incumbe o médium de “pressentir” o momento do fenômeno mediúnico. Assoun⁶⁹ nos diz que “é a ‘presença ou ausência’ de um objeto que escande secretamente ‘a chegada e o desaparecimento dos fenômenos patológicos’”. Se o espírito não existisse, não se ouviriam vozes outras, pois quem as produziria senão o próprio sujeito?

Esta é a crença da psicanálise: não há espírito, só há sujeito: físico, visível, castrado, exposto no divã, autor e ator de seus próprios atos, ainda que possa não ser conscientemente dono de todos eles. E, como é necessário um objeto para desencadear o fenômeno, procura-se o elemento marcante, a causa do fenômeno na história de vida do próprio sujeito. Com a descoberta do trauma, a psicanálise demonstra ao sujeito que ele é um sofredor comum, ou, nas palavras de Landa⁷⁰:

A partir dos ensinamentos da psicanálise já estamos relativamente habituados ao fato de que todos os fenômenos ocorrem com todos. Eventualmente, varia um pouco o grau de intensidade, claro que varia de acordo com as capacidades, tendências e talentos individuais, mas não há fenômeno humano que se passe com determinado homem que seja estranho a outro.

O grande incidente que o sujeito viveu torna-se mais um acontecimento comum, e o narcisismo que embute a crença do trauma é desfeito.

⁶⁹ Assoun, 1999, p. 32.

⁷⁰ Landa, 1988, p.425.

A análise é, antes de tudo, o lugar onde se pode (e se deve) contar histórias de sujeitos para que elas se tornem histórias comuns. É o local de acolhimento deste sofredor que “está ‘controlado’ pelo inconsciente: se auto-hipnotizou em níveis mais profundos; não tem força de vontade suficiente pra se libertar das algemas que forjou para si⁷¹”.

As diferenciações neste ponto entre a visão da psicanálise e da DE, dizem respeito a “materialização” do objeto, a busca por ele e a forma de interpretá-lo (nomeá-lo). O local do objeto é dentro do próprio sujeito na psicanálise, enquanto o objeto está dentro e fora do sujeito na DE.

Quando se fala de um objeto dentro do sujeito na psicanálise pode-se pensar em duas hipóteses. A primeira é de que a causa do trauma não está necessariamente no objeto, mas sim na forma com quem o sujeito interpretou a atitude do objeto (que pode ser uma cena ou um Outro). Ele incorpora a atitude/reação do objeto para si e o engloba, (res)significando-o e o deixa sob a forma de alguma linguagem outra a que o consciente não tem acesso, pois está armazenada no inconsciente e correspondente ao objeto que está dentro do sujeito e passa a ser a própria linguagem. A segunda forma é dizer que o objeto está dentro do sujeito porque somente o sujeito tem acesso ao objeto (ou pelo menos deveria ter). Ele é o outro do sujeito. O objeto está sob comando do sujeito analisando no momento em que ele localiza-se no interior da história desse sujeito, nas entrelinhas de suas vivências e de suas significações. Por isso a descoberta do objeto pelo psicanalista depende do comando, da abertura que o sujeito permite ao analista, ou seja, até onde o sujeito inconscientemente permite o analista caminhar. Por outro lado o analista é um objeto que lembra ao sujeito de que há um outro objeto remanescente que precisa vir para a cena da análise, que há algo inconsciente que não é comandado por ele. Fica explícito nisto a importância do conceito e da prática do processo de transferência. Neste processo, o sujeito projeta no objeto/analista o objeto remanescente; transfere para ele suas angústias, seus medos, seu trauma e ao “visualizar” os dois objetos justapostos tira o objeto de dentro e joga o objeto para fora. O objeto remanescente passa para a esfera do real, e o analista é o encarregado de auxiliar o analisando a simbolizá-lo, expelindo dele a significação que o sujeito já sabe - por que o corpo mostra na voz, na dormência, no sintoma -, ainda que não saiba que sabe, por não o ter simbolizado em uma linguagem consciente. Por isso, a realidade da análise é a realidade psíquica. Afinal qual a serventia do fato real se o paciente o simbolizou de forma diferente? É o *Nachtraglich* de Freud.

⁷¹ Ferreira, 2001, p. 132.

Já para a DE o objeto é razoavelmente externo. Há algo de interno na medida em que o espírito encarnado inconscientemente sintoniza-se com o espírito desencarnado. Nesse sentido a maior parte do fenômeno é externa. Em ato, no momento do fenômeno, há ali um espírito/objeto. Ele é externo ao médium. No entanto, este, para comunicar-se com o audiente, interfere nele diretamente sob a forma da vibração da voz. E quanto mais apurada a sintonia, maior a sensação do médium da materialidade dessa voz. O objeto sob a primeira visão que propomos para a psicanálise, na DE é externo ao médium. No entanto, em relação a segunda visão, tem-se outra interpretação, haja vista que apenas o médium detém as informações que o objeto lhe repassa e que antes de serem conscientes também tem que atravessar a barreira da resistência. O objeto está dentro do médium/sujeito, assim como na psicanálise.

A relação sujeito-objeto nos remete, a partir de então, à relação da localização desse espaço que o objeto ocupa no sujeito.

6.4.3 - A relação do objeto com o espaço localizado.

O espaço dentro e fora do sujeito, dentro e fora do tempo e do inconsciente é outro fator interessante.

O objeto dentro do sujeito, em sua psiquê, em seu inconsciente (o objeto ser voz), na realidade precisa estar fora do sujeito para ser (res)significado e estar dentro do sujeito para ser descoberto que o objeto está com ele. O sujeito precisa descobrir-se objeto, o objeto de um outro sujeito que em algum tempo - que para facilitar a compreensão chamamos de presente - o faz de objeto. O sujeito é, pois, um objeto quando ouve vozes. Um objeto de um outro sujeito que está externo e inscrito na "atitude" de um outro que seja, por exemplo, um pai, uma mãe, um amante, um acontecimento marcante, e que tornou-se objeto quando representado por uma linguagem. Esta é a visão psicanalítica.

Para a DE, o sujeito é um objeto que cede seu lugar de sujeito, autor, produtor e totalmente dono da mensagem que repassa para que um outro objeto se torne sujeito e repasse sua mensagem por meio de sua voz. Neste momento (e somente neste momento) o objeto reminiscete (OR) e o objeto espírito (OE), são "um só e a mesma coisa": linguagem. É como linguagem que eles são (re)inseridos na realidade do sujeito. E ela torna-se corpo ao materializar-se na forma de imagens acústicas dotadas de significado

na mente humana. Dessa forma não é possível localizar o objeto no espaço nem mesmo dentro do sujeito, porque senão o objeto estaria no mesmo espaço do sujeito e ao mesmo tempo que ele, o que sabemos, não é viável.

O OR ou OE quando se tornam sujeitos na sessão de análise ou na sessão mediúnica, são a-espaciais. Como não é possível endereçar o espaço, tentemos localizar o tempo desse jogo de posições do objeto.

6.4.4 - A relação do objeto com o tempo.

O trabalho da análise é trazer os acontecimentos marcantes do paciente para o centro da cena. É ir ao passado e buscar as lembranças que hoje explicitam-se como sintomas. Trabalha-se com o passado tornando-o presente e com o presente embasado no presente e no passado, para que no futuro esses dois tempos presente e passado, já considerados como um só passado, possam estar desvendados pelo menos parcialmente para o paciente ainda que o analista não lhe diga (e não é seu papel dizer) o que fazer com as, literalmente, velhas novidades.

Com isso a primeira tópica freudiana diz que “Os histéricos sofrem de reminiscências⁷²”. Em síntese, o trauma é passado, mas quando o revivemos ele é presente, pois “a rememoração da mesma cena muda o curso do presente. Do presente, remontamos ao passado, e o passado assim reencontrado modifica o presente⁷³”. Podemos afirmar que o objeto do trauma também está no tempo presente; ele está nos dois tempos em intervalos mínimos e psíquicos, indetermináveis com exatidão e, portanto, podemos chamá-los de atemporais. Freud⁷⁴ nos diz que “os processos do sistema ICS são intemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema CS”.

Quando se tem a comunicação mediúnica o tempo é o presente e o objeto, *per se*, por ser externo em primeira instância também é presente. A voz é o sintoma do

⁷² Freud, 1909, p.33.

⁷³ Nasio 1997, p. 65.

⁷⁴ Freud, 1976, p. 214.

inconsciente, pois se estrutura sob a forma de linguagem, a linguagem inconsciente ou a mensagem que é repassada pelo espírito diretamente ao inconsciente do médium.

A atemporalidade torna o objeto presente. E, se o objeto é a voz do espírito ou do objeto que causou o trauma que está simbolizado como linguagem, a voz torna o passado um presente e o presente um momento fora de seu tempo real, e, portanto, atemporal.

6.4.5 - A voz como médium.

Destarte, considerando que a relação do OR e do OE, com o sujeito (analisando/médium) é uma relação inconsciente, atemporal e a-espacial, e que a voz é a medianeira de todo esse processo temos que: a voz não é só um sintoma, e não está somente na esfera do imaginário e do simbólico, mas a voz é a única parte desta relação de objeto-sujeito que tanto a DE quanto a psicanálise concordam em dizer que é real, nas duas acepções do termo.

A voz é real no sentido do chiste lacaniano porque diz algo apesar do sujeito e é real no sentido de realidade da DE porque ela é a única mensagem, a única pista do objeto e do sujeito, na medida em que é material, mesmo que esta materialidade só se realize na forma do som e de suas palavras. Apesar da do conceito de real aqui também ser diferente nas duas frente, analogamente à conceituação de inconsciente, podemos afirmar que a voz é o médium do inconsciente no caso da alucinação verbal e da mediunidade de audiência. E seus efeitos serão explicitados a seguir...

6.5 – Os efeitos da voz

“A voz toma corpo e vem atingir um tímpano: o do próprio locutor quanto o de seu destinatário; portanto a voz se estrutura num efeito de retorno, ou seja, o controle pela audição da emissão da voz.”

(Assoun, 1999, p.38)

6.5.1 - A voz como efeito de retorno.

Um efeito que podemos atribuir a voz é o de retorno, pois ela quando proferida sempre cumpre uma função. Seu efeito inicia-se no tímpano de quem ouve, seja o próprio sujeito quem diz, seja um sujeito outro; ela precisa de um destino, e o que dele apreendemos são justamente os louros de seu efeito: o gozo da voz está no *feedback auditivo*.

Entretanto quem fala na alucinação não tem o gozo da voz ao ver o efeito dela no outro, em virtude do fato de que essa voz passa uma mensagem, é carregada de um significante o falante não reconhece como seu, porque para o sujeito não foi ele quem elaborou a fala, mas um outro que ele não sabe definir quem seja, mas que para o analista advém do inconsciente e que a DE denomina de espírito comunicante. Repassar uma mensagem de alucinação, neste caso, é uma “quebra” da pulsão do sujeito alucinado; por outro lado é uma forma de gozo imediato, psíquico e físico para o alucinado que têm um gozo psíquico associado á sensação de poder haja vista que a mensagem está sob o alcance só dele. Enquanto o médium acredita realizar uma expansão de consciência e esta EC mexe com sua psiquê proporcionando-lhe também o gozo psíquico,mas associado a um gozo físico, porque literalmente ele sente suas estruturas usadas, “tocadas” por um outro.

Neste caso, o momento do fenômeno mediúnico ou da alucinação verbal é um momento de êxtase pulsional.

6.5.2 - A voz como efeito do sintoma.

É preciso ver o sintoma, já dizia Charcot. E a voz é um sintoma não visto, mas ouvido, pois ela não é vista em lugar nenhum, nem quando o interlocutor é visível; pode-se dizer que independentemente de quem a produz, a voz é invisível. Entretanto o que diferencia a patologia do sintoma não é sua visibilidade. Freud nos traz o exemplo de uma paciente que apresenta uma dormência no rosto. Dormência esta não caracterizada como patologia, porque os médicos nada encontraram e que ali está, é física, é visível e só pode ser interpretada como um sintoma, neste caso. Tem-se, portanto, um exemplo de um sintoma visível, mas que deve ser escutado, como significante que é. No entanto, a voz, o principal sintoma de um analisando, não é visível. Faz-se no máximo uma imagem mental

do que é falado ou de quem fala, mas não é possível visualizar a voz. Ela é, pois, um elemento da linguagem. É um sintoma invisível.

Lidar com um sintoma invisível em si é a função do analista que o traduz para a materialidade, talvez essa seja a importância de o analisando não vê-lo fisicamente. A voz precisa materializar-se sem a interferência de um outro, que pelo simples fato de ser corpo, estar presente e ser visto, interfere na passagem da barreira da resistência. Pois, mesmo que não queiramos, o corpo fala. E a expressão do analista é a mediação entre o que se fala e o que o analisando ouve que falou, o *feedback visual* ainda que não totalmente controlado pelo profissional. Não ver o ouvinte é uma forma de deixar o falante mais livre para se expressar.

A voz emerge plenamente quando a imagem do locutor se furta – o que faz da voz *em off* o protótipo desta voz que toma efeito mais-além da imagem do seu locutor (que, na verdade, atrapalha um pouco quando aparece)(...) e de tanto olhar, não se ouve mais grande coisa⁷⁵.

A não visão da voz faz com que prestemos atenção em sua mensagem. A análise é da instância da letra, porque a necessidade de se ver? Se o locutor atrapalha não é melhor apenas ouvi-lo e traçar uma relação tríade entre analista, analisando e a voz? Porque não apenas analisar o que a voz “invisível” fala por meio do interlocutor visível deitado no divã, independentemente da procedência dela?

Porque é a procedência dessa voz que transforma o alucinado em um sofredor comum. É a identificação dela como proveniente do próprio sujeito que faz com que ele se responsabilize pelos efeitos dessa voz em si e em qualquer outra pessoa ou acontecimento.

“A psicanálise penetra na questão (...) da voz assumindo a angústia precisa (...) de uma voz que escaparia de seu recinto. É preciso deixar falar aqui o sintoma⁷⁶”. É necessário dar uma chance a essa voz que fala e se traduz como significante em um corpo físico. Mas antes, é preciso entender essa exarcebação.

⁷⁵ Assoun, 1999, p.13.

⁷⁶ Assoun, 1999, p. 15.

6.5.3 - A voz como efeito do significante e do corpo físico.

A voz como sintoma é um efeito do significante e do corpo. Do significante porque além de ser o meio de transporte da mensagem, ela modifica semanticamente as palavras por seus elementos supra-segmentais; e do corpo porque para existir necessita de todo um aparato corporal, que se estende, grosso modo, dos pulmões até a boca.

No entanto essa mesma voz para levar a mensagem necessita da preexistência dos significantes, e, portanto, ela não é independente do significante nem do corpo, mas existe em função destes dois elementos.

Para ser voz é necessário que ela seja efeito da linguagem e do corpo ou de uma linguagem e de um corpo, assim como ela precisa identificar um eu.

6.5.4 - O efeito da voz na identificação do eu.

“Devo me reconhecer inteiramente nessa voz?”⁷⁷. A escuta física da minha voz faz com que eu me identifique com ela? Essa identificação ocorre pelos elementos supra-segmentais da voz? Ou eu me identifico pela mensagem?

A voz que eu produzo e escuto apresenta fisicamente sempre uma alteridade; posso reconhecer meus pensamentos sob uma forma material. E o material é provisório porque quando vi eu já falei. Então, penso: o que vou falar, enquanto falo e no que disse depois que falei e fico sob o efeito de minha voz. São estas as três fases de pensamento da voz produzida pelo sujeito.

E o “problema” de quem ouve vozes é exatamente este: identificar-se com a mensagem para que possa responsabilizar-se por ela. Neste sentido, o médium deve filtrar o que ouve antes de repassar e mesmo indagar ao espírito que lhe diz o significado da mensagem.

Ele aceita sua posição de objeto mesmo agindo como sujeito. No desenrolar da passagem da mensagem (o penso enquanto falo) o objeto vai paulatinamente

⁷⁷ Assoun, 1999, p.39.

retomando sua posição de sujeito inebriado/invadido pelo efeito de sua voz, ou seja, ao ouvir a sua própria voz supra-segmental e tentar compreender a mensagem segmentar que ela repassa, o objeto retorna naturalmente para a sua posição de sujeito. Esse é um dos motivos pelos quais se diz que as mensagens são primeiramente para o próprio médium que as escuta, haja vista que ele é o filtro. Isto significa que o sujeito se ata ao terceiro pensamento das fases da voz, o penso depois no que a voz me disse.

Por outro lado, o alucinado da psicanálise não sabe o que fazer com essa voz que ouve. Repassa sem filtrá-la ou distorcendo-a em demasia, forçando sua identificação como sujeito. É sua tentativa de apossar-se de sua própria voz e conseqüentemente da não aceitação de sua posição de objeto. Ele tenta manter-se na posição de sujeito e dominar todo o processo de formação (temporal e mental) de sua voz. Não volta para a posição de sujeito naturalmente na terceira fase de pensamento, pois, jamais cedeu a posição de sujeito, mas esta lhe foi tirada, mesmo sem o seu consentimento e ele tornou-se objeto contra sua vontade e sem sua aceitação. O alucinado não filtra, mas também não se identifica com a mensagem. Nega o simbólico e a voz fala apesar de seu consentimento, na esfera do real. O que lhe falta é o equilíbrio do filtro e da posse de sua voz e da mensagem, para que não se perca o sujeito. Essa perda pode ocorrer pela não identificação da voz como sendo sua mesmo que proveniente de uma estruturação inconsciente. Parece-lhe que ela é externa, quando em verdade é advinda do próprio sujeito que acha essa voz impossível de dizer.

Em verdade, o sujeito para aceitar a posição de objeto por meio de sua própria voz necessita saber lidar com a máxima de Freud de que “o sujeito não é senhor de sua própria casa” e a partir de então responsabilizar-se por essa casa que não deixou em momento algum de ser sua.

A identificação como eu é a causa do distúrbio. O eu quer ser completo, dono de seu próprio corpo e de sua voz ou do corpo de sua voz; por isso a palavra-chave para entender a alucinação verbal é defesa. Defesa de si mesmo, do outro “a” e/ou de um outro A (um pai, uma mãe, entre outros). “Alguma coisa que foi rejeitada no interior reaparece no exterior⁷⁸.” Esta manobra é o retorno do recalçado.

Neste sentido, a visão espírita diz que o problema do médium é que ele rejeita a mediunidade por não a conhecer - um saber que não se sabe, pois que ele é programado para ser médium - e por isso se vê louco. E o desespero do médium se

⁷⁸ Freud *apud* Lacan 1955-1956, p.97.

caracteriza pelo retorno do que aparece no exterior. A psicose espírita, dessa maneira, nada mais é do que a forma como o médium se vê dentro do fenômeno mediúnico. Já a alucinação, para a DE é algo mais amplo, ela não se resume aos quadros psicóticos, podendo ser encontrada também, por exemplo, nos histéricos. De forma semelhante, a obsessão é o efeito no médium de sua sintonia com os espíritos e seus pensamentos. E a mediunidade de audiência é o todo que engloba a obsessão verbal (espíritos inferiores), a comunicação com os espíritos superiores e com entes queridos desencarnados. Mas é preciso cuidado ao se falar de loucura verbal. Uma diferenciação importante a ser realizada e, talvez a mais difícil de ser feita e por vezes defendida pela DE, relaciona-se à natureza da loucura.

Psicoses, paranóias, alucinações e esquizofrenias entre outras patologias, são alterações da mente refletidas no corpo. As doenças da mente ou alucinações mentais, as quais denominamos vulgarmente “loucura” têm uma divisão importantíssima. A chave do problema da loucura está no perispírito. Desvendado seus mistérios é possível separar os seus tipos⁷⁹.

Menezes (2002) admiti que existem dois tipos de loucura⁸⁰: a científica e a espiritual, que se subdivide em por obsessão e por mediunidade mal educada ou falsa loucura.

A loucura científica pode ser ilustrada pela esquizofrenia. Nesta existe a manifestação física delimitada e explicitada no cérebro do doente.

No caso da loucura por obsessão ela está relacionada a espíritos que normalmente encontram-se em reencarnação compulsória e isolam-se do mundo exterior vivendo no tempo e no espaço psíquico de suas mentes doentes. Podem reviver cenas de vidas de outras encarnações fixando-se em fatos traumatizantes ou serem obsediadas, possesas ou fascinadas⁸¹ por outros espíritos perseguidores em uma sintonia tal que não raro, não conseguem diferenciar seus próprios pensamentos com os de outrem, se é que são diferenciados. Neste quadro de fixação mental o espírito repete sempre em sua mente quadros de vidas passadas ou de impressões de sua mente. Impressões que podem ser

⁷⁹ Menezes, 2002.

⁸⁰ Separamos os tipos de loucura espírita neste momento do trabalho para tornar claro que a loucura não é tratada como assunto de fácil resolução na DE; antes, esta admite que os procedimentos de análise são fundamentais para tratar desse quadros diagnósticos, em especial, os de fixação mental.

⁸¹ Talvez por isso Schreber (1903) via homenzinhos.

formuladas por sua própria mente como a sua imagem de céu ou inferno, anjo ou demônio ou sugeridas (diríamos quase impostas) por espíritos inferiores. Os processos de culpa remetem muito a este quadro e as vozes que o médium ouve são lhe parecem tão reais, mas tão reais que ele muito dificilmente conseguirá dizer ao doutrinador quando um espírito lhe fala e quando ele mesmo fala.

Segundo Luiz (2006) quando se consegue contato com este tipo de enfermo é por meio da sintonia mental, por que, raras vezes, eles têm o domínio de seu corpo físico. O espírito está prostrado, extático, como que inerte em relação ao invólucro que possui. Somente seu corpo mental (mente) se desloca fixando-se no tempo e no espaço. Em um tempo outro e em um espaço de realidade psíquica muito difícil de atingir. O olhar dos pacientes neste estado assemelha-se ao de hipnóticos, tamanha a sua indefinição e indiferença. Fica a ressalva que nem sempre estes pacientes estão hipnotizados por espíritos inferiores, às vezes, possuem apenas a fixação mental. Já a loucura espiritual medianímica - que neste estudo trataremos apenas da de audiência - é chamada de loucura (o sintoma é a alucinação verbal para a psicanálise “espírita”) quando quem a diagnóstica não acredita na comunicação com os espíritos e nem quem a possui/apresenta. Na verdade, ela geralmente é um processo de adaptação e educação da mediunidade.

O foco do presente trabalho no âmbito do espiritismo é justamente a loucura clariaudiente.

Novamente, a forma de significar a voz para o alucinado verbal e para o médium de audiência é muito diferente. Enquanto o alucinado tem que aceitar a voz que ouve como sua, o médium tenta diferenciar a sua própria voz de outra voz que ele acredita provir de um outro.

6.6 – Os tratamentos: Sessões mediúnicas e análise

“Estava eu ali falando de Deus com um paciente psiquiátrico. inútil a divergência entre a Psicanálise e a religião; fé e ciência se misturariam sempre... eu não tinha teorias médicas que pudessem valer-me naquele instante. (...) Eu podia mudar de nomenclatura, mas, no fundo, seria a mesma linguagem”.

(Ferreira,2001, p.60).

As sessões de análise são o espaço e o tempo determinados pelo analista e pelo analisando para trabalhar a relação do paciente com seu sofrimento, no caso, com os efeitos da voz que o alucinado ouve.

De forma análoga, se substituirmos os vocábulos análise por mediúnicas, analista por doutrinador e analisando por médium, chegaremos ao tratamento espírita.

Ambas sessões tratam da voz e da fala. Da voz (independentemente de sua origem) que é ouvida pelo sujeito, por meio do relato falado dele; é a fala do sujeito audiente que delata ao analista/doutrinador, que ele ouve vozes.

Esse sujeito descarrega essa voz nas sessões de análise ou mediúnicas no conceito subjetivo da esperança de que o analista ou o doutrinador possam ajudá-lo a significar e a lidar com sua escuta.

O papel tanto do analista quanto do doutrinador é ouvir o sujeito e dar-lhe um retorno. Um *feedback* ao sujeito e a seu inconsciente (outro a), se for o analista; ao sujeito e a um outro espírito (outro A) , no caso do doutrinador. Nos dois casos, há uma devolutiva ao sujeito e a um outro.

Nessas sessões a voz ouvida pelo sujeito recebe atenção de um outro. Ela tem a oportunidade de materializar-se para além da mente do sujeito que as ouve; são a chance dessa voz circular na esfera do real, ser simbolizada por outro e assim percorrer os arcos da cadeia borroméia.

O lugar da voz materializar-se é no tempo e no espaço das sessões; o direcionamento da mensagem é para o analista ou para o doutrinador. No entanto, o que fazer com essa voz ou com o quê ela disse é completamente diferente entre a psicanálise e a doutrina espírita.

O que salientamos neste tópico é apenas a semelhança das duas na maneira de materializar essa voz, por meio do sujeito. É, simplificada, o início da cura pela fala do audiente.

É imprescindível destacar também que as sessões de análise são individuais. “No *setting* terapêutico só existem duas pessoas. Se tu falas é para o analista.⁸²” Enquanto as sessões mediúnicas são coletivas e após estas, ocorre uma discussão entre os

⁸² Remor, 2007, sp.

participantes a respeito das comunicações. Essa discussão é inviável no ambiente de análise. O analista não está ali para discutir como paciente se a voz falou ou não se ele ouviu com certeza e menos ainda qual o significado coletivo do dito. O analista está ali para recolher e tratar desse sujeito, auxiliando-o a identificar essa voz como sendo dele mesmo e dessa maneira a assumir a responsabilidade por seus atos, ainda que não se veja dono completo deles.

A diferença entre análise e sessão mediúnica é relevante demais, pois apesar de serem o tempo e o espaço separados para se falar da voz, os procedimentos para que isso ocorra, assim como a significação que esta voz assumirá para o analista ou para o doutrinador, para o alucinado verbal ou para o médium é realmente muito diferente, quase paradoxal.

A psicanálise usa a análise para analisar a psiquê humana enquanto a doutrina espírita usa a sessão mediúnica para doutrinara, educar o espírito.

“...pode haver uma arte de efetuar essa conversação de maneira mais rápida e eficaz possível; porém não de implantar a faculdade da visão, que já existe, mas não está voltada onde deve e não encara a verdade. “
(Platão, 1964, p. 207)

*Não se apaga, não se cala essa voz
Não se esquece, permanece essa voz
Voando livre no espaço essa voz
Eterno canto de esperança essa voz
Ela é humana e é divina essa voz
(Nascimento e Brant, 2002)*

Esse estudo teve como objetivo encontrar semelhanças e diferenças entre a psicanálise e a doutrina espírita dentro do universo de pessoas que relatam ouvir vozes invisíveis.

Com a revisão de literatura realizada na primeira parte da pesquisa e as aproximações tentadas na segunda parte, chegamos a algumas conclusões:

Em relação às possíveis aproximações entre a teoria de Freud e a doutrina de Kardec precisamos ser mais cautelosos. Com certeza, ambas apresentam semelhanças explicitadas nos capítulos quatro, cinco e seis, das quais salientamos que o surgimento das duas ocorreu no século XIX na Europa em decorrência da necessidade de saciar o desejo de dois personagens singulares: Freud e Kardec. O primeiro inquietava-se com os diagnósticos e os tratamentos que para ele não resolviam o problema dos pacientes, como o conhecido caso de Ana O., já acreditando que havia algo além do sintoma, algo além do que os olhos viam. O segundo, não se conformava com a crença da sociedade europeia de mesas pensantes; acreditava não haver nada além do que os olhos poderiam ver e queria encontrar uma explicação física para o processo.

Surge a primeira discordância entre a psicanálise e a doutrina espírita: o intuito de seus responsáveis era diferente e conseqüentemente seus métodos de construção também.

Para atingir seus objetivos Freud criou a associação livre e Kardec seguiu o método comtiano na busca também da legitimação de sua ciência. De maneira que a partir de então as discordâncias entre as teorias foi paulatinamente aumentando, sendo bastante relatadas no capítulo cinco.

A angústia de aproximá-las no âmbito da audição de vozes compôs o capítulo seguinte. O encontro ocorreu superficialmente na detecção de que a significação do sujeito que ouve vozes localiza-se na pessoa que o interpreta, se por

um psicanalista trata-se de um sujeito do desejo (alucinado verbal), se por um doutrinador falamos de um médium de audiência.

Outra concordância é a de que o tempo presente e o espaço físico separados para os tratamentos são as sessões de análise e as sessões mediúnicas.

A curiosidade encontrada foi: enquanto o relato da audição de vozes é início do fim do tratamento para a psicanálise, o mesmo fato é o início do tratamento para a doutrina espírita.

Afora as semelhanças, as diferenças superaram as expectativas da autora.

A nomologia entre as frentes não coincidem, os papéis dos analistas e dos doutrinadores também não. As sessões de análise são individuais enquanto as mediúnicas são coletivas. A teoria psicanalítica materialmente aparenta ser mais científica do que a ciência espírita, apesar de não reivindicar esse *status*.

Com essas diferenciações já seria possível concluir que o desencontro é maior que o encontro entre as frentes. No entanto, Elisandra surpreendeu-se um pouco mais, ou um pouco muito mais.

Se o século XIX pôde abrir espaço para aproximar aparentemente as duas construções, o século seguinte não foi tão homogêneo.

O século XX é indubitavelmente o século da psicanálise. O tempo determinado de seu apogeu, de sua repercussão e até mesmo de sua mundialização; a criação freudiana é seletiva quanto a seus reais adeptos, mas todo o globo conhece a máxima: “Freud explica” e os termos psicanalíticos como histeria, neurose entre outros.

A diferença das obras de Freud e Kardec é epistemológica, como já foi relatado anteriormente e diante desse estudo concluímos que andamos no tempo e no espaço, delimitamos nosso objeto de estudo, caminhando nessa linha não tão tênue de ligação entre a psicanálise e o espiritismo que forçamos existir.

No entanto, restou um outro; um outro a (inconsciente) ou um outro A (espírito) responsável por esse trabalho. Esse outro não conseguimos localizar, pois vive em um tempo dinâmico e em um espaço que não nos pertence. Um outro que, independentemente de falar para um analista ou para um doutrinador, diz; provém de um sujeito não consciente; não pode ser visto, não apresenta forma física;

dedica-se bem ou mal ao sujeito que ouve; fala apesar do sujeito; e é o responsável por levá-lo a procurar ajuda. Um outro que não tentamos delimitar,mas que não resistimos em tentar compreender. Um outro que só tem espaço na análise ou na sessão mediúnica em momentos e espaços distintos, pois se é o mesmo em ambos os lugares,não conseguimos identificar.

A não identificação pelas diversas possibilidades pautadas nas verdades de cada indivíduo faz com que concluamos: a psicanálise e a doutrina espírita desencontram-se no tempo e no espaço da atualidade de forma tão significativa que nos impossibilita de destacar suas semelhanças, haja vista que o objetivo delas é completamente diferenciado.

O audiente terá sempre que escolher o que deseja, o que prefere procurar e qualquer que seja sua opção será recolhido e tratado, mas de forma completamente diferente desde seu acolhimento, de sua significação, até o tempo em que permanecer em tratamento.

Por último, quanto à angústia de Elisandra que relatamos na introdução dessa dissertação ela: alivia-se por ter descoberto que não precisará ensurdecer uma dessas vozes apesar de compreender que têm que ouvi-las em tempos e espaços diferentes; agrava-se ao notar a ausência de um consenso entre o que elas dizem e; prossegue incomodando ao ter ciência de que continua existindo um outro que, na melhor das hipóteses, é voz e indaga ao sujeito: “Você pode me ouvir?”!

ABBAGNANO, N. **História da filosofia**. 4.ed. Madri: editorial Presença, 1993.

ASSOUN, P. L. **O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz: fundamentos da clínica à teoria**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

BARBOSA, P. F. (1977). **A ciência espírita ou do espírito**. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/ciencia/a-ciencia-espirita.html>, acesso em 30/05/2007, às 19:30h.

BAND, A. (1996). **Sigmund Freud**. Disponível em: http://www.artesdecura.com.br/revista/arte_curadores/freud.htm, acesso em 06/07/2007, às 09:29h.

BELCHIOR, Y. **Psicanálise e o Social – é a psicanálise uma ciência?** Disponível em: <http://www.infonet.com.br/yarabelchior>, acesso em 16/09/2004, às 17:17hs.

BOFF, L. **A águia e a galinha – uma metáfora da condição humana**. 25.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BORGES NETO, J. A gramática gerativa transformacional: um ensaio de filosofia da lingüística. Tese de doutorado. IEL – UNICAMP, 1991.

_____. **O empreendimento gerativo**. IN: MUSSALIN, F. ; BENTES, A.C.(Org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004a, p. 93- 130.**

_____. **Ensaio de filosofia da lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004b (Lingua[gem]; v.10).

BÍBLIA SAGRADA. **Salmos**. São Paulo: Brasil, 1950.

BRAGA, S. Notas de aula, **2007**.

BUENO, F. S. Silveira Bueno: **Minidicionário da língua portuguesa. Ed. Ver. e atual. São Paulo: FTD, 2000.**

CENTRE SPIRITE LYONNAIS ALLAN KARDEC. **O nascimento do espiritismo**. Disponível em: <http://home.ism.com.br/~pauloaf/Curso1.htm>, acesso em: 24/09/2006, as 17:00h.

CHAVI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIBENI, S.S.(1987). **Estudo sobre a mediunidade**. Disponível em: <http://www.espirito.com.br/portal/artigos/geeu/estudo-mediunidade.html>, acesso em 02/07/2007, às 09:31h.

_____. (1988). **A excelência metodológica do espiritismo**. Disponível em: <http://www.geocites.com/athens/academy/8482/exemet.html>, acesso em 30/05/2007, às 19:05h.

_____. (1991). **Ciência espírita**. Disponível em: www.geocites.com/athens/academy/8482/ciesp.html, acesso em 30/05/2007, às 19:03h.

_____. (1994). **O paradigma espírita**. Disponível em: <http://www.espirito.com.br/artigos/geeu/o-paradigma-espirita.html>, acesso em 25/06/2007, às 21:22h.

_____. (1998). **Quadro dos principais fatos referentes a Allan Kardec e às origens do Espiritismo**. Disponível em: <http://www.espirito.com.br/portal/artigos/geeu/quadro-fatos-espiritismo.html>, acesso em 03/07/2007, às 09:35h.

_____. (1999). **A “ciência oficial”**. Disponível em: www.geocites.com/chibeni/artigos/quest/quest4.html, acesso em 30/05/2007, às 18:53h (questões acerca da natureza do espiritismo IV).

_____. (2003). **O espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso**. Disponível em: www.geocites.com/athens/academy/8482/tripliceaspecto.html, acesso em 30/05/2007, às 18:57h.

CHNAIDERMAN, M. **O hiato convexo** – literatura e psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1989.b

COELHO, R. (2006). **Positivismo e espiritismo**. Disponível em: <http://www.geae.inf.br/pt/boletins/geae509.html>, acesso em: 30/05/2007, às 19:43h.

CORDEIRO, J. **Espiritismo e ciência**. Disponível em: <http://www.terraespiritual.locaweb.com.br/espiritismo/esp01.html>, acesso em 30/05/2007, às 19:49h.

DARTIQUES, A. Uma filosofia crítica das ciências. 3. ed. IN: _____. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Moraes, 1992, p.71-92.

DE LEMOS, C.M.T.G. **Seminário sobre Linguagem, Língua, Sujeito e Singularidade**. Florianópolis, 2006.

DI BERNARDI. Depressão. In: **Palestra da Associação Médica Espírita de Florianópolis**. Florianópolis: julho de 2006.

DI SANTO, J.M.R. **Freud e a psicanálise...** uma ligação indissolúvel. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.pro.br/freudpsi.htm>, acesso em 06/07/2007, às 09:34h..

FACURE, N.O. **Ciência e espiritualidade**. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/ciencia/ciencia-e-espiritismo.html>, acesso em 30/05/2007, às 19:36h.

FARACO, C.A. Estudos pré-saussurianos. IN: MUSSALIN, F. ; BENTES, A.C. (Org.) .Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 27-52.

FERREIRA, I. **Do outro lado do espelho**. Votuporanga, SP: Casa Editora Espírita, 2001.

_____. **Na próxima dimensão**. Uberaba, MG: Liv. Espírita Edições "Pedro e Paulo", 2002.

FORRESTER, J. As seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

FREIRE, R.M. **A linguagem como processo terapêutico: socioconstrutivismo: interações eficazes**.2.ed. São Paulo: Plexus editora, 2002.

FREUD, Sigmund. (1909). **Cinco lições de psicanálise: Contribuições a psicologia do amor**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. (1914). História do Movimento Psicanalítico. In: _____. **Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (1 CD-ROM).(volume XIV).

_____. **O Inconsciente**. Rio de Janeiro. Imago,1976.

GONZAGUINHA. **Sangrando**. Música. sd.

GREGÓRIO, S.B.(1996) **Sociologia e espiritismo**. Disponível em: <http://ceismael.com.br/artigo/artigo076.htm>, acesso em 30/05/2007, às 19:44h.

_____. (2007). **O papel da religião**. Disponível em:

<http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo33.htm>, acesso em 09/07/2007, às 221:31h.

HEIDERMAN, W. Wilhelm von Humboldt. IN: PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (Org). **Ciclo "Lendo os Clássicos"**, 2005.

HUMBOLDT, W. von. On language: **the diversity of human language – structure and this influence on the mental development of mankind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas**: sexta investigação – elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ILARI, R. O estruturalismo lingüístico: alguns caminhos. IN: **MUSSALIN, F. ; BENTES, A.C. (Org)**. Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos, volume 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 53- 93.

KANASHIRO, M. **A interação dos discursos científico e religioso**. Disponível em:

<http://www.comciencia.br/200407/reportagens/06.shtml>, acesso em 30/05/2007, às 19:46h.

KARDEC, Allan.(1857) **O livro dos espíritos**. 86.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

_____. (1859) **O que é espiritismo?** 52.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

_____. (1861) **O livro dos médiuns**. 76.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

_____. (1864). **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 124.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

_____. (1868). **A Gênese**: os milagres e as predições segundo o espiritismo. 48.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

_____. (1890). **Obras Póstumas**. 36.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

LACAN, J. (1955-1956). **O seminário, livro 3** : As psicoses (1955-1956). 2. ed. revista, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. (1964). **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1966-1968). Do sujeito enfim em questão. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1972). **O seminário, livro 22**: R.S.I. Inédito.

_____. (1974). **O seminário, livro 21**: Os nomes do Pai. Inédito.

_____. **O seminário, livro 8**: Transferência. 2.ed. revista-Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LANDA, F. Olhar louco. In: NOVAES, A.(Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LECOURT, E. **Freud e o universo sonoro**: o tique-taque do desejo. Goiânia, GO: Editora UFG, 1997.

LUIZ, A. **Mecanismos da mediunidade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004 (série André Luiz; 12) (Coleção A vida no mundo espiritual).

_____. **Nos domínios da mediunidade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005 (série André Luiz; 8) (Coleção A vida no mundo espiritual).

_____. **No mundo maior**. 25. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006 (série André Luiz; 5) (Coleção A vida no mundo espiritual).

MAIÊUTICA FLORIANÓPOLIS. **Maiêutica Florianópolis** – Instituição Psicanalítica. Disponível em: <http://www.maieutica.com.br>, acesso em 22/06/2008, às 14:30h.

MALISKA, M. E. Entre Lingüística & Psicanálise: **o real como causalidade da língua em Saussure**. Curitiba: Juruá, 2003.

_____. O mal-estar do psicanalista migrante. In: **Jornadas comemorativas 20 anos Maiêutica** – “o psicanalista e a cidade”. Florianópolis, 2004, mimeo.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. IN: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Org.). Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos, volume 3 . São Paulo: Cortez, 2004, p.439-474.

MASCARENHAS, A. **A ciência e o espírito.** Disponível em: www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/ciencia/a-ciencia-e-o-espirito.html, acesso em: 30/05/2007, às 19:29h.

MENEZES, A.B. A loucura sob um novo prisma: (estudo psíquico-filosófico). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de La perception.** Paris: Gallimard, 1945.

MILLER, J.A. **Percorso de Lacan:** uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987 (Campo Freudiano no Brasil).

MONTENEGRO, O. **Metade.** Música. 2004.

NASCIMENTO, M. e BRANT, F. **Essa voz.** Música, 2002.

NASIO, J.D. **A alucinação e outros estudos lacanianos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 (Transmissão da Psicanálise).

NEVES, J.; AZEVEDO, G. de; CALAZANS, N. e FERRAZ, J. ; **Projeto Manoel P. de Miranda** (Reuniões Mediúnicas) – Salvador, BA, Livraria Espírita Alvorada, 1997.

_____. **Projeto Manoel P. de Miranda** (Vivência Mediúnic) – Salvador, BA, Livraria Espírita Alvorada, 1998.

OVÍDIO. **As metamorfoses.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1959.

PAVIANI, J. **Merleau-Ponty:** a fenomenologia e as ciências do homem. In: seminário sobre pesquisa fenomenológica em ciências humanas. Rio de Janeiro: ANPESS/CBCISS, 1990 (mimeo).

PLATÃO. Livro VII. In: _____. **A República.** Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1964, p.203-232 (Biblioteca dos séculos – diálogos III).

POTTER, K. H. **Vedas.** Disponível em: <http://mb-soft.com/believe/tto/vedas.htm>, acesso em 24/09/2006, as 18:15h.

REMOR, C. A. **Notas de aula**, 2007.

REVISTA ÉPOCA. **O maior brasileiro da história**. Edição nº434. Especial. 2006.

ROCHA, M. Notas de aula, 2005.

SAGAWA, R.Y. **Um recorte da história da psicanálise no Brasil**. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/artigos1.pdf>, acesso em 06/07/2007, às 09:32h.

SANTOS, P.R. **Os limites da ciência**. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/ciencia/os-limites-da-ciencia.html>, acesso em 30/05/2007, às 20:29h.

SARTRE, J.P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cutrix, 1915.

SCHREBER, D. P. (1903) **Memórias de um doente dos nervos**. São Paulo. Paz e Terra, 1995.

SHAKESPEARE. **Hamlet**. Ato 2, Cena 2.

SPRINGER, S.P.; DEUTSCH, G. **Cérebro esquerdo, cérebro direito**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.

WIKIPEDIA. **Ciência**. Disponível em: <http://www.wikipedia.org>, acesso em 09/07/2007, às 21:33h.

XAVIER JR., A.L. **Algumas considerações oportunas sobre a relação espiritismo-ciência**. Disponível em: <http://www.geocities.com/athens/academy/8482/ademir.html>, acesso em 30/05/2007, às 19:02h.